

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓR-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Elis Ramos Moreira

AMERICANAH: entre a literatura e a sociedade

Juiz de Fora

2021

Elis Ramos Moreira

AMERICANAH: entre a literatura e a sociedade

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves

Juiz de Fora

2021

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Moreira, Elis Ramos.

AMERICANAH : entre a literatura e a sociedade / Elis Ramos

Moreira. -- 2021.

121 f.

Orientadora: Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2021.

1. Pós-colonialidade. 2. Migração. 3. Racismo. I. Gonçalves, Ana Beatriz Rodrigues, orient. II. Título.

Elis Ramos Moreira

***AMERICANAH*: entre a literatura e a sociedade**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários. Área de concentração: Teoria da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 10 de março de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dra. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves - Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora



p/
Prof. Dr. Anderson Bastos Martins
Universidade Federal de Juiz de Fora



p/
Profa. Dra. Maria Andréia de Paula Silva
Centro Universitário UniAcademia

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata por todo apoio que obtive ao longo dos anos de estudo, pela oportunidade de estar com contato com diversos debates, grupos de pesquisa, projetos de extensão, congressos e disciplinas, que vão muito além do saber acadêmico. Tenho certeza de que sou extremamente privilegiada por ser estudante da Universidade Pública Federal.

Agradeço à minha mãe, Arimar Ramos, pelo descomunal apoio, doçura e paciência durante os anos de mestrado. Muito obrigada por me mostrar diariamente que a vida pode ser leve, por entender as tantas horas de isolamento e por me ajudar nos desafios do dia a dia.

Agradeço à professora Ana Beatriz pelo incentivo intelectual, pelas trocas, conversas profundas e inspiradoras. Obrigada por me auxiliar durante essa jornada e por ser um exemplo acadêmico para mim. Obrigada por compartilhar com tanta generosidade seu olhar perante o mundo e a literatura.

Agradeço ao professor Anderson pelas aulas instigantes e pela leitura de meu texto de qualificação. Cada ponto abordado por você foi extremamente necessário e pertinente.

Sou muito grata por ter tido contato com professores maravilhosos, que contribuíram para minha formação intelectual e engajamento político: Maria Andreia, Edimilson Pereira, Nícea Nogueira, Enilce Albergaria, Luiz Fernando Medeiros, Bárbara Simões e Cecília Simões, muito obrigada por cruzarem a minha vida.

Agradeço à minha família pelos momentos de carinho, acolhimento e torcida.

Agradeço aos meus irmãos Lícia e Tarcísio. Minha admiração por vocês é imensurável.

Ao João, por me incentivar a continuar, pelas longas horas de conversas profundas e belas. Sua presença em minha vida faz com que tudo tenha mais poesia.

Agradeço à Amanda pelo apoio e companheirismo, pelas palavras amorosas e por me encorajar em todas as minhas aventuras intelectuais. Obrigada por me fazer rir em qualquer situação e por ser tão paciente.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo propor o debate acerca dos temas centrais da obra *Americanah*, de autoria da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, publicada originalmente em língua inglesa em 2013. O romance revela temas recorrentes da vida cotidiana do século atual: as relações entre migrantes, racismo, protagonismo feminino, tensões entre o norte e sul e pluralidade de representatividade por meio da construção de personagens que são expressões de grupos previamente invisibilizados na sociedade. As produções literárias e artísticas vêm abrindo espaço para novas vozes e novas formas narrativas, revelando epistemologias e formas de enxergar o mundo de maneira subversiva ao cânone prescrito pelas grandes narrativas eurocêntricas. Impelidas pelos movimentos sociais e pelas lutas anticoloniais, as produções das literaturas contemporâneas, em especial as literaturas africanas, trazem como temática central o grito de uma população historicamente esquecida, marginalizada e/ou fetichizada. Ainda que a presença e dominação colonial tenham findado, as consequências sociais e políticas ainda são presentes no dia a dia da população africana. A obra literária de Adichie, enquanto ferramenta de crítica social e multiplicação das demandas da população do sul, emerge como libertação e emancipação das mulheres imigrantes, da população negra e das vozes do terceiro mundo. O recorte de análise desta pesquisa debate sobre as estratégias narrativas utilizadas por Adichie no romance estudado; traz uma análise histórica e os impactos sociais dos movimentos migratórios e diaspóricos no globo e denuncia as práticas de racismo ainda presentes no século atual.

Palavras-chave: Pós-Colonialidade. Migração. Racismo. Epistemologias do Sul.

ABSTRACT

The present work aims to debate the central themes of the novel *Americanah*, written by the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie, published in English in 2013. The novel reveals ordinary themes of everyday life in the current century: relationships between migrants, racism, female protagonism, tensions between north and south, and the plurality of representativeness through the construction of characters that are expressions of invisible groups. Literary and artistic productions have been opening space for new voices and new narratives, revealing epistemologies and ways of seeing the world from a different perspective from the tradition prescribed by the great Eurocentric narratives. Impelled by social movements and anti-colonial struggles, contemporary literary productions, especially African Literature, carry as their central theme the voice of a group of people who were historically forgotten. Even though the colonial presence and domination have ended, the social and political consequences are still present in the daily lives of the African population. Adichie's literary work, as a tool of social criticism and multiplication of the demands of the southern population, emerges as the liberation and emancipation of female immigrants, the black population, and the voices of the third world. The analysis of this work is one possible debate on the narrative strategies used by Adichie. The text also deals with the Historical analysis of the social impacts of migration and diasporic movements worldwide. Finally, it denounces racism, which is still present in the current century.

Keywords: Post-colonial studies. Migration. Racism. Epistemologies of the South.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	ROMANCE PÓS-COLONIAL: POR MAIS VOZES, POR MAIS EXPERIÊNCIAS, POR NOVAS NARRATIVAS.....	12
2.1	AINDA ASSIM, VAMOS FALAR DE AMOR	18
2.2	A LITERATURA COMO EXPRESSÃO SOCIAL.....	31
3	NEGOCIAÇÕES DE SI, VIVER FORA DE CASA	47
3.1	A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA ENQUANTO IMPULSO PARA A HUMANIDADE PLURAL	50
3.2	IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE	67
3.3	MEMÓRIA E IDENTIDADES: LEMBRANÇAS MOVENTES	72
4	AINDA PRECISAMOS FALAR DE RACISMO	77
4.1	HIERARQUIA DAS RELAÇÕES RACIAIS	77
4.2	RAÇA E CULTURA	83
4.3	AS MULHERES E A LUTA POR DIREITOS CIVIS: PASSADO E PRESENTE, NORTE E SUL.....	99
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	114

1 INTRODUÇÃO

Experimentar as potências do século XXI é um fenômeno maravilhoso e extremamente desafiador. Não há espaço para o tédio bucólico, não há marasmo no século do consumo, do 5G e da Inteligência Artificial.

As relações do contemporâneo são aceleradas por meio das inovações tecnológicas, constantemente nos arrebatando com novas formas de trabalhar, agir no mundo e imprimir valor para a experiência humana. Inegáveis interferências climáticas provocam protestos pelo planeta e geram estímulos às mais diversas pesquisas ambientais. Redes sociais e aplicativos viralizam vídeos aleatórios e descabidos, mudam eleições, permitem que qualquer *Youtuber* seja o mais novo influenciador global e tenha seus quinze minutos de fama eternizados através de *prints* e *memes*.

Há uma sensação de poder falacioso: acesso a aparatos que facilitam a vida, conforto extremo, consumo excessivo, infinitas ideologias que garantem a salvação para a vida individual. Micro doses de felicidade e bem estar. Pílulas e tratamentos para todos os males, acesso aos mais diversos saberes.

Devotamos nossa credulidade no conforto trazido pelas elaboradas descobertas científicas e laboratoriais. Ampliamos nossos anos de vida uma vez que nos apropriamos de vários dispositivos de manutenção da saúde e do corpo, nos comunicamos em tempo real com qualquer pessoa no planeta que tenha uma conexão *wi-fi* e um celular, recebemos e transferimos porções de dinheiro que nem ao menos existe em sua materialidade.

Viajamos entre cidades, atravessamos países, quebramos muros. Fronteiras de arame farpado e muralhas reforçadas pelo discurso nacionalista podem até limitar o trânsito humano. No entanto, ainda que sob a ameaça de guarda fronteira, encontramos pontos de rupturas, navegamos além das fronteiras nacionalistas e compartilhamos diversos espaços geográficos – físicos e virtuais. Assim, estamos cotidianamente construindo a experiência de troca e contato durante esse instável século XXI.

Estamos cercados por uma acelerada produção de bens e somos instigados ao consumo. Alimentamos abundantemente o capitalismo, exploramos os recursos naturais do planeta, garantimos a desigualdade social e a manutenção da ordem mundial - e a consequente subdivisão dos países do Primeiro Mundo e do resto. Instigados pelas *fake news*, questionamos nossas narrativas na era da pós-verdade, estamos sujeitos aos confrontos e desafios diários de habitar nosso planeta.

Chegamos a duas décadas do século XXI vitoriosos por tantas conquistas da *hard science*. Ao mesmo tempo, vivemos um impasse no que diz respeito aos temas da convivência humana, alteridade, soberania. Em escala global e local, ainda não aprendemos a lidar com os inenarráveis arranjos identitários que gritam por visibilidade e representatividade. Atravessar e ser atravessado pela existência – ou somente a narrativa – do outro tem sido um desafio nos mais diversos contextos da organização social. Não aprendemos a lidar com as diversas culturas que habitam esse planeta.

Em alguma escala, somos intolerantes, racistas, xenofóbicos e homofóbicos. Vivemos em bolhas sociais. Temos dificuldades em navegar por práticas culturais não familiares, dialogar com aqueles que não compartilham as mesmas formas de significar nossa existência, nossas verdades e nossas morais.

Todas essas questões do contemporâneo me tocam profundamente e compõem as diretrizes de minha micropolítica de afetos, meu repertório político, minhas conversas informais, minha participação em grupos de ativismos, meus interesses literários, minha busca por dar significado ao cotidiano.

Enquanto militante ecofeminista, sinto que estamos sempre em um pêndulo entre as diretrizes globais e a ação de impacto local. Entre estar consciente das grandes questões sociais contemporâneas e, ao mesmo tempo, escutar vozes individuais e locais.

Minha predileção por pesquisar a obra de Adichie justifica-se por esse constante embate que a autora traz para os leitores: as contradições e desafios da vida cotidiana em um contexto no qual os jogos político-sociais penetram e modulam grande parte da resistência de alguns grupos minoritários.

Meu primeiro contato com a escritora nigeriana aconteceu em 2011 através da palestra mundialmente famosa *The danger of a single story* (2009), promovida pelo TEDTALK. Quão incrível é ouvir uma mulher negra africana alertando ao mundo sobre narrativas que retratam apenas uma voz. A partir dessa fala, passei a me questionar sobre quantos trabalhos acadêmicos são narrados por uma só voz, uma única moralidade, uma única epistemologia. O que escolhemos silenciar quando usamos um recorte da bibliografia canônica e o que escolhemos promover quando escutamos autores do Sul.

A obra escolhida como objeto de pesquisa, o romance *Americanah* (2014), traz em sua narrativa alguns traços e referências de elementos biográficos da vida da autora, revelando experiências individuais e coletivas de forma verossímil e factível. Assim, apesar de trabalharmos com uma obra ficcional, utilizaremos de algumas passagens e personagens do romance para analisarmos alguns fenômenos sociais contemporâneos. Tomamos, assim, o

romance como uma ferramenta política e de relato social para propor um debate acerca dos temas centrais do enredo: noções sobre a construção social da raça e da identidade em contextos migratórios; feminismo negro; assimilação e resistência cultural; poder simbólico e alteridade.

Os personagens de Chimamanda Ngozi Adichie são construídos de forma profunda e complexa, constantemente nos apresentam as fragmentações e inconsistências do existir, da macropolítica, das relações desiguais de poder. Eles levam ao leitor os embates culturais, os questionamentos sobre moralidade e nos surpreendem com suas escolhas e formas de lidar com a vida. Há um caráter de absoluta humanidade nos personagens, o que faz com que não consigamos eleger Ifemelu nem como heroína, nem como vilã.

Minha consideração pelo que esta escritora representa na cena intelectual é gigantesca. Chimamanda Ngozi Adichie conquistou papel de liderança na luta pela visibilidade das mulheres. Militante da causa feminista e do empoderamento feminino, a autora de romance também é uma referência acadêmica, uma vez que suas publicações incluem manifestos sobre a temática de gênero. Sua forma debochada e sagaz de debater sobre temas tão profundos e dolorosos demonstram o poder que a Literatura possui de criar relatos sobre a vida: encantadores e fascinantes e, ao mesmo tempo, dilacerantes. Em 2018, o autor assinou uma carta internacional exigindo esclarecimentos sobre a execução da vereadora e ativista Marielle Franco. Posteriormente, a autora publicou em suas redes sociais uma foto na qual ela segurava um cartaz com a frase “#quemmatoumarielle”.

Em relação ao processo de escrita da dissertação, grande parte dela ocorreu em um período pré-isolamento social, no qual a ideia de trânsito/trocas era completamente diferente do que vivemos hoje. No processo final da escrita, fomos arrebatados pela pandemia da Covid-19, que tem promovido a necessidade de ressignificação do tempo, do afeto e dos protocolos de ocupação das cidades. Mesmo as regiões que não foram tomadas pela pandemia estão sofrendo, de alguma forma, os impactos dessa doença. Escrever durante a pandemia foi um alívio mental, um ato de escapismo e negação do mundo fora do espaço doméstico. Por outro lado, finalizar a dissertação em meio aos conflitos e absurdos trazidos pela pandemia, faz com que eu me sinta ainda mais fascinada pelo século XXI e pelos temas abordados na presente pesquisa.

Em maio de 2020, George Floyd, um homem negro, norte-americano, de 46 anos, foi asfixiado por um policial branco, em Minneapolis. A morte brutal de Floyd fez emergir uma série de protestos nos Estados Unidos e em países da Europa, levando à rua uma população que, até então, estava confinada. Essa atroz demonstração de racismo reforça como os debates

sobre intolerância, desigualdade social, banalização da violência e visibilidade de grupos minoritários ainda são tímidos, perante a violência de nossa época. De certa forma, escrever parte da dissertação durante a pandemia me alertou que a luta por acesso aos dispositivos democráticos é extremamente necessária.

No que tange a metodologia usada para a presente pesquisa, nosso trabalho consiste principalmente em uma leitura atenta e densa do romance *Americanah* em língua inglesa e na tradução para o português. Para possibilitar um acesso maior de eventuais leitores da presente pesquisa e, por compreendermos os desafios de acesso ao letramento em L2, escolhemos por usar as citações da publicação brasileira.

Em um segundo momento, coletamos ensaios que se debruçam sobre a crítica literária do romance selecionado e sobre uma possível tradição da literatura nacional nigeriana. Finalmente, selecionamos a bibliografia sobre os temas acadêmicos que acompanham a trama do romance, tais como feminismo negro, a literatura pós-colonial e as noções de identidade na sociedade atual. Usamos teorias sociológicas para identificar relações ficcionais que são desenhadas no romance, uma vez que acreditamos que o trabalho literário está incorporado nas principais questões que emergem na vida contemporânea.

A presente dissertação é composta por três capítulos, que são adicionados a esta introdução e uma conclusão. Cada capítulo discute um tema social evocado pelo romance:

O primeiro capítulo “Romance pós-colonial: por mais vozes, por mais experiências, por novas expressões” promove o debate teórico sobre uma possível tradição literária nigeriana. Para além, discutimos os riscos acerca do entendimento de uma única narrativa forjada pelo ocidente sobre si mesmo e sobre os países periféricos. Somos guiados pela perspectiva dos Estudos Culturais e dos Estudos Pós-Coloniais para analisar a cultura, a representação das minorias e a homogeneização por meio da globalização. Utilizamos os conceitos trazidos por Heather Hewett (2005), Edward Said (1979) e Boaventura de Sousa Santos (2016), entre outros pesquisadores pós-coloniais.

O segundo capítulo discute a diáspora e a imigração como fenômenos essenciais para a história da humanidade. Tecemos um recorte histórico com o objetivo de reforçar que a experiência de ocupação do globo é impulsionada por diversos fatores naturais e sociais. Dessa forma, demonstramos que a sobrevivência dos humanos no planeta somente ocorre por meio de uma sofisticada relação de deslocamento/troca/contato. Para além da análise histórica, abordamos o desejo voluntário pela imigração como uma tentativa de melhoria econômica. O enredo do romance trata do movimento migratório individual experimentado pelos personagens principais: Ifemelu e Obinze. Para fundamentar as noções de

deslocamento e imigração, dialogamos com os pressupostos teóricos problematizados por Ana Luiza de Abreu Cláudio (2009), Shirley de Souza Gomes Carreira (2015), Linda McDowell (2007) e Stuart Hall (2018). Para além dos conceitos sociológicos acerca do tema, o segundo capítulo busca fazer uma análise literária de como a experiência da migração impacta as noções de identidade de Ifemelu, sua relação com sua pátria e as culturas não-nativas pelas quais ela navega.

O terceiro capítulo é intitulado "Ainda precisamos falar sobre racismo". Este analisa as noções de raça, racismo e alteridade. Assumimos que essas questões são de extrema relevância, já que não poderíamos ler *Americanah* sem considerar as experiências do que significa ser uma mulher negra vivendo em uma sociedade regida pela supremacia do *WASP* (*White, Anglo-Saxon and Protestant*). Utilizamos o trabalho de Angela Davis (2016), Kwame Anthony Appiah (1979), Paul Gilroy (2012), Izaura Rufino Fischer e Fernanda Marques (2001), Patrícia Hill Collins (2016), entre outros autores. No último capítulo, traçamos uma breve relação histórica sobre como o desenvolvimento do capitalismo está diretamente ligado ao racismo. Em um segundo momento, debatemos o processo de escravidão nos Estados Unidos, relembramos quais foram os impactos das leis de segregação impostas contra as comunidades negras, que ainda reverberam na sociedade atual. Por fim, discutimos os desafios sociais impostos às mulheres negras e utilizamos da personagem Ifemelu para expressar quais são as negociações que as mulheres precisam recorrer para transitar na sociedade norte-americana. Além disso, analisamos brevemente os movimentos negros urbanos contemporâneos, tal como “#BlackLivesMatter”.

Estamos conscientes de que a presente dissertação não pretende esgotar as possibilidades de leitura e análise da obra literária *Americanah*. Para além, desejamos que a pesquisa desenvolvida instigue mais debates e questionamentos em torno do romance e das teorias citadas. Há diversas tentativas de analisar o romance e, de acordo com as limitações impostas pelo tempo e pela dimensão da dissertação, decidimos destacar os temas acima.

2 ROMANCE PÓS-COLONIAL: POR MAIS VOZES, POR MAIS EXPERIÊNCIAS, POR NOVAS NARRATIVAS

Iniciamos o presente capítulo com a discussão teórica sobre os possíveis empregos do termo “pós-colonialidade”. Nossa intenção é promover discussões em relação aos diversos entendimentos teóricos e contribuir com o debate sobre literatura contemporânea produzida no sul. Tal subsídio conceitual revela-se de extrema importância uma vez que este compõe a estratégia de análise na qual o presente trabalho foi construído e, também, por compreendermos que a narrativa pós-colonial é uma característica que prevalece na obra de Adichie.

Gostaríamos de ressaltar que nosso entendimento da experiência pós-colonial dialoga com múltiplas formas de analisar tal fenômeno social. Dessa forma, não somente pesquisadores da Literatura são usados como fonte, com também cientistas das Humanidades e Artes.

O processo colonial experimentado recentemente e que deve dilatar suas consequências ao longo do século XXI é extremamente delicado e, ao mesmo tempo, profundo. Outrora, o entendimento da relação “colônia-metrópole” ocorria especialmente pela ocupação física do estrangeiro em solo do sujeito colonizado e pela modificação das estruturas políticas e exploração da população e dos bens originários dos países atravessados pela colonização. De certa maneira, era muito mais claro e óbvio verificar os ultrajes cometidos pelos governos colonizadores.

Por outro lado, refletir sobre o processo colonial no século XXI tem se mostrado desafiador por uma série de fatores, dentre eles, as rápidas mudanças sociais e o impacto da tecnologia na disseminação da informação, construção de debates e fomento ao engajamento político. Os novos dispositivos de mobilização política e engajamento em causas sociais são de apropriação dos plurais grupos ideológicos que participam pela luta dos poderes, o que faz com o que o jogo democrático seja dinâmico e veloz. Redes sociais, *YouTube*, *Blogs* geraram novas linguagens de pertencimento de grupos, tais como *memes*, *gifs*, *twitts*, *posts* e vídeos virais. Esses gêneros textuais são extremamente recentes enquanto invenção tecnológica, porém, existem com ampla inserção em camadas sociais plurais e com imenso impacto nas modificações das relações e na promoção de fortalecimento de identidades de grupos e reafirmação de afetos. Adichie revela o poder de contato das ferramentas tecnológicas ao usar o *blog* como o espaço virtual de análise sobre as relações raciais nos Estados Unidos.

Esse cenário, como um todo, propicia o fenômeno da pulverização das pautas políticas, que tem como consequência a criação de uma agenda política que abrace uma certa amplitude de causas que demandam por visibilidade e reconhecimento de direitos civis. Ao mesmo tempo, faz com que grupos opositores tenham a mesma oportunidade de acesso aos dispositivos de mobilização. Assim, quando há um destaque pela luta de poder por um bloco, necessariamente, haverá o movimento de resistência de grupos opositores e/ou não coligados.

Gostaríamos de reforçar que as lutas democráticas mencionadas na presente dissertação ainda não estão cimentadas na macropolítica das nações democráticas pós-coloniais. Ocupar espaços de poder é uma luta custosa, que demanda uma série de modificações concretas e culturais. Especialmente, demanda uma modificação do entendimento sobre quais grupos possuem privilégios, em detrimento ao apagamento da história das massas periféricas.

Além dos pontos que foram mencionados, discorrer sobre um tema social em um período incipiente é abraçar o risco de assumir percepções demasiadamente vertiginosas. Acreditamos que o objetivo de uma pesquisa que tem como objeto uma obra literária se alinha com os questionamentos e as provocações que são produzidas pelo romance estudado. Para além de trazer conclusões e análises acuradas, os estudos pós-coloniais devem promover espaço para novas visões de mundo dentro do espaço acadêmico. Por isso, nos dedicamos a trazer vozes do sul e formas não canônicas de entender os vetores sociais que impactam os países e as populações colonizadas.

É indiscutível que o processo colonial até o século XXI foi marcado por extrema violência física. Após intensos movimentos políticos organizados e constantes denúncias a respeito da hostilidade com que as populações nativas eram submetidas, uma série de acordos internacionais foram criados com o intuito de estabelecer as regras em prol dos direitos humanos, soberania e igualdade de direitos. No entanto, ainda mais do que a imposição da violência física, há um véu de violência psicológica que está presente nas relações contemporâneas entre as nações do sul e do norte.

Ao utilizar das teorias dos autores de maior prestígio dos estudos da pós-modernidade, o que nos parece mais evidente e mais instigante é a percepção dos instrumentos silenciosos de violência e dominação que estão entranhados nos jogos de poder entre os países do norte e do sul. O colonialismo atual ocorre de modo a diminuir o acesso à dignidade humana, de modo que as nações são narradas enquanto democracias emergentes, mas as populações não acessam de forma plena os dispositivos democráticos. Aos povos do sul, há um constante sentimento de inferioridade e falta. Há uma mentalidade, um espírito social, de que as

populações foram colonizados são inferiores, estão aquém em uma escala de prestígio social, que não são evoluídos, que ainda estão lutando por construir a civilização. Para essa população é custoso fazer parte dos jogos de poder que dão acesso aos bens materiais e imateriais. O que os autores da pós-colonialidade discutem e argumentam, de maneira geral, é sobre essa constante barreira invisível: uma pressão sob os seres que se constroem a partir das narrativas das identidades nacionais em um contexto colonial. Afora os dados mensuráveis e aferidos matematicamente, há uma série de aspectos sensoriais e emocionais que estão ligados à autoestima dos povos, formas de narrar sua própria história, medo, vulnerabilidade, sentimento de impotência e inferioridade em comparação ao sul, sentimento de deslocamento e invisibilidade que são fantasmas que rondam a inscrição das nações e populações no fenômeno colonial contemporâneo.

De acordo com a obra *The empire writes black: theory and practice in post-colonial literatures*, escrita pelo grupo de pesquisadores britânicos Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (1989) o termo “pós-colonial” não está relacionado somente com o período histórico posterior à colonização. No contexto dos Estudos Literários, o termo é utilizado com o objetivo de englobar as culturas impactadas pelos diversos processos de colonização europeia em todos os continentes do globo, desde o momento inicial da colonização até a contemporaneidade.

No entanto, usamos o termo "pós-colonial" como referência à toda a cultura afetada pelo processo imperial desde o momento da colonização até os dias atuais. Isso ocorre porque há uma continuidade de preocupações ao longo do processo histórico iniciado pela agressão imperial europeia. Sugerimos também que, seja mais apropriado, como um termo para a nova crítica transcultural que surgiu nos últimos anos e para o discurso através do qual ela é constituída. Nesse sentido, este livro preocupa-se com o mundo tal como existe durante e após o período de dominação imperial europeia e os efeitos disso nas literaturas contemporâneas. (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 1989, p. 2, tradução nossa)¹.

Assim, de acordo com o entendimento promovido pelos autores, ainda que não haja a presença física de grupos de poder executando o devir colonial, devemos ressaltar que a

¹ “We use the term ‘post-colonial’, however, to cover all the culture affected by the imperial process from the moment of colonization to the present day. This is because there is a continuity of preoccupations throughout the historical process initiated by European imperial aggression. We also suggest that it is most appropriate as the term for the new cross-cultural criticism which has emerged in recent years and for the discourse through which this is constituted. In this sense this book is concerned with the world as it exists during and after the period of European imperial domination and the effects of this on contemporary literatures”.(ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 1989, p. 2).

simples retirada do governo colonial das regiões ocupadas não finaliza os impactos da colonização. A colonização abala profundamente a estrutura social e cultural de uma nação e promove um novo reconhecimento e entendimento de uma população. Dessa forma, para entender a descolonização devemos pensar tal conceito como um processo que ainda está reverberando na ordem mundial.

Tampouco, tal processo vem acontecendo isoladamente, ou ainda, imaculado das outras pautas globais e dos diversos fenômenos sociais contemporâneos. Concomitantemente ao processo de descolonização, há outros tantos vetores de impacto social, tais como a globalização, as ondas migratórias, o desenvolvimento tecnológico, os movimentos sociais urbanos, a popularização das redes sociais, a crise econômica global e a constante desilusão com o sistema capitalista. Assim, para além de lidar com os dilemas atuais, países recém-colonizados possuem uma tarefa adicional relacionada aos desafios de autoconhecimento enquanto nação independente em um momento no qual as verdades inquestionáveis acerca do entendimento sobre nação, identidade e nacionalismo são cotidianamente rediscutidas, invalidadas e/ou ressignificadas.

A condição pós-colonial abriu caminhos para que as diversas sociedades sejam repensadas a partir de certas características, tais como: orientalismo, apropriação cultural, hibridismo, território, representações, mobilidade, identidades, reescrita de sua própria narrativa, entre outros temas que emergem das relações do mundo atual. Todos os temas acima citados estão em constante fluidez, por isso, não há uma única resposta e solução para os diversos territórios que outrora foram colônias.

Assim, não somente a literatura nigeriana, que é o foco da presente pesquisa, porém os demais territórios que experimentaram o processo colonial carregam traços e características regionais. Ao mesmo tempo em que as teorias pós-coloniais promovem um novo olhar para diversos países e culturas, as mesmas teorias exaltam a necessidade de pensar cada fenômeno cultural de dentro para fora, considerando os aspectos regionais típicos de cada cultura.

Uma vez que utilizamos da obra de Adichie, devemos destacar a importância e notoriedade das tradições de literaturas orais existentes em territórios pré-coloniais. Ao pesquisar sobre as publicações nigerianas, encontramos marcas do regionalismo e da linguagem oral que fazem parte da cultura popular e são transportadas para o texto literário.

Tais manifestações artísticas tradicionais influenciam o fazer literário contemporâneo, pois há elementos que poderíamos conceituar como recorrentes na obra de Adichie que são originários das literaturas populares. Reconhecer que havia uma tradição de narrativas orais

no espaço geográfico que atualmente entendemos como Nigéria significa valorizar a voz e a história cotidiana da população endógena.

Ao associar a literatura pós-colonial aos fenômenos acima citados abrimos espaço para que o termo “pós-colonial” possa ser entendido enquanto viés político e social. As pesquisas que têm por recorte investigar as obras de autores pós-coloniais acabam sendo uma ferramenta de legitimação e reorientação das características próprias e plurais das sociedades pós-coloniais. Assim, há um entendimento do texto de Adichie enquanto obra de arte e também enquanto delação de manifestação cultural.

Historicamente, os povos ocidentais entenderam o restante do mundo a partir de sua lógica própria. As reflexões e as teorias sobre epistemologias do sul começaram a ser acolhidas enquanto produção acadêmica recentemente, a partir da década de 1980. Mesmo no século XXI, há uma gama de autores, vozes, estratégias literárias e manifestações artísticas que são silenciadas, marginalizadas e pouco divulgadas por não atender ao cânone das artes, forjado, originalmente, pelos países do norte.

Ao colher diversas fontes que tratam do assunto, notamos que o termo pós-colonial diz sobre uma amplitude de experiências entre metrópole/colônia, carrega em si uma flexibilidade conceitual e está diretamente ligado aos impactos sofridos nas pessoas que tiveram suas terras tomadas pelos europeus, seja na esfera do simbólico e na esfera do jogo político. Assim, é de urgente necessidade que as pesquisas acadêmicas contemporâneas promovam o debate acerca da condição pós-colonial e das obras pós-coloniais. Tais temas podem estar relacionados com a ordem econômica, social, artística e/ou cultural, abrindo espaço para que histórias sejam contadas por todos os atores que foram envolvidos no processo colonial e decolonial. Elemento de extrema importância para os estudos das humanidades na contemporaneidade é o entendimento de que não há somente uma única narrativa, um único olhar ou uma única teoria que abarque a complexidade das relações humanas. Poderíamos correr o risco e afirmar que a “condição pós-colonial” deve estar necessariamente associada à subversão de uma grande narrativa eurocêntrica supostamente superior às demais culturas.

Em sua obra, o professor e pesquisador Cláudio Braga (2019) faz uma curadoria sobre os principais pesquisadores da teoria pós-colonial em correspondência aos temas trazidos por Adichie no romance *Americanah*. O pesquisador brasileiro destaca a metáfora do espelho trazida por Robert C. Young (2003) no que tange o embate entre os povos ocidentais e todas as outras nações:

Para Young, os ocidentais olham para o resto do mundo como se olhassem para si mesmos em um espelho, o que provoca distorções evidentes. Por isso, continua o autor a chamada teoria pós-colonial envolve uma reorientação conceitual das perspectivas dos conhecimentos desenvolvidos fora do Ocidente, reunindo um conjunto de princípios que não estaria, de fato, organizado cientificamente, mas que serve para intervir e estimular conhecimentos alternativos nas estruturas de poder ocidentais e também não ocidentais. (BRAGA, 2019, p. 30).

A passagem acima é provocativa no sentido que desmonta e questiona a tradição literária imposta pelo ocidente em relação ao restante do mundo e permite que novas forças de poder simbólico sejam içadas, abalando uma força desigual que era promovida pela representação cultural advinda do pensamento ocidental.

O pesquisador indiano, Rajagopalan Radhakrishnan, em sua obra publicada em 1996, *Diasporic meditations: between home and location* debate as consequências políticas do termo “pós-colonial” não somente na dimensão literária e acadêmica, como também no dia-a-dia das pessoas comuns. Suas mediações demonstram atenção aos impactos concretos da teoria pós-colonial no estilo de vida das pessoas africanas. O autor, que atua enquanto professor na Universidade de Massachusetts discute que a noção de pós-colonialidade debatida na metrópole ocidental, dentro do âmbito acadêmico, possa vir a tratar as periferias de forma unicamente culturalista e universalizante. Temeroso de que o olhar dos pesquisadores, originários do sul, porém imersos na lógica do norte, pudessem desconsiderar fatores econômicos, históricos e políticos particulares das diversas regiões e países que passaram pela colonização recente, Radhakrishnan defende que o pesquisador que se ocupa em entender a pós-colonialidade deveria, prioritariamente, questionar as teorias totalizantes.

Rajagopalan Radhakrishnan demonstra que a teoria pós-colonial ocorre no interstício da noção de identidade, a partir do modo regional de cada cultura. Com o objetivo de criar laços e solidariedade entre os diversos povos periféricos contemporâneos e promover uma real mudança social, o professor indiano articula que os pesquisadores da pós-colonialidade devem levar em consideração as condições locais, tais como o idioma, a tradição cultural de uma determinada localização, o entendimento de gênero, etnia, história e nacionalismo. A metodologia proposta pelo indiano sugere o resgate dos conceitos centrais do pós-estruturalismo em diálogo com a teoria interseccional. Além disso, os pesquisadores precisam estar atentos à naturalização da dominação e da manipulação impostas aos grupos periféricos a partir de uma noção de universalismo coercitivo. Utilizando das palavras do autor (1996):

A pós-colonialidade como um campo poderia ser a arena em que as desigualdades, os desequilíbrios e as assimetrias poderiam se historicizar de maneira “relacional” uma arena em que as historiografias dominantes poderiam ser explicadas pela autoridade ética e política das histórias emergentes. (RADHAKRISHNAN, 1996, p. 171, tradução nossa)².

No que diz respeito às publicações de Chimamanda Ngozi Adichie, podemos concluir que a autora pode ser entendida enquanto exemplo de escritora pós-colonial pelo recorte temporal de suas obras, ou seja, os primeiros anos do século XXI, período de experiência do processo decolonial. No entanto, como mencionado anteriormente, somente essa característica não faria jus a grandiosidade estilística de Adichie. É preciso enfatizar que publicar uma obra no século XXI não garante que essa seja automaticamente inserida no corpus das produções pós-coloniais. O que traz maior clareza para a classificação da obra da autora está conectada ao discurso político, a visibilidade das minorias sociais, as inovações linguísticas e a mudança de perspectiva da narrativa de Adichie.

No que tange a língua e as formas de linguagem utilizadas por autores pós-coloniais, em destaque os autores africanos, Chinua Achebe (1994) enfatizou que o uso da língua inglesa nas publicações africanas ocorre enquanto estratégia de propagação do discurso político. A língua advinda do colonizador sugere maior acesso e visibilidade ao texto de autoria africana – sem que tal aspecto deprecie a língua regional, nem ao menos a cultura local. De fato, a forma com o qual os autores a usam faz que a língua seja subvertida, traduzida e adaptada. Adichie, no romanc *Americanah* mescla o uso da língua inglesa com igbo, sua língua regional. Os personagens estrangeiros, os imigrantes oriundos de países periféricos revelam em seus discursos a interferência da língua nativa no sotaque norte-americano. O próprio título do livro é inspirado no modo de falar inglês dos nigerianos: enfatizam o prolongamento da última sílaba da palavra *American*.

A publicação do livro em formato *audiobook* conta com a narração de uma voz feminina, com marcante sotaque nigeriano. Ao se referir aos demais personagens do livro, o sotaque da narradora é modificado de forma a se adequar à origem do personagem, classe social e mesmo gênero. Escutar a narrativa a partir da voz de uma mulher nigeriana traz um elemento sinestésico complementar, o que nos sugere que a escolha pelos elementos estilísticos são características relevantes no texto de Adichie.

² Postcoloniality as a field could well be the arena where inequalities, imbalances, and asymmetries could historicize themselves “relationally”, na arena where dominant historiographies could be made accountable to the ethicopolitical authority of emerging histories.(RADHAKRISHNAN, 1996, p. 171).

Desta maneira, Adichie comprova o fato de que escrever na língua do colonizador, de maneira alguma, atua como uma forma de supressão ou diminuição da cultura nigeriana. As estratégias de Adichie são usadas de forma a dar uma nova apropriação à língua inglesa e de forma a revelar como os nigerianos contemporâneos possuem certa intimidade com a língua estrangeira. A partir desse exemplo, temos que uma das características da obra de Adichie seria refletir sobre questões que envolvem o multiculturalismo, porém a partir de um olhar local.

2.1 AINDA ASSIM, VAMOS FALAR DE AMOR

O romance escrito por Adichie narra de forma não linear a história de amor entre Ifemelu e Obinze. Como a autora afirmou em uma entrevista para o jornal *The Guardian*: “É sobre amor. Eu queria escrever uma história de amor à moda antiga. Mas é também sobre raça e como nos reinventamos. É sobre como, quando saímos de casa, nos tornamos outra versão de nós mesmos. E também é sobre cabelos ...”(ADICHIE, 2013).

Embora contenha uma trama romântica central, o livro apresenta ao longo de seus cinquenta e cinco capítulos e mais de quinhentas páginas (publicação brasileira) questões que vão muito além dos encontros do casal, seus sonhos juvenis e os desafios da vida no exterior.

Ifemelu e Obinze começam a namorar quando estão no ensino médio. Juntos, eles exploram a sexualidade, descobrem o amor, sonham e debatem sobre os conflitos políticos nigerianos. Constantemente, possuem amigos que se mudam em busca de novas perspectivas para a construção de uma vida adulta em países não-periféricos. Os jovens representam uma geração de nigerianos pós-colonização: eles navegam sem dificuldade entre a língua inglesa e o igbo; estudam o currículo implantado pelos colonizadores britânicos e enxergam, de forma menos romantizada do que seus antepassados, como a Nigéria vem se construindo enquanto nação independente. O livro destaca o cosmopolitismo típico dos jovens escolarizados:

Ele estava segurando a mão dela, apertando-a gentilmente. Admirava-a por ser extrovertida e diferente, mas não parecia capaz de ver o que havia por trás disso. Estar ali, entre pessoas que já tinham viajado para o exterior, era natural para ele. Obinze era fluente em seu conhecimento das coisas de fora, especialmente as que vinham dos Estados Unidos. Todos assistiam a filmes americanos e trocavam revistas americanas com as folhas apagadas, mas ele sabia detalhes sobre presidentes daquele país de cem anos atrás. Todos assistiam aos programas de televisão americanos, mas Obinze sabia que Lisa Bonet havia deixado o *Cosby Show* para fazer *Coração Satânico*, e que Will Smith tinha dívidas imensas antes de ser contratado para fazer *Um maluco no pedaço*. “Você está parecendo uma negra americana” era o maior elogio que ele podia fazer, era o que dizia para ela quando

usava um vestido bonito ou fazia tranças grossas no cabelo. (ADICHIE, 2014, p. 76).

O namoro também propicia uma visão social mais clara sobre os papéis de gênero na sociedade nigeriana, os aspectos religiosos impregnados na cultura de Lagos e a falência do governo nacional. Ainda adolescentes, Obinze e Ifemelu possuem planos migratórios com o objetivo de melhorar suas condições sociais e financeiras. Ambos os personagens são oriundos da classe média da população nigeriana e navegam em ambientes privilegiados. Depois de concluírem o ensino médio, incitados pelas greves estudantis e pela crise dos governos militares, conseguem deixar o país.

Os constantes deslocamentos, o estar em trânsito e as movimentações de migração são marcas recorrentes no romance de Adichie. Para além da experiência diaspórica de Ifemelu e Obinze, a autora preenche a narrativa com uma densa pluralidade de estrangeiros: taxistas, cabelereiras do salão de beleza especializado em tranças, trabalhadores ilegais, amigos da terra natal que se ajudam e se encontram em terras estrangeiras, familiares que facilitam o processo migratório de seus parentes. Assim, percebemos que a vida pós-colonial está profundamente marcada pelo movimento, pelos trânsitos e pela noção de não-lugar. Para os jovens personagens, nascer em solo nigeriano não estava relacionado com a experiência campesina de seus antepassados.

Sete capítulos do romance são dedicados à experiência migratória de Obinze na Inglaterra, sendo estes, os capítulos vinte três até o capítulo trinta. A terceira parte da obra narra as dificuldades enfrentadas pelo jovem. Em seu país de origem, Obinze estudou em uma escola de elite, sua mãe trabalhava como professora de literatura em língua inglesa e educou o filho para falar inglês britânico em casa, o que sugere uma admiração pela cultura britânica. Por outro lado, já adulto, quando em terra estrangeira, sendo imigrante ilegal, entende o que é o imaginário do homem africano na Europa. Uma vez trabalhador ilegal, Obinze entende que grande parte do glamour e sofisticação europeia está restrita aos nativos e que todo aporte cultural acumulado em sua formação não geraria impacto positivo em sua estadia em terras estrangeiras.

Obinze viaja para Londres e começa a trabalhar ilegalmente como forma de se sustentar. Precisa se sujeitar às condições degradantes e vivência preconceitos diários. Muda seu nome com o objetivo de disfarçar sua falta de documentação, o que nos indica o grau de violência simbólica sofrida pelo rapaz. O personagem não realiza o sonho da prosperidade em terras estrangeiras e, ao tentar concretizar um casamento de fachada, é preso e deportado.

Todo mundo falava rindo das pessoas que iam para o exterior para limpar privada, por isso Obinze encarou seu primeiro emprego com ironia: ele de fato estava no exterior limpando privadas, usando luvas de borracha e carregando uma pá, no escritório de uma imobiliária no segundo andar de um prédio de Londres. A cada vez que abria a porta de uma cabine, ela parecia suspirar. A mulher linda que limpava os banheiros femininos era ganense, mais ou menos da sua idade, com a pele escura mais brilhante que Obinze já vira. Ele sentia, pela maneira como ela falava e se portava, que tivera uma vida parecida com a sua, uma infância protegida pela família, por refeições regulares, por sonhos que não incluíam limpar privadas em Londres. (ADICHIE, 2014, p. 256).

Ao longo do enredo, o leitor acompanha a trajetória de vida de Obinze. De volta à Lagos, também por meios ilegais, por ajuda de sua prima Nneoma, consegue um trabalho de prestígio, ainda que obscuro, o que permite ter uma vida financeira confortável, casar e cumprir com as expectativas mais tradicionais sobre o que seria uma vida de sucesso.

“Disseram que a Corporação Nacional de Apoio às Fazendas está falida e vai ser privatizada. Você sabia? Não. Como é que eu sei? Tenho amigos. Quando você ficasse sabendo, eu já teria decidido o que fazer e lucrado com isso. É esse o nosso livre mercado!”, riu Chief. “A corporação foi fundada nos anos 1960 e tem propriedades no país todo. As casas estão todas podres e os cupins estão comendo os telhados. Mas eles estão vendendo tudo. Vou comprar sete propriedades por cinco milhões cada. Sabe com que valor elas foram registradas? Um milhão. Sabe o quanto valem de verdade? Cinquenta milhões.” Chief parou de falar para olhar para um de seus celulares, que tocava — havia quatro na mesa ao lado dele —, e então ignorou-o e se recostou no sofá. “Preciso de alguém para ser o testa de ferro desse negócio”. (ADICHIE, 2014, p. 34).

Por meio de suas ações, falas e pensamentos, Adichie constrói Obinze de maneira a deixar transparecer doçura e ingenuidade como características do personagem. Por mais que ele tenha atitudes que possam ser condenadas à luz de uma moralidade tradicional, como exemplo: usar documentos falsos, enriquecer de forma ilegal, fazer parte dos jogos políticos corruptos do governo Nigeriano, casar para cumprir uma obrigação social. Ainda assim, há um constante tom de condescendência em torno do personagem. A forma que Adichie o representa induz ao leitor a concluir que a realidade da sociedade pós-colonial nigeriana impele que Obinze aceite os jogos de poder impostos a população.

As pessoas sempre lhe diziam o quanto ele era humilde, mas não estavam falando de humildade de verdade, apenas que não ostentava o fato de fazer parte do clube dos ricos, não exercia os direitos que isso trazia — de ser grosseiro, de não pensar nos outros, de ser cumprimentado em vez de

cumprimentar — e, como tantos outros do mesmo nível faziam essas coisas, isso era interpretado como humildade. Obinze também não se gabava, nem falava de tudo o que possuía, o que fazia com que as pessoas achassem que tinha muito mais do que na realidade. Até seu amigo mais próximo, Okwudiba, lhe dizia o quanto ele era humilde, e isso o irritava um pouco, pois queria que Okwudiba visse que chamá-lo de humilde era fazer da grosseria uma coisa normal. Além do mais, a humildade sempre lhe parecera algo especioso, inventado para reconfortar os outros; você era elogiado por sua humildade porque não os fazia sentir-se ainda mais cheios de falhas do que já eram. Era a honestidade que Obinze prezava. Sempre tinha desejado ser verdadeiramente honesto e temido não sê-lo. (ADICHIE, 2014, p. 41).

Mais uma vez, o sentimento de estranhamento e não-lugar são visíveis na construção do romance. Além dos constantes trânsitos e dos personagens principais habitarem três continentes, o romance deixa transparecer a dificuldade de se reconhecer em um só lugar, uma só cultura, da transitoriedade das identidades. Ao tomarmos o exemplo do personagem Obinze, notamos que quando o jovem morava na Inglaterra estava constantemente rotulado enquanto sujeito periférico (negro, imigrante, trabalhador braçal, pobre). De volta à Nigéria, sua autopercepção continua a causar desconforto e o sentimento de não-lugar. Enriquecer via ilegalidade, transitar por festas e espaços nos quais não se sente confortável, casar para manter uma aparência de sucesso. Mesmo em sua terra natal, Obinze precisa ceder aos jogos de poder e se colocar na posição, não plenamente confortável, de novo rico.

E foi assim mesmo que funcionou, e ainda funcionava, para Obinze. A facilidade da coisa o deixou zozzo. Na primeira vez em que levou sua carta de proposta ao banco, achou surreal dizer “cinquenta” e “cinquenta e cinco” sem mencionar “milhões”, porque não havia necessidade de especificar o que era óbvio. Também ficou espantado com quão fáceis tantas outras coisas se tornaram, com como apenas a aparência da riqueza fazia tudo acontecer mais rapidamente. Bastava Obinze se aproximar de um portão em sua BMW que o porteiro o cumprimentava e abria para ele sem fazer perguntas. Até a embaixada dos Estados Unidos agiu diferente. (ADICHIE, 2014, p. 35).

O romance revela as grandes questões que emergem nos debates intelectuais da Nigéria contemporânea: fluidez das relações e identidades, deslocamentos, dificuldade de entender a si e ao outro, racismo, alteridade e as formas de escalonamento social.

Porém, tais debates não estão isolados somente no território nigeriano. Ao pesquisar sobre os movimentos de diversos países do sul, há uma proximidade nas pautas e nas lutas políticas. O que Adichie parece nos revelar é que não importa qual território os personagens ocupem, a pós-colonialidade é uma marca histórica que está imbuída na vida dos sujeitos do século XXI.

Em relação à personagem central do romance, Ifemelu, existem muitos pontos em comum entre a jovem nigeriana e a escritora. Em uma entrevista para um jornal britânico, próximo ao lançamento do livro, quando questionada sobre as semelhanças entre sua própria biografia e a de Ifemelu, Adichie afirma:

Muitas pessoas assumiram que Ifemelu sou eu, o que eu acho incrível, e às vezes eu realmente não quero dissuadir as pessoas porque realmente não me importo. Um amigo meu me disse: 'Obinze é muito você', e eu percebi de várias maneiras que ele é: a parte que assiste, sonha e chora. Tenho imensa nostalgia. Sou nostálgico por coisas que nunca soube, e há muito disso em Obinze.

Admiro Ifemelu e queria que ela fosse uma personagem que – e suponho que seja isso o que quero dizer sobre minhas próximas propostas políticas - tenha um feminismo nela. Eu queria que ela fosse uma personagem que desafiasse todas as idéias sobre o que deveria ser a feminilidade. Se Ifemelu fosse homem e fosse exatamente do jeito que ela era no romance, as interpretações do personagem seriam muito diferentes.

Trazemos todas essas expectativas de gênero até a maneira como lemos. Então Ifemelu é a pessoa em um relacionamento que trai, e ela não trai da maneira que esperamos que as mulheres traiam, porque o homem a machucou ou a abandonou. Ela traiu porque estava curiosa. Não importa quão progressivo pensamos que somos; as mulheres não devem trapacear por esses motivos. Quando digo que a admiro, admiro as mulheres que vivem a vida em seus próprios termos. Não para fazer um ponto, mas simplesmente porque é a vida que eles querem levar. E muitas vezes o mundo não lhes dá espaço. (ADICHIE, 2014, tradução nossa).

A fala da escritora evidencia o aspecto político intencional ao lidar com os equívocos em torno do papel feminino e da figura feminina. Ifemelu, ao longo do enredo, está constantemente confrontando o leitor sobre os perigos de uma narrativa única. A personagem é construída de forma a questionar a lógica patriarcal e às expectativas criadas em torno do que seria a moral ideal da conduta feminina.

Adichie tornou-se mundialmente famosa ao proferir a palestra *The danger of a single story*, em 2009, quando alertou aos ouvintes mundiais sobre as diversas possibilidades da experiência humana. Em uma segunda oportunidade, sua palestra-manifesto sobre o feminismo (2013) endossa a necessidade de entender a pluralidade da experiência do feminino na sociedade. Ainda sobre esse aspecto, Ifemelu e Adichie parecem compartilhar da mesma gana em revelar que há muitas formas de se contar sobre a vida e de ser uma mulher nascida no sul.

Grande parte do romance acontece quando Ifemelu reside nos Estados Unidos. Inicialmente, a estudante passa por dificuldades financeiras, uma vez que não recebe bolsa integral da universidade e precisa procurar trabalho para pagar parte dos estudos e manter-se

na terra estrangeira. É no dia a dia norte americano que Ifemelu descobre o significado social de ser uma mulher negra- assim como Obinze descobre o que significa ser um homem negro, trabalhador ilegal.

Em solo americano, ainda mantém contato via e-mail com Obinze. O elo amoroso do casal só é rompido depois que Ifemelu, sem emprego e com as contas atrasadas, aceita um trabalho sexual, indicado por sua amiga, para pagar o aluguel. Tal cena marca uma ruptura na vida de Ifemelu. Ao chegar no limite extremo de aceitar “a massagem”, como havia sido passado para a jovem, Ifemelu rompe com sua expectativa pueril da vida da imigrante e sujeita-se a algo que não seria condizente com sua realidade na Nigéria. O trecho do livro é mais um exemplo de como a vida no exterior impele os imigrantes a agirem de formas extremas com o intuito de garantir a sobrevivência. Após a vivência do trabalho sexual, os sentimentos de solidão e de repulsa estão presentes na personagem, que passa a sentir o isolamento e anonimato típico do imigrante destituído de sua dignidade:

Havia, na expressão e no tom de voz do homem, uma segurança completa. Ela se sentiu derrotada. Como era sórdido tudo aquilo, o fato de estar ali com um estranho que já sabia que ela ia ficar. Sabia que ia ficar pelo fato de ter ido. Já estava ali, já fora maculada. Ifemelu tirou os sapatos e deitou na cama dele. Não queria estar ali, não queria o dedo dele se movendo entre suas pernas, não queria ouvir os suspiros e gemidos dele em seus ouvidos, mas sentiu seu corpo despertando numa excitação nauseante. Depois, ficou imóvel, enrodilhada e dormente. O homem não a forçara. Ela tinha vindo por conta própria. Tinha deitado naquela cama e, quando ele colocou sua mão entre as pernas dele, enroscou-se e moveu os dedos. Agora, mesmo depois de ter lavado as mãos, que seguravam a nota nova e fininha de cem dólares que o homem lhe dera, seus dedos ainda pareciam grudentos; não pertenciam mais a ela.

(...)

Então veio a voz de Obinze, suas palavras flutuando no ar e para dentro da cabeça de Ifemelu. “Eu te amo, Ifem”, disse ele no fim, naquela voz que subitamente pareceu tão distante, parte de outra época e outro lugar. Ela ficou deitada na cama, tensa. Não conseguia dormir, não conseguia se distrair. Começou a pensar em matar o professor de tênis. Golpearia a cabeça dele com um machado diversas vezes. Enfiaria uma faca em seu peito musculoso. O homem morava sozinho, provavelmente chamava outras mulheres para entrar em seu quarto e abrir as pernas para que ele enfiasse seu dedo curto com a unha roída. Ninguém saberia qual delas tinha cometido o crime. Ifemelu deixaria a faca enfiada no peito dele e procuraria em suas gavetas pelo maço de notas de cem dólares, para poder pagar o aluguel e a mensalidade. Naquela noite nevou. Era a primeira vez que Ifemelu via neve, e ela observou o mundo pela janela, os carros estacionados cobertos, deformados, pelas camadas de neve. Estava inerte, distante, flutuando num mundo onde a escuridão surgia cedo demais e todos andavam vergados pelo peso dos casacos e achatados pela ausência de luz. Os dias escoavam, o ar frio se transformou num ar gelado, doloroso de respirar. Obinze ligou muitas vezes, mas ela não atendeu. Apagou as mensagens dele sem ouvir e os e-

mails dele sem ler, e sentiu-se afundando, afundando rápido, sem conseguir nadar até a superfície. (ADICHIE, 2014, p. 168).

O trecho acima revela a dificuldade em lidar com as negociações que são impostas à personagem quando ela está fora da Nigéria. Há uma quebra das relações e da própria estrutura psíquica da personagem. Ifemelu não consegue manter a relação de namoro com Obinze depois de aceitar o trabalho abusivo por não conseguir encarar a própria escolha em ir até a casa do instrutor de tênis.

No entanto, tal situação não faz com que a jovem estudante estrangeira desista de viver na Filadélfia. Ao contrário, a partir dessa experiência, Ifemelu abre novos caminhos para sua trajetória no exterior. Logo após começa a trabalhar como babá, começa a escrever anonimamente um *blog* sobre raça contando suas experiências enquanto mulher africana morando nos EUA e encontra seu primeiro namorado americano, Curt, homem branco e rico.

Os trechos que narram o namoro entre Ifemelu e Curt permitem com que a personagem sinalize as tensões raciais entre brancos americanos e a população negra, independentemente da nacionalidade. Em diversas passagens do romance, o casal recorre à dissimulação para lidar com suas diferenças:

Não era que eles evitassem a questão da raça, ela e Curt. Falavam sobre isso daquela forma escorregadia que não admitia nada e não aprofundava nada e que terminava com a palavra “maluquice”, como um objeto curioso que deveria ser examinado e depois deixado de lado. Ou num tom de brincadeira que sempre a deixava com uma leve dormência desconfortável que ela nunca admitiu para ele. E não era que Curt fingisse que ser negro e ser branco era a mesma coisa nos Estados Unidos; ele sabia que não era. (ADICHIE, 2014, p. 316).

Na esfera íntima, o relacionamento entre um homem branco (que simboliza uma figura de poder e privilégio) e Ifemelu pode parecer desigual. Por outro lado, socialmente, o relacionamento dos dois permitiu à Ifemelu uma maior mobilidade e permeabilidade na sociedade norte-americana. Dessa forma, a relação com Curt abre novos caminhos para Ifemelu, uma vez que ela passa a transitar pela sociedade americana com certo prestígio. Curt a leva pra viagens, apresenta a tão desejada e confortável *American way of life*, coloca a estudante em contato com empresários e permite que ela tenha verba suficiente para viver nos EUA e ainda envie parte de sua renda para sua família na Nigéria.

O sofá era macio. A pele dela estava brilhando. Na faculdade, Ifemelu tinha feito créditos extras e aumentado sua média. Pelas janelas altas da sala via-se

a Inner Harbor espalhando-se lá embaixo, com águas cintilantes e luzes tremeluzentes. Uma sensação de contentamento tomou conta dela. Fora isso que Curt lhe dera, a dádiva do contentamento, do conforto. Como Ifemelu tinha se acostumado depressa com a vida deles, com o passaporte repleto de vistos, a solicitude das aeromoças nas cabines de primeira classe, os edredons de plumas dos hotéis em que se hospedavam e as pequenas coisas que ela guardava com avidez: potinhos de geleia da bandeja de café da manhã, vidrinhos de condicionador, pantufas de tricô, até toalhas de rosto, caso fossem especialmente macias. Tinha deixado sua antiga pele para trás. Quase havia passado a gostar do inverno, da camada brilhante de gelo em cima dos carros, da quentura luxuosa dos suéteres de cashmere que Curt lhe dava. Quando estavam numa loja, ele não olhava os preços das coisas primeiro. Fazia o supermercado dela, dava-lhe livros didáticos, mandava-lhe vale presentes de lojas de departamento, levava-a ele mesmo para fazer compras. Curt pediu-lhe que deixasse de ser babá: eles iam poder passar mais tempo juntos se ela não tivesse que trabalhar todos os dias. Mas Ifemelu se recusou. “Preciso ter um emprego”. Ela economizou dinheiro e mandou mais para casa. Queria que seus pais se mudassem para um apartamento novo. Tinha havido um assalto à mão armada no prédio ao lado do deles. (ADICHIE, 2014, p. 217).

Estar inserida em contexto de privilégios da sociedade *WASP* revela quais tipos de negociações de sua própria identidade Ifemelu precisa renunciar. Para conseguir um emprego por indicação dos pais de Curt, Ifemelu decide desfazer seu penteado de tranças e compra um alisante capilar, que além de modificar a estrutura crespa de seus cabelos, também causa fortes queimaduras em seu coro cabeludo. O ato de embraquecimento é sentido pela personagem, que omite para a sua família nigeriana quais foram os passos necessários para garantir o emprego de sucesso.

Ao escrever em seu *blog* sobre a experiência de ser uma minoria negra, Ifemelu revela que há um elemento segregador ainda mais vertiginoso sofrido pelas pessoas de cor:

O judeu não sabia, mas “olimpíada da opressão” é o que os liberais americanos inteligentes dizem para fazer você se sentir burro e calar a boca. Existe mesmo uma olimpíada da opressão acontecendo. As minorias raciais americanas — negros, hispânicos, asiáticos e judeus — todas sofrem merda na mão dos brancos, merdas diferentes, mas merda mesmo assim. Cada uma secretamente acredita que sua merda é a pior. Então, não, não existe uma Liga Unida dos Oprimidos. No entanto, todos os outros acham que são melhores do que os negros porque, bem, eles não são negros. Um exemplo é Lili, uma mulher de pele café, cabelos negros e língua espanhola que limpava a casa da minha tia numa cidade da Nova Inglaterra. Ela era muito altiva. Era desrespeitosa, trabalhava mal, fazia exigências. Minha tia acreditava que Lili não gostava de trabalhar para negros. Antes de finalmente demiti-la, minha tia disse: “Que mulher idiota, ela pensa que é branca”. Ou seja, a brancura é algo a que se aspira. Nem todo mundo é assim, claro (por favor, não precisam afirmar o óbvio nos comentários), mas muitas minorias têm um anseio conflituoso pela brancura dos WASPS ou, para ser mais exata, pelos privilégios da brancura dos WASPS. Eles não devem gostar de pele branca, mas certamente gostam de entrar numa loja

sem que um segurança os acompanhe. Fazer uma omelete sem quebrar os góis, como disse o grande Philip Roth. Então, se todos nos Estados Unidos querem ser WASPS, o que os WASPS querem? Alguém sabe? (ADICHIE, 2014, p. 223).

Seria previsível cogitar que Ifemelu, enquanto mulher negra e nigeriana, cederia sua origem cultural para servir às expectativas da sociedade do norte. Afinal, como foi citado, há uma tradição literária que narra a massificação das identidades dissidentes. Porém, tal ação não ocorre de maneira linear e clichê no romance de Adichie. Ao contrário da tradição literária imposta nas narrativas sobre a vida doméstica das mulheres, Ifemelu decide não continuar em um relacionamento com Curt. Adichie escolhe não construir uma personagem clássica- frágil e submissa. Assim como não apresenta Ifemelu como uma feminista radical. O que a autora escolhe é revelar espectros da personagem principal: por vezes, astuta. Por vezes, leviana. A sexualidade feminina é tratada de forma espontânea, garantindo que Ifemelu possa corromper o lugar do “anjo/demônio.” Assim, Ifemelu é tomada por uma curiosidade sobre sexo e decidiu trair Curt, o que provoca o rompimento na relação.

Ifemelu percebe que terminar o relacionamento com Curt também significaria abrir mão de todo o conforto material que ele havia proporcionado a ela, bem como o status social privilegiado. Logo após o rompimento, Ifemelu ainda tenta desculpar-se e mostra-se arrependida. No entanto, em algumas semanas, Ifemelu aceita o término de forma definitiva, o que deixa implícito para o leitor que a vida plástica vivida pelo casal não era, de fato, o desejo da personagem feminina:

Ifemelu passou semanas ligando para Curt, esperando diante do prédio dele até que ele saísse, dizendo sem parar o quanto estava arrependida e o quanto queria resolver aquilo. No dia em que acordou e finalmente aceitou que Curt não retornaria suas ligações, não abriria a porta do apartamento, não importava o quanto ela batesse, foi sozinha para o bar preferido deles dois no centro da cidade. A bartender, aquela que conhecia os dois, deu-lhe um sorriso gentil, um sorriso de pena. Ifemelu sorriu de volta e pediu outro mojito, pensando que a moça talvez fosse mais adequada para Curt, com seu cabelo castanho escovado até parecer cetim, seus braços finos, suas roupas pretas e justas e sua habilidade de conversar de forma natural e inofensiva. Ela também seria fiel de forma natural e inofensiva; se tivesse um homem como Curt, não ficaria interessada numa cópula de curiosidade com um estranho que tocava música barulhenta. Ifemelu olhou para dentro do copo. Havia algo de errado com ela. Não sabia o que era, mas havia algo de errado com ela. Uma fome, uma inquietação. Um conhecimento incompleto de si mesma. A sensação de algo distante, fora do alcance. (ADICHIE, 2014, p. 313-314).

As próximas cenas do romance relatam como o namoro com Curt acabara por afastar Ifemelu de sua própria identidade. Oscilando entre o arrependimento e o entendimento de que não precisaria da figura masculina para se colocar na sociedade estrangeira, Ifemelu passou por um processo de autoconhecimento e amadurecimento. De forma simbólica, romper com o homem branco pode significar que Ifemelu terá que abrir espaço para sua existência a partir de sua própria construção, deixando de lado o foco que havia dado ao homem e voltando sua atenção para si e para seu processo de maturidade.

Durante semanas Ifemelu tateou, tentando se lembrar da pessoa que era antes de namorar Curt. A vida conjunta deles tinha acontecido, ela não teria sido capaz de imaginá-la antes, então, sem dúvida, conseguiria voltar ao que era. Mas o antes era uma névoa cor de ardósia, e Ifemelu não sabia mais quem fora, do que gostava, do que não gostava, o que queria. Seu emprego a entediava: ela fazia as mesmas coisas chatas, escrevendo releases, editando releases, revisando releases, com gestos automáticos e entorpecidos. Talvez sempre houvesse sido assim e Ifemelu não tivesse notado, pois estava cega com o brilho de Curt. (ADICHIE, 2014, p. 324).

O próximo relacionamento de Ifemelu acontece com Blaine, um homem negro norte-americano. Blaine e Ifemelu possuem as mesmas visões políticas, ambos trabalham em áreas intelectuais e ambos compartilham da mesma cor. No entanto, o fato de ser uma negra nigeriana revela a Ifemelu que há um capital social destinado a ela na relação. É como se, aos olhos das outras pessoas negras, Ifemelu detivesse um status de purismo por ser uma negra africana. Para um homem politizado e intelectualizado, nascido nos EUA, ter uma namorada africana soaria como um capital simbólico positivo:

A melhor amiga dele, Araminta, veio visitá-lo e deu um abraço caloroso em Ifemelu, como se elas já se conhecessem. “Blaine não namorou ninguém de verdade desde que terminou com Paula. E agora ele está com uma irmã nossa e com uma irmã de pele escura ainda por cima. Que progresso!”, disse Araminta. (ADICHIE, 2014, p. 336).

Ao longo dos anos de convivência com a família e amigos de Blaine, Ifemelu nota que, para os americanos, há uma diferença entre ser uma mulher negra americana e uma mulher negra africana. Esse tensionamento é estimulado especialmente pela irmã de Blaine e a sensação de irmandade e pertencimento à comunidade negra norte-americana é constantemente questionada. Mesmo a dinâmica entre Blaine e Ifemelu sofre certo desencaixe. Para Ifemelu, Blaine precisava mostrar-se excessivamente engajado em causas minoritárias e sua vida parecia sempre muito séria e taxativa em relação às suas ações. Por

outro lado, Ifemelu, apesar de escrever sobre raça e racismo e ter conquistado seu espaço enquanto *influencer* em um cenário norte-americano, não estava equiparada à erudição cultural de Blaine. O que Adichie nos induz a concluir é que Blaine estaria constantemente preocupado em provar que era um homem culto e esforçado. Por isso, apesar dos desafios em ser negro, havia conquistado ascensão financeira e refinamento cultural. Por outro lado, Ifemelu estaria ocupada em experimentar a vida, sem grandes preocupações em atender uma expectativa sobre o que deveria ser uma mulher negra contemporânea em relação aos seus pares, quais produções culturais ela deveria consumir ou apreciar e quais falas ela deveria perpetuar.

Ele usava a palavra “preguiçoso” com frequência, para alunos que não entregavam os trabalhos no prazo, para celebridades negras que não eram politicamente ativas, para ideias que não se casavam com as suas. Às vezes, Ifemelu sentia que era aprendiz de Blaine; quando passeavam em museus, ele se demorava diante de quadros abstratos, que a entediavam, e ela acabava se afastando na direção das esculturas ousadas ou dos quadros naturalistas e sentindo, por seu sorriso forçado, sua decepção com o fato de que ainda não aprendera o suficiente com ele. Quando Blaine colocava para tocar algumas músicas de sua coleção completa de John Coltrane, ficava observando-a enquanto ela escutava, esperando pelo êxtase que ele tinha certeza de que a dominaria e, no fim, quando Ifemelu permanecia distante desse êxtase, rapidamente desviava os olhos. Ela escreveu no blog sobre dois romances que amou, de Ann Petry e Gayl Jones, e Blaine disse: “Elas não ultrapassam as fronteiras”. Disse isso com doçura, como se não quisesse aborrecê-la, mas como se acreditasse que precisava ser dito. As opiniões dele eram firmes, tão ponderadas e completamente formadas em sua própria mente que Blaine às vezes parecia surpreso que Ifemelu não tivesse chegado sozinha às mesmas conclusões. Ifemelu se sentia um pouco distante das coisas nas quais ele acreditava e das coisas que sabia e era ansiosa por alcançá-lo, fascinada por sua convicção de que entendia o que era o certo. (ADICHIE, 2014, p. 338).

A passagem acima revela que mesmo estando em um relacionamento mais maduro e mais horizontal, ainda assim, havia uma disparidade entre as experiências de Ifemelu e Blaine. Através da narrativa, nota-se que Ifemelu parecia lidar com sua negritude de forma mais espontânea, enquanto Blaine já parecia ter seu comportamento pré-estabelecido por ser um homem culto, de classe média e pensamentos progressistas. Por ter nascido nos Estados Unidos da América, Blaine sente o dever de estar em constante luta por direitos civis. Tal atitude não é sentida da mesma forma por Ifemelu, que se permite experimentar a vida de forma mais pessoal e individual.

Ifemelu vive nos Estados Unidos da América por mais de uma década e a sensação de não-lugar permanece constante. Marc Augé, antropólogo francês, dedicou grande parte de sua

obra ao debate conceitual sobre a experiência do pertencimento/não pertencimento, do sentimento de estar em um lugar/não lugar e sobre o que seria um fio condutor nas relações contemporâneas. Em sua obra *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade* (1994), o autor destaca que a modernidade provoca relações ambíguas: ao mesmo tempo que desenvolvemos aparatos que potencializam a comunicação entre pessoas, criamos estruturas culturais que nos afastam cada vez mais do outro e criam barreiras imaginárias para a tessitura das relações sociais. Potencializamos a comunicação, porém somos uma geração de pessoas cada vez mais solitárias. As sociedades modernas construíram muitos espaços que são “entre-lugares”, ou seja, espaços que permitem o trânsito e o deslocamento, mas, tais lugares, não constroem afetos e permanência. Em sua obra, Marc Augé descreve que, de maneira geral, a sociedade contemporânea faz com que os indivíduos se sintam em uma constante impressão de serem colonizados, mesmo que não saibam por quem. Ou seja, há um constante sentimento de retirada de si, de uma necessidade de adequação das individualidades em uma estrutura que valoriza as coerções sociais.

Ao longo do romance, analisamos que mesmo navegando por diversos grupos da sociedade estadunidense, a personagem Ifemelu não subverte plenamente esse mal estar gerado pelo não-pertencimento. Mesmo tendo emprego, relacionamento, prestígio e estrutura para uma vida “confortável”, Ifemelu continua demonstrando pitadas de desamparo. O leitor toma conhecimento, a partir da narrativa, que uma possível resolução para tal incômodo seria o retorno para a terra natal, que poderia permitir o reencontro amoroso com Obinze.

Ainda que, tendo construído uma vida de sucesso financeiro e de reconhecimento social, a nigeriana decide abandonar sua rotina e relacionamento no país estrangeiro. Assim, começa a planejar seu retorno para Lagos. Ifemelu começa a revelar saudades da pátria, passa a se alimentar de exemplos de outros nigerianos que retornaram para o país e volta a pensar constantemente no amor do passado, Obinze. Esse conjunto de elementos emocionais, juntamente com as constantes críticas à sociedade norte-americana impulsionam Ifemelu a executar algo que seria visto com certo julgamento aos olhos da população nigeriana, presos aos encantamentos e ilusões da vida de imigrante.

De volta a Lagos, Ifemelu reconhece os desafios de lidar com o choque-cultural reverso, mas também experimenta o *status* de ser uma nigeriana que construiu uma vida próspera no exterior. Muitos personagens são descritos como uma nova geração de nigerianos: adultos que tiveram a chance de acumular capital durante alguns anos de trabalho em terras estrangeiras e retornar para a pátria com prestígio e ascensão.

A nigeriana não consegue assumir para a família e amigos que havia terminado o relacionamento com Blaine. Afinal, terminar o namoro significaria ter perdido a chance valiosa de ter um esposo americano e concretizar o “*American way of life*”.

Não precisava mentir para suas velhas amigas sobre ele, mas o fez mesmo assim, dizendo que estava num relacionamento sério e que Blaine logo iria para Lagos encontrá-la. Ela se surpreendeu com a rapidez com que a questão do casamento surgia durante seus encontros com essas velhas amigas, fazendo com que as solteiras usassem um tom defensivo e as casadas, um de presunção. Ifemelu queria falar sobre o passado, sobre os professores de quem elas zombavam e os meninos de quem gostavam, mas o casamento era sempre o assunto preferido — quem era casada com um safado, quem estava desesperada para agarrar alguém, postando muitas fotos de si mesma toda produzida no Facebook, quem tivera um homem que a decepcionara depois de quatro anos e a abandonara por uma mulherzinha a quem podia controlar. (ADICHIE, 2014, p. 428).

Uma vez em Lagos, como havia desejado secretamente, Ifemelu reencontra seu amor dos anos de adolescência, Obinze, e começam um relacionamento extraconjugal. Obinze ainda se sente preso a atender às duras expectativas sociais: manter o casamento, ainda que infeliz, ser um bom pai para sua filha e trabalhar de forma ilícita, porém, prestigiosa. Inicialmente, o amante decide manter seu casamento e a estrutura familiar com Kosi.

O rompimento do relacionamento entre Ifemelu e Obinze acontece depois de mais de quinhentas páginas, no quinquagésimo quinto capítulo. Porém, após o afastamento de sete meses, Obinze vai até a casa de Ifemelu com um longo papel escrito por ele:

Eu sabia que podíamos aceitar as coisas que não podemos ser um para o outro e até transformá-las na tragédia poética de nossa vida. Ou podíamos agir. Eu quero agir. Quero que isso aconteça. Kosi é uma boa mulher e meu casamento era uma espécie de contentamento flutuante, mas nunca devia ter me casado com ela. Sempre soube que faltava algo. Quero criar Buchi, quero vê-la todos os dias. Mas passei todos esses meses fingindo e, um dia, ela vai ter idade suficiente para saber que estou fingindo. Saí de casa hoje. Vou ficar no meu apartamento em Park View por ora e espero ver Buchi todos os dias, se for possível. Sei que demorei demais, sei que você está seguindo em frente e entendo totalmente se não tiver certeza e precisar de algum tempo. (ADICHIE, 2014, p. 512).

De forma doce e íntima, chamando-o pelo apelido dado na época da escola, Ifemelu convida Obinze a entrar em sua casa. Sendo ela a última personagem a falar no romance, Adichie parece evidenciar o protagonismo da personagem em relação ao controle de sua vida e em relação às escolhas que vão além do esperado da representatividade feminina nos romances.

2.2 A LITERATURA COMO EXPRESSÃO SOCIAL

No presente subcapítulo, propomos a discussão sobre uma possível trajetória literária nigeriana contemporânea e os impactos que ocorrem na literatura nacional em relação aos contornos políticos e econômicos que foram impostos ao país. No caso específico da literatura nigeriana, não poderíamos deixar de considerar as reverberações trazidas pela colonização europeia. Sendo assim, ao lidar com as publicações mais relevantes da literatura nigeriana, estamos em contato direto com traços da cultura local, conflitos sociais e relatos sobre as mais diversas negociações micro e macropolíticas experimentadas pelos atores sociais.

Em um segundo momento, tratamos sobre as diversas representatividades da figura feminina, negra e africana descritas por Adichie em contraposição ao imaginário estereotipado produzido por uma tradição literária ocidental acerca da figura da mulher.

Faz parte da manifestação cultural de qualquer país produzir composições artísticas que reforcem, recriem, ironizem e/ou descrevam o imaginário nacional. A produção literária impressa, pelo seu teor de erudição e sofisticação, frequentemente só atinge status de prestígio depois de passar por um crivo de pesquisadores, críticos e acadêmicos. Por isso, quando escolhemos narrar a trajetória da produção literária de um povo, nos arriscamos a cometer equívocos e omissões, deixando algumas vozes esquecidas em prol de narrativas hegemônicas. Por outro lado, ao evocar os textos de Adichie, permitimos uma representação mais plural e endógena sobre o entendimento de sua pátria, história e a cultura nigeriana pós-colonial.

Para entendermos as potências de uma possível trajetória literária nigeriana, devemos retomar alguns dados históricos decisivos para o entendimento da formação da Nigéria enquanto nação e sobre as disputas políticas que ainda vigentes.

A unificação do sul e norte da Nigéria ocorreu por intervenção britânica em 1914. O sul foi ocupado a partir de 1880 e o Norte a partir de 1903. Assim, o território delimitado nos mapas configura em um país extremamente novo e heterogêneo. Anterior ao advento da colonização, a República Federal da Nigéria, tal qual reconhecemos geográfica e politicamente, estava organizada em territórios autônomos, de origens culturais diversas. Tais territórios tinham a agricultura e o comércio como as principais atividades econômicas. Os primeiros europeus que tiveram contato com os impérios da região foram os portugueses, que traficavam escravos da região. A religião predominante ainda é a islâmica. Atualmente, os

principais grupos étnicos são os Hausa-Fulani, os Yoruba e os Igbo. No entanto, o país localizado na África Ocidental era formado por mais de duzentas e cinquenta etnias.

A população nigeriana foi atravessada pela colonização e forçada a se organizar em instituições modernas nas quais desconhecia previamente. Em prol de um pretense desenvolvimento, os inúmeros povoados que eram nativos da região foram configurados, primeiramente, em protetorados britânicos e, posteriormente, enquanto nação unificada, de posse europeia e governos exógenos.

Esse cenário social conflituoso impactou amplamente a organização do grupo de intelectuais africanos que resistiram ao pensamento ocidental e às imposições coloniais. A obra de Ngugi wa Thiong'o contribuiu de forma exemplar para o debate acerca do anticolonialismo. Dessa forma, a literatura, como instrumento social e político, também foi uma ferramenta para narrar de dentro as demandas da população, descrever o dia-a-dia no território nigeriano e contar sobre a vida naquele país a partir do olhar da população local.

De acordo com Thiong'o, os escritores nigerianos de maior destaque estavam claramente ligados às lutas anticoloniais do século XX. Incitados pelos movimentos de independência dos países africanos e pela resistência ao *apartheid* imposto na população da África do Sul, a literatura da década de 1950 teve como maior foco o engajamento político.

Escritor de significativa presença para a construção de uma literatura do sul, Chinua Achebe foi um dos autores que construiu uma literatura nigeriana consciente dos desafios impostos à sua sociedade. Chimamanda Ngozi Adichie afirmou em entrevista que escritoras contemporâneas como ela só conseguiram espaço para publicação porque autores, tais como Achebe, abriram novos caminhos para uma tradição da literatura nacional.

Para fundamentar as discussões acadêmicas acerca da trajetória literária nigeriana recorreremos à pesquisa de Heather Hewett, professora e pesquisadora da Universidade SUNY: New Paltz, intitulada *Coming of Age: Chimamanda Ngozi Adichie and the Voice of the Third Generation* (2005). De acordo com a acadêmica, a produção dos romancistas nigerianos está diretamente ligada a um despertar da consciência política. A Nigéria enfrentou uma severa crise econômica nas décadas de 1980-1990, o que levou a um senso de isolamento e desencanto. A geração de intelectuais da época precisou lidar com governos autoritários e corruptos, que para garantir o poder nacional, espalharam uma onda de violência ditatorial, intimidação e silenciamento das manifestações artísticas. Escritores como Ogaga Ifowodo, Akin Adesokan, Kunle Ajibade e Ken Saro Wiwa foram torturados e presos políticos. O cenário instaurado na Nigéria pós-colonial foi de desmembramento e colapso.

Uma vez que as manifestações artísticas atuam como ferramenta de crítica social e lampejo das mais profundas cicatrizes culturais de uma nação, assume-se que esse foi o período de recriação da literatura produzida por autores nigerianos. *Voices from the Fringe* (1988) foi uma antologia poética que teve como tom o senso de esperança, comprometimento e identidade coletiva que emergia na nova comunidade de intelectuais nigerianos no final da década de 80. Notamos, assim, o interesse dos artistas em discutirem os rumos de sua nação e o desejo por uma incipiente construção de um senso de identidade local. Tais movimentos foram promovidos pela geração de escritores que inspiraram Adichie.

Adichie nasceu em 1977, e foi criada em Nsukka, no sudeste nigeriano. Advinda de uma família intelectualizada, na qual seu pai foi professor da Universidade da Nigéria e sua mãe, administradora na mesma instituição de ensino. Em diversas conferências e entrevistas, a autora revela ter sido inspirada pelas obras de Chinua Achebe e, inclusive, relata que morou na mesma casa que havia sido residência do escritor.

A trajetória pessoal de Adichie fez com que a autora não vivenciasse a mesma tradição literária de seus colegas contemporâneos. Seus primeiros semestres de ensino superior foram estudados na Nigéria, no entanto, aos dezenove anos, a escritora mudou-se para os Estados Unidos da América e iniciou seus estudos na área de comunicação e ciência política, na Filadélfia.

Como destaca Hewett, por não residir na Nigéria, Adichie contou com algumas especificidades em sua formação enquanto escritora: teve acesso ao meio literário norte-americano, estudou em instituições de ensino prestigiosas (Universidades Johns Hopkins e Yale), teve acesso às editoras estrangeiras, que facilitaram a difusão de suas obras. Especialmente, Adichie pôde iniciar sua carreira como escritora, imersa em um país com uma grande parte da população letrada e com tradição de consumo literário. Sua carreira enquanto escritora aproxima-se do percurso de muitos escritores nativos norte-americanos: publicações iniciais de contos em revistas literárias, recebimento de premiações acadêmicas no âmbito literário e *reviews* em jornais e revistas.

Seu reconhecimento enquanto escritora de prestígio aconteceu inicialmente fora de sua terra natal. Devido ao sucesso de suas publicações nos Estados Unidos da América, poderíamos levantar hipóteses sobre sua inserção na tradição de escritores afro-americanos. No entanto, na presente dissertação, por considerarmos que a obra *Americanah* revela as vivências de uma personagem que está constantemente experimentando o sentimento de não-lugar e de não-pertencimento, consentimos com a teoria de Hewett que aloca Adichie na terceira geração de escritores nigerianos.

No mais, por mais que Adichie tenha convivido com acadêmicos e produtores do movimento literário norte-americano, suas obras, de maneira geral, possuem como tema central a cultura nigeriana, os desafios de ser uma mulher africana, os problemas políticos nigerianos e o relato da vida doméstica da população de seu país de origem.

Ainda que a obra aconteça em grande parte na terra estrangeira e almeje construir um panorama cultural da vida de uma imigrante nos EUA, o que nos parece mais revelador da construção literária da autora é notar a descrição da sociedade estrangeira a partir do olhar dos personagens nigerianos.

A carreira de Adichie ainda está em desenvolvimento, mas seu trabalho merece atenção por várias razões. Ela é uma escritora talentosa que já obteve uma medida de sucesso que escapa a muitos escritores, tanto na África quanto nos EUA. Além disso, seu trabalho até hoje expande nossa compreensão e caracterizações das publicações nigerianas da terceira geração. Enquanto sua ficção revela várias influências sobre os escritores nigerianos, particularmente desde a primeira geração, ela também ressoa com uma ampla gama de textos, da Nigéria, de outras nações africanas e de todo o Atlântico negro. Essa intertextualidade transnacional sugere a presença de uma dimensão diaspórica heterogênea na literatura nigeriana contemporânea - uma dimensão presente em muitas literaturas nacionais do mundo pós-moderno e globalizado. (HEWETT, 2005, p.75, tradução nossa)³.

Assim, de acordo com os conceitos de Hewett, os traços mais característicos, que inserem a escrita de Adichie na terceira geração de escritores nigerianos são: o fato de Adichie exaltar a cultura local de seu povo e o interesse em dialogar com o mundo, mostrando os impactos das mídias e da *Pop Culture* no dia a dia dos jovens de sua geração. Nossa intenção na presente dissertação não é criar uma lista fixa de elementos que compõem a literatura nigeriana contemporânea. Acreditamos que as expressões artísticas estão em constante reinvenção, especialmente por serem manifestações que descrevem a experiência humana de maneira plural, por trazerem questões do íntimo e do social.

Ao estudar a grande narrativa eurocêntrica, ao considerarmos as tradições literárias dos países ocidentais, observamos uma narrativa linear na qual um restrito grupo de literatos

³ “Adichie's career is still developing, but her work warrants attention several reasons. She is a talented writer who has already gained a measured success that eludes many writers, both in Africa and the U.S. Furthermore her work to date expands our understanding and characterizations of third-generation Nigerian writers. While her fiction reveals various influences on Nigerian writers, particularly from the first generation, it also resounds with a wide range of texts, from Nigeria, other African nations, throughout the black Atlantic. This transnational intertextuality suggests the presence of a heterogeneous diasporic dimension in contemporary Nigerian literature - a dimension present within many national literatures in the postmodern, globalized world”. (HEWETT, 2005, p. 75).

atingia o status de romancista. Ao estabelecer padrões correntes nos movimentos literários, corremos o constante perigo de silenciar e invisibilizar um grande rol de autores que não se adequam ao cânone. Ao tratar a literatura produzida por países periféricos, escolhemos abrir mão da crença por essencialismos e purismos, limitações conceituais e tradições impostas pela metrópole. A produção dos países do Sul aflora enquanto ruptura, pluralidade e recriação de epistemologias, de vozes e de entendimento de si e do outro. Ainda utilizando de Hewett para corroborar nosso entendimento sobre a obra de Adichie:

O perigo dessa ilusão [de forjar uma unidade da tradição literária de um país] é que ela nos cega para a diferença; e quando pretendemos definir a unidade, corremos o risco de buscar a pureza cultural, dissolver a diferença histórica e excluir os textos porque eles não se encaixam em nossas categorias. (HEWETT, 2005, p.76 tradução nossa)⁴.

Dessa forma, assim como o pensamento acadêmico contemporâneo clama por novas formas de entender culturas, povos e identidades, a Literatura, enquanto manifestação cultural e artística, também necessita de uma revisão crítica, na qual, vozes historicamente desprezadas e rechaçadas sejam inseridas enquanto história cultural de um povo.

No que diz respeito à tradição literária africana, seu berço envolve uma história de luta e resistência anticolonial. A Nigéria não poderia deixar de lado essa característica. É de entendimento da maior parte dos críticos da Literatura do país que esta se configura em três períodos associados à História da Nigéria: próximo à independência britânica; depois da Guerra Civil e, por último, os escritores pós década de 1960, aqueles que eram crianças no período de reorganização do país pós-colonial.

Uma das críticas mais pertinentes em relação a essa possível divisão em três fases da produção nigeriana (e mais amplamente, africana) toca o silenciamento das obras de autoria feminina. Como revela Hewett, ambas as escritoras e pesquisadoras Chikwenye Okonjo Ogunyemi e Toyin Adewale-Gabriel provocam reflexão sobre a disparidade do total de publicações de autoria masculina em contrapartida aos textos assinados por mulheres nigerianas. Além disso, em suas publicações de crítica literária, denunciaram quão centrada na figura masculina eram as publicações de maior prestígio, revelando, assim, um boicote social nas obras de autoria feminina:

⁴ “The danger of this illusion [of forging a unity in a country's literary tradition] is that it blinds us to difference; and when we intend to define unity, we run the risk of seeking cultural purity, dissolving historical difference and excluding texts because they do not fit into our categories”. (HEWETT, 2005, p. 76).

Assim como as críticas feministas nos EUA, as críticas feministas e feministas da literatura nigeriana desafiaram o cânone nigeriano por sua exclusão de escritoras. Uma das críticas mais fortes veio de Chikwenye Okonjo Ogunyemi, que caracteriza a literatura nigeriana como fálica, dominada por escritores do sexo masculino e críticos do sexo masculino que lidam quase exclusivamente com personagens masculinos e concessões masculinas, naturalmente destinados a um público predominantemente masculino. A escritora da terceira geração, Toyin Adewale faz um argumento semelhante na introdução de *Breaking the silence*, sua antologia de ficção curta, quando ela faz a pergunta: Onde estão as minhas antepassadas e irmãs literárias? Sua pergunta sem resposta contém várias possibilidades: que as escritoras foram excluídas do cânone; que as mulheres enfrentaram obstáculos específicos de gênero - econômico, cultural, psicológico - tornando difícil ou impossível escrever; ou, finalmente, que a combinação de ambas excluiu e silenciou as mulheres. A própria Adewale tentou remediar ambas as questões publicando sua antologia, que deu atenção a muitas outras vozes femininas e fundando uma rede de apoio para autores estabelecidos e emergentes. Mulheres Escritoras da Nigéria (WRITA). As mulheres não são as únicas críticas do cânone literário nigeriano; muitos escritores de terceira geração também criticaram críticos, professores e universidades por serem lentos em incluir seu trabalho junto com o das primeiras duas gerações. (HEWETT, 2005, p. 77, tradução nossa)⁵.

Ainda sobre as fases da produção literária nigeriana, Hewett assume que alguns críticos poderiam pontuar que houve um rompimento, de desejo pelo novo, um certo ar de renascimento e vanguarda entre as três gerações de escritores nigerianos. Ainda que possam existir diferenças entre os estilos e temáticas, o valor central do cânone manteve-se preservado. Ou seja, os temas recorrentes ao entendimento da identidade nigeriana: a cultura, a crítica aos governos corruptos e um senso de criação de si e de pátria perpassam as três fases da Literatura produzida na Nigéria e estão claramente presentes nas obras de Chimamanda

⁵ “As with feminist criticism in the U.S., feminist and womanist critics of Nigerian literature challenged the Nigerian canon for its exclusion of female writers. One of the strongest criticisms has come from Chikwenye Okonjo Ogunyemi, who characterizes Nigerian literature as phallic, dominated by male writers and male critics who deal almost exclusively with male characters and male concessions, naturally aimed at a predominantly male audience. Third-generation writer Toyin Adewale makes a similar argument in the introduction to *Breaking the Silence*, her anthology of short fiction, when she asks the question: Where are my ancestors and literary sisters? Her unanswered question contains several possibilities: that the writers were excluded from the canon; that women faced gender-specific obstacles - economic, cultural, psychological - making it difficult or impossible to write; or, finally, that the combination of both excluded and silenced women. Adewale, herself, tried to remedy both issues by publishing her anthology, which has brought attention to many other female voices, and founding a supportive network for established and emerging authors, Women Writers of Nigeria (WRITA). Women are not the only criticisms of the Nigerian literary canon; many third-generation writers have also faulted critics, teachers and universities for being slow to include their work along that of the first two generations”. (HEWETT, 2005, p. 77).

Adichie. Especialmente, no que tange as referências diretas à obra de seu predecessor, Chinua Achebe.

Ao analisar as características da terceira geração de escritores nigerianos, notamos que os temas que discutem o caos social e as decepções impregnadas na população da Nigéria são pontos contumazes. Há uma recorrência no tom de denúncia da violência e das opressões que passaram os países colonizados, além da própria experiência de viver em uma sociedade pós-colonial. O breve trecho descreve as perspectivas de Tia Uju:

Semanas antes ela era uma recém-formada e todos os seus colegas estavam falando em sair do país e fazer a prova para obter a licença médica nos Estados Unidos ou no Reino Unido, porque a opção era desabar sobre um deserto de desemprego. O país estava sedento de esperança, com carros parados durante dias em longas e suarentas filas para comprar gasolina, aposentados carregando placas esmaecidas em que exigiam receber sua pensão, professores se reunindo para anunciar mais uma greve. (ADICHIE, 2014, p. 54).

A passagem acima ilustra um pensamento recorrente no romance: as tensões entre o sentimento de estar em casa – Nigéria – e o desconforto advindo da negligência política por parte dos governantes. Sobre as vozes – em grande parte, femininas – que gritam e se rebelam nos textos de Adichie, Hewett sugere:

Desde que Gayatri Spivak fez a pergunta, críticos nos estudos pós-coloniais debatem se a mulher subalterna pode falar. Em contraste com a afirmação de Spivak de que a mulher subalterna é muda, Carole Boyce Davies argumentou que o problema está na "audição ou escuta seletiva" de seus opressores ("Audição"). O romance de Adichie sugere uma terceira alternativa: que o silêncio e a falta de voz resultam de uma combinação dos problemas sobre os quais Spivak e Davies escrevem. As causas do silêncio e da falta de voz são múltiplas, seus significados não apenas complexos, mas também mudando constantemente. Uma pessoa pode sofrer tanto por ser silenciada quanto por não ser ouvida, especialmente quando as circunstâncias mudam e o tempo passa. (HEWETT, 2005, p. 85, tradução nossa)⁶.

⁶ Ever since Gayatri Spivak posed the question, critics in post-colonial studies have debated whether subaltern women can speak. In contrast to Spivak's assertion, that the subaltern woman is mute, Carole Boyce Davies has argued that the problem lies in the "selective-hearing or mis-hearing" of her oppressors ("Hearing"). Adichie's novel suggests a third alternative: that silence and voicelessness result from a combination of the problems about which Spivak and Davies write. The causes of silence and voicelessness are multiple, their meanings not only complex, but also constantly changing. One person can suffer both from being silenced and not being heard, especially when circumstances change and time passes. (HEWETT, 2005, p. 85).

Esse aspecto pode ser notado no romance pela forma na qual Ifemelu apresenta-se em palestras e na diferença de seu tom quando escreve através do *blog*. Sendo essa uma plataforma virtual, na qual há uma proteção da identidade real da escritora, Ifemelu sente-se mais confortável em tecer críticas árdidas sobre o racismo nos EUA. Por outro lado, quando a personagem é convidada a proferir palestras, nas quais Ifemelu precisa encarar a audiência, adaptar-se à instituição anfitriã e prever quais são os jogos de negociação, as potências de sua voz e as percepções sobre a sociedade americana são amenizadas:

Assim, ao longo das semanas seguintes, conforme Ifemelu foi dando mais palestras em empresas e escolas, começou a dizer o que eles queriam ouvir, sendo que jamais escreveria nada daquilo em seu blog, pois sabia que as pessoas que o liam não eram as mesmas que iam a workshops sobre diversidade. Durante suas palestras, Ifemelu dizia: “Os Estados Unidos já progrediram muito e devemos nos orgulhar disso”. Em seu blog, escrevia: O racismo nunca devia ter acontecido, então você não ganha um doce por ele ter diminuído. Mais convites ainda chegaram. Ela contratou uma estagiária, uma estudante americana cuja família era do Haiti e que usava o cabelo em caracóis elegantes, que conhecia bem os meandros da internet, procurando qualquer informação de que Ifemelu precisasse e apagando comentários inapropriados praticamente assim que eram postados. (ADICHIE, 2014, p. 330).

O próximo atributo marcante da construção do romance de Adichie está conectado ao conceito de afropolitanismo. De acordo com a pesquisa de Isabella Villanova, *Deconstructing the ‘single story’: Chimamanda Ngozi Adichie’s Americanah* (2018), no que diz respeito à construção dos personagens principais do romance, há mais uma confirmação de que Adichie participa da terceira geração de escritores nigeriano. Tal aspecto é notado uma vez que o romance apresenta personagens que estão inseridos em sua época e experimentam os desafios da sociedade do século XXI, especialmente no que diz sobre uma postura social e um entendimento de si enquanto sujeito *afropolitan*. De acordo com Villanova, o termo *afropolitan* é a junção da palavra africano e cosmopolita. Ele faz referência aos sujeitos pós-coloniais que possuem como características de suas identidades a pluralidade de culturas, línguas e hábitos. Esses elementos atuam de forma simultânea em seus papéis sociais e no sentimento de pertencimento, que está ligado tanto à nacionalidade, quanto ao sentimento de reconhecimento de si em outras culturas.

Situada no mundo globalizado do início do século XXI, *Americanah* descreve, através de uma perspectiva realista, os processos formativos de Ifemelu e Obinze, explorando temas como migração, diáspora, deslocamento, falta de fronteiras, racismo, cabelos como metáfora da raça,

interconectividade entre raça e gênero, a busca por identidade e pertencimento nacional. Esses tópicos identificam especificamente a chamada "terceira geração" de escritores nigerianos. (VILLANOVA, 2018, p. 87, tradução nossa)⁷.

Ainda recorrendo ao texto de Villanova, a pesquisadora aponta um aspecto estrutural do romance que o insere em uma literatura pós-colonial. Esse aspecto está ligado ao ato de ressignificação e de reescrita de gêneros tradicionais da literatura europeia com o objetivo de questionar uma única forma de narrar, uma construção pré-estabelecida da figura da feminina e de revisar os costumes culturais ocidentais.

Grande parte dos romances canônicos ocidentais foi estruturada de forma a contemplar duas organizações frequentes da construção do enredo: o "romance tradicional" e o "*male-female double Bildungsroman*". De acordo com a pesquisa de Villanova, o romance de Adichie dialoga com o segundo conceito. Como é esperado da literatura pós-colonial, tal diálogo não se limita à cópia de um modelo ocidental. Para além, o texto de Adichie propõe certa reinvenção do segundo conceito, na qual partes das características europeias são mantidas, mas há também uma adição do olhar contemporâneo, a valorização das experiências das novas narrativas produzidas no Sul e da escrita feminina.

A narrativa que contempla o "romance tradicional" normalmente descreve uma aventura, na qual personagens imaginários e heroicos, em sua totalidade masculinos, necessitam passar por uma provação, desafios ou séries de infortúnios com o objetivo de transmutação, de vencer tais eventualidades e concluir uma missão. Nesse cenário, as mulheres, quando são representadas, são alocadas em posição secundária, sendo que os destinos de suas vidas dependem diretamente da bravura e proeza do herói masculino.

Por outro lado, a segunda opção, estudada e conceituada por Charlotte Goodman (1983), intitulada "*male-female double Bildungsroman*" entende que é a relação entre os personagens femininos e masculinos que vão promover o desenrolar do enredo. De acordo com a pesquisadora, o conceito está relacionado com o amadurecimento dos personagens femininos e masculinos no romance e no questionamento acerca de quais papéis de gênero eles devem performar, propiciando rupturas à rigidez das expectativas da sociedade patriarcal.

⁷ Set in the globalized world of the early 21st century, *Americanah* describes, through a realist perspective, the formative processes of Ifemelu and Obinze, exploring themes such as migration, diaspora, displacement, borderlessness, racism, hair as a metaphor of race, the interconnectedness between race and gender, the search for identity and national belonging. These topics specifically identify the so-called 'third generation' of Nigerian writers. (VILLANOVA, 2018, p. 87).

A dupla forma *Bildungsroman*, com foco em protagonistas masculino e feminino, parece ser particularmente agradável para a romancista que deseja enfatizar o modo como que uma sociedade que diferencia rigidamente os papéis de gênero masculino e feminino limita o desenvolvimento de mulheres e homens [...] o *Bildungsroman* masculino-feminino dramatiza as limitações impostas aos protagonistas masculino e feminino em uma sociedade patriarcal onde a completude andrógina não é mais possível. (GOODMAN, 1983, p.31, tradução nossa).

Goodman utilizou como objeto para sua análise a narrativa proposta pelo romance único da escritora britânica Emily Brontë, o clássico livro “O Morro dos Ventos Uivantes”, publicado em 1847. O enredo tripartido narra as fases principais da história de amor entre os personagens principais- bem como a obra de Adichie, Brontë narra o desenvolvimento dos personagens Heathcliff e Catherine Earnshaw. A primeira fase ocorre ainda na infância, na qual os personagens ainda não possuem distinções em seus papéis de gênero. Há um certo tom de encantamento, idealização e bucolismo nessa fase. É na infância que ocorre primeira sugestão do amor platônico, de uma amizade profunda e/ou de um pacto de companheirismo entre os personagens masculinos e femininos.

A segunda fase acompanha o envelhecimento dos personagens e a experiência da adolescência. Nesse momento, a ênfase da história dá-se por meio da separação dos personagens. As narrativas canônicas ocidentais prescrevem que o personagem masculino precisa sair em uma jornada heroica em busca de fortuna e prestígio, enquanto a personagem feminina deve permanecer na esfera do privado. Notamos um tom pedagógico nos romances canônicos europeus, que devem alertar às mulheres sobre o comportamento esperado por elas. Da mesma forma, aos homens, há a dever de agir no mundo e torna-se adulto através dos rituais de distanciamento do lar.

A última fase narra o reencontro amoroso do casal. Ao contrário do tradicional final feliz, esperado pela união dos personagens, a narrativa evoca as diferenças de experiências de vida entre os personagens, os distanciamentos de seus papéis sociais e as imposições dos valores nos quais ambos precisam aceitar.

De acordo com a leitura de Villanova, há o paralelo da trajetória de Ifemelu e Obinze com as características principais da narrativa descrita por Goodman. Utilizando as palavras de Villanova:

Embora o romance seja essencialmente mítico, enquanto o *Bildungsroman* é fundamentalmente realista, eles apresentam algumas semelhanças, especialmente no que diz respeito ao amor entre o herói e a heroína e à aventura, que são os principais temas de *Americanah*.

O romance de Adichie apresenta uma estrutura tripartida e algumas das marcas do de desenvolvimento e do romance ocidental, que podem estar parcialmente ligadas à tradição do romance. Mas, ao narrar uma história focada nas perspectivas de dois migrantes nigerianos negros, personagens marginalizados nos textos ocidentais, a autora reescreve a *single story*, a generalização canônica e o enredo míope dos gêneros literários prévios, e em última instância, a desconstrói através de sua perspectiva feminista. (VILLANOVA, 2018, p. 87, tradução nossa)⁸.

Assim, como revela Villanova, Adichie cria uma narrativa na qual há a retomada de elementos tradicionais e, ao mesmo tempo, tais elementos também são subvertidos, ampliando assim, as possibilidades de experiências das personagens femininas, tecendo novos rituais de maturidade, de descoberta de si e da sociedade.

Apesar de não mencionar as palavras “feminismo” ou “feminista” ao longo das mais de quinhentas páginas do romance, Adichie utiliza sua vasta gama de personagens femininas, das mais diversas representatividades. Além da personagem Ifemelu, Idichie adiciona a figura da mãe, tia, a melhor amiga nigeriana, as mulheres religiosas, as colegas de trabalho norte-americanas e nigerianas, a cunhada, as mulheres da elite nigeriana, a esposa tradicional, as imigrantes pobres que vão trabalhar nos Estados Unidos da América.

Ainda assim, somente trazer ao texto personagens femininas seria raso ao pensar nas potências da literatura pós-colonial. De fato, o que Adichie recorre no romance *Americanah* é criar novas possibilidades para as mulheres que aparecem na narrativa e exaltar a pluralidade da experiência feminina. Adichie nos apresenta papéis femininos que vão além do imaginário estereotipado do anjo ou do demônio, termos utilizados pelas críticas literárias Sandra M. Gilbert e Susan Gubar, na obra *The Mad Woman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination* (1979). A obra crítica, de 1979, tem como objetivo propor um novo olhar para romances e poemas de maior destaque, escritos por mulheres norte-americanas ou inglesas, durante o século XIX. As autoras revelam o padrão tradicionalmente esperado nas personagens femininas: há uma repetição de personagens que são inscritas na dicotomia “anjo/demônio”. Ou seja, só há dois papéis para as personagens femininas: aquelas que atendem às expectativas da sociedade da época e cumprem com um

⁸ “Even though the romance is essentially mythical, while the Bildungsroman is fundamentally realistic, they present some similarities, especially with regard to love between the hero and heroine and to adventure, which are major themes in *Americanah*. Adichie’s novel presents a tripartite structure and some of the hallmarks of the Western novel of development, which may partly be connected to the tradition of romance. But, by narrating a story focused on the perspectives of two black Nigerian migrants, marginalized characters in Western texts, the author rewrites the single story, the canonical mainstream and myopic plot of the aforementioned literary genres, and ultimately deconstructs it through her feminist perspective”. (VILLANOVA, 2018, p. 87).

papel dócil e delicado. Ou, então, o polo oposto: mulheres enlouquecidas, enraivecidas, que são figuras indesejadas na sociedade patriarcal. Gilbert e Gubar (1979) também ressaltam que o confinamento e a opressão, tanto das personagens, quanto das escritoras, são marcas da literatura daquela época.

A organização da sociedade patriarcal ocidental pressupõe que, para manter seus alicerces e verdades inquestionáveis, somente uma única voz pode ser tomada como crível: aquela que propaga o comportamento do homem branco. O ato de dar voz às personagens femininas configura um ato de resistência em um contexto da produção historicamente resguardada aos homens. A autoria feminina ainda é um desafio, uma vez que mulheres enfrentam obstáculos desde a negociação de tempo livre para se dedicar a produção intelectual, preconceitos enfrentados por uma sociedade comandada por homens, boicote de sua autoridade e dificuldade em encontrar uma narrativa que descreva a perspectiva feminina pelo viés da autoria feminina.

Quando escritoras ganham acesso ao ambiente das publicações literárias, elas abrem espaço para um novo entendimento do lugar da mulher no mundo. Elas inscrevem a experiência de ser mulher na sociedade – em grande maioria, construídas a partir da desigual relação de gênero – e se apropriam do lugar de fala.

Sendo a voz um mecanismo orgânico, individual e nato, utilizá-la como instrumento de poder configura em um posicionamento que não demanda necessariamente a inserção em ambientes institucionalizados. Dessa forma, a voz pode ser utilizada como um brando de rebeldia e confronto, desafiando instituições e questionando discursos, penetrando nas fissuras da sociedade patriarcal.

Quando consideramos a literatura contemporânea feminina, ainda devemos ressaltar o fenômeno descrito por Sandra Gilbert e Susan Gubar a respeito das dificuldades encontradas por autoras em estabelecer uma carreira como escritoras. O capítulo *Infection in the sentence: the woman writer and the anxiety of authorship*, publicado na obra de 1979, Gilbert e Gubar debatem sobre os desafios que cercam o ato da escrita feminina, da consolidação do mercado de trabalho e das representações das mulheres no ambiente literário. De maneira geral, tais desafios vão desde a não identificação com a narrativa descrita por homens escritores – como mencionado, alocavam as personagens femininas entre a polarização da imagem do anjo, dócil, frágil e ingênuo ou na dicotomia do demônio, no qual as mulheres eram representadas enquanto figuras maliciosas, causando algum tipo de ruptura da ordem, morte ou traição. E, também, incluem o vazio de exemplos de escritoras de gerações prévias, o medo do

juízo da pertinência da produção feminina e o não-lugar da mulher enquanto intelectual e protagonista de sua própria narrativa.

Hewett ressalta que as dificuldades apontadas pelas pesquisadoras Gilbert e Gubar continuam presente atualmente e ainda são acrescidas dos desafios específicos da pós-colonialidade:

Nos estudos feministas, os críticos falam sobre dar voz a si mesmo como um ato de autocriação, uma reivindicação de autoria e autoridade que permite que a escritora se defina através do poder da linguagem. Reivindicar uma voz é um ato interno que resulta do acesso à autoridade derivada da experiência vivida de um indivíduo. (...) Os obstáculos que impedem as mulheres de reivindicar sua voz são muitos: eles vão desde a tarefa de desafiar as estruturas patriarcais de uma cultura particular ou da sociedade (tarefa dificultada infinitamente pelas forças do colonialismo e da globalização) até a frequente ausência de escritoras antepassadas. (HEWETT, 2005, p.88, tradução nossa)⁹.

Ao considerar os limites impostos às mulheres, cabe ressaltar a importância da necessidade de uma maior pluralidade das vozes dentro do próprio recorte de gênero. Muitas identidades e manifestações ainda precisam existir e ocupar os espaços intelectuais da produção contemporânea. Adichie, quando publica um romance composto por diversas experiências femininas de atuação em espaços cosmopolitas possibilita a inscrição das vozes de mulheres africanas na construção de novas narrativas e novos saberes.

Quando utilizamos o recorte do romance escolhido para a presente pesquisa podemos pressupor que a narrativa escolhida por Adichie transita constantemente por seu berço cultural nigeriano e pelo pensamento ocidental. Assim como a construção de identidades polissêmicas dos personagens, que não se limitam a uma única essência. A escritora nigeriana reescreve a imagem, o corpo, o saber, as potências e o imaginário da mulher africana, constantemente predestinada à periferia, a subalternidade e a subjugação.

De acordo com as palavras da escritora nigeriana, ao revelar a potência das narrativas: “Elas foram usadas para desapropriar e difamar. Mas elas também podem ser usadas para capacitar e humanizar. Elas podem quebrar a dignidade de um povo. Mas elas também podem reparar essa dignidade desfeita” (ADICHIE, 2009, tradução nossa).

⁹ “Within feminist studies, critics talk about giving voice to oneself as an act of self-creation, a claim of authorship and authority that enables the woman writer to define herself through the power of language. Claiming a voice is an internal act that results from access to authority derived from an individual's lived experience. (...) The obstacles preventing women from claiming their voice are many: they range from the task of challenging the patriarchal structures of one's particular culture or society (a task made infinitely more difficult by forces of colonialism and globalization) to the frequent absence of literary foremothers”. (HEWETT, 2005, p. 88).

Ao considerar o ato de dar voz à uma população e ao ato de contar histórias sobre si e sobre o outro, reconhecemos no romance elementos de subversão de uma grande narrativa, principalmente sobre a representação histórica da África e de sua população. Assim, o *perigo da história única* e a recusa da *grande narrativa* são conceitos que permeiam a intencionalidade do romance adichiano.

Na presente dissertação, usamos o termo “grande narrativa” em consonância aos conceitos trazidos por Edward Said, na obra *Orientalism* (1979) a respeito do imaginário que foi criando no ocidente sobre os povos orientais. A grande narrativa seria o ato de recriar a história de um povo de forma estereotipada e perigosa, inserindo uma única representatividade para uma gama de culturas.

A visão ocidental do globo levou a um processo ardiloso, no qual tudo o que se diz não-ocidental é condenado à homogeneidade e, ao mesmo tempo, visto como uma fragmentação, algo incompleto e menor. A obra mencionada descreve como ao longo da História da Humanidade, o Oriente foi tomado como uma cultura única: por vezes, era visto como um lugar fascinante, exótico e sedutor. Por outro lado, o mesmo local, o vago Oriente, poderia ser o espaço do atraso, de inferioridade, de perigo, de um povo subdesenvolvido.

Esta perspectiva aparece no romance escrito por Adichie. Frequentemente, Ifemelu é vista enquanto “africana”, termo que evoca uma “nacionalidade continental” genérica, que pode ser uma mistura da pluralidade de países e culturas. Utilizando um exemplo do romance, a cena abaixo é um trecho de uma conversa entre Ifemelu e uma personagem do Senegal, que trabalha como cabeleireira nos EUA: "Por que você diz África, em vez de apenas dizer o país que você quer dizer?", Perguntou Ifemelu. Aisha riu. Você não conhece a América. Você diz que o povo Senegal e americano diz: onde é isso? Minha amiga de Burkina Faso, eles perguntam a ela, seu país fica na América Latina?" (ADICHIE, 2014, p.22).

Na presente pesquisa, para além dos pontos cardiais, entendemos o conceito de “culturas ocidentais” e “culturas do norte” como todos os países capitalistas que controlam os jogos econômicos e sociais; que invadiram e exploraram muitas outras nações do globo, os países que se autodeclararam *primeiro mundo* e que narraram a História da Humanidade a partir de sua própria perspectiva. Durante séculos, do senso comum à produção acadêmica, o ocidente/norte foi descrito como o modelo de desenvolvimento, moralidade, arte, civilização, religião, modernidade. Nessa perspectiva, as inúmeras sociedades do mundo deveriam seguir o modelo ocidental, capitalista e desenvolvimentista.

Boaventura de Sousa Santos, pesquisador contemporâneo português, dedica grande parte de suas pesquisas e publicações em discutir os impactos da colonização e repensar o

lugar não geográfico que as nações devem reivindicar. Santos propõe uma nova narrativa para a história dos povos do Sul, denunciando os abusos da colonização e ressignificando o valor dado ao pensamento do Sul. Em artigo publicado em 2016, o pesquisador pós-colonial (como o próprio se intitula) debate sobre a visão eurocêntrica que tomou conta das narrativas nos últimos cinco séculos. O autor postula sobre uma linha abissal, ou seja, uma linha invisível que recorta o mundo entre Sul e Norte, inscrevendo essas nações em falsos imaginários.

A ideia básica por trás das epistemologias do Sul é que todo o nosso pensamento teórico no Norte global foi baseado na ideia de uma linha abissal. Uma linha que é tão importante que permaneceu invisível. Ele faz uma distinção invisível que sustenta todas as desigualdades que fazemos entre o legal e o ilegal e entre os conhecimentos científicos, teológicos e filosóficos. Essa distinção invisível opera entre sociedades metropolitanas e sociedades coloniais. Nos últimos cinco séculos, essa linha abissal existiu e foi tão forte que o mundo foi dividido entre este lado da linha e o outro lado da linha. Todas as nossas teorias foram baseadas e desenvolvidas nas experiências deste lado da linha. Nossos universalismos foram baseados nas realidades deste lado da linha; o outro lado da linha permaneceu invisível. Essa exclusão e silenciamento do outro lado da linha é tal que o que ali acontece não compromete a universalidade das nossas ideias, porque não contam como realidade, porque as pessoas que aí vivem não contam como humanos no entendimento moderno de humanidade. A concepção de humanidade centrada no Ocidente não é possível sem um conceito de subhumanidade (um conjunto de grupos humanos que não são totalmente humanos, sejam eles escravos, mulheres, povos indígenas, trabalhadores migrantes, muçulmanos). (SANTOS, 2016, p. 20-21, tradução nossa)¹⁰.

A invasão colonial, por si, imprime o apagamento e o silenciamento de diversas vozes que existiam em uma determinada nação. Essa naturalização da violência é relatada por Santos como um sistema de poder que cria uma classificação para as nações do globo, de forma a contemplar os desejos dos governos do Norte e negar ao Sul os dispositivos de autogestão:

¹⁰ The basic idea behind the epistemologies of the South is that all of our theoretical thinking in the global North has been based on the idea of an abyssal line. A line that is so important that it has remained invisible. It makes an invisible distinction sustaining all the distinctions we make between legal and illegal, and between scientific, theological and philosophical knowledges. This invisible distinction operates between metropolitan societies and colonial societies. For the last five centuries this abyssal line has been there and it has been so strong that the world has been divided into this side of the line and the other side of the line. All of our theories have been based and developed on the experiences from this side of the line. Our universalisms have been based on the realities of this side of the line; the other side of the line has remained invisible. This exclusion and silencing of the other side of the line is such that what happens there does not compromise the universality of our ideas, because they do not count as reality, because the people that live there do not count as humans in the modern understanding of humanity. The Western-centric conception of humanity is not possible without a concept of sub-humanity (a set of human groups that are not fully human, be they slaves, women, indigenous peoples, migrant workers, Muslims) (SANTOS, 2016, p 20-21).

O colonialismo é um sistema que naturaliza as diferenças de tal maneira que as hierarquias que justificam a dominação, opressão e assim por diante são consideradas o produto da inferioridade de certos povos e não a causa de sua chamada inferioridade. A inferioridade deles é "natural" e, como é natural, eles precisam ser tratados de acordo; isto é, eles precisam ser dominados. Historicamente, o colonialismo também significa invasão e ocupação estrangeira. Essa ocupação estrangeira é muito importante porque é uma negação de todas as concepções de territorialidade: estados significantes, organizações e culturas existentes nos territórios ocupados antes da colonização ocupação. A dominação colonial envolve a destruição deliberada de outras culturas. (SANTOS, 2016, p. 18 tradução nossa)¹¹.

Esta grande e convincente narrativa que define quem é superior e quem inferior nos jogos da dominação estão profundamente arraigadas nos corpos, pensamentos e comportamentos da humanidade. A colonização nos impacta globalmente, de tal forma que nossos entendimentos sobre identidades/pertencimento são atravessados por ela. Como aponta Santos, a manutenção da humanidade no século XXI é uma tarefa política e para que exista a sobrevivência de grupos do Sul, esse sistema brutal de divisão do globo deve ser reequilibrado.

Os estudos da antropologia apontam que academicamente não podemos pensar em culturas como primitivas ou modernas, melhores ou piores, boas ou más. Atualmente, estudamos antropologia evolutiva como uma maneira de entender o pensamento sobre a disciplina em seus primórdios. No entanto, sem nenhum tipo de consistência científica.

Porém, não podemos ignorar o impacto político da teoria evolutiva, uma vez que foi considerada como justificativa para a intervenção em territórios não-ocidentais. O termo evolucionismo, como foi apropriado pelas ciências humanas a partir das pesquisas no campo da biologia, sustentou e autorizou o maior impacto na História Moderna: o domínio colonial. Como descreve François Laplatine, antropólogo francês, em sua obra *Aprender Antropologia* (2007):

A antropologia evolucionária, cujas ambições nos parecem hoje desmedidas, não hesita em esboçar em grandes traços afrescos imponentes, através dos quais afirma

¹¹ Colonialism is a system of naturalizing differences in such a way that the hierarchies that justify domination, oppression, and so on are considered the product of the inferiority of certain peoples and not the cause of their so-called inferiority. Their inferiority is 'natural', and because it is natural, they 'have' to be treated accordingly; that is, they have to be dominated. Historically, colonialism also means invasion and foreign occupation. This foreign occupation is very important because it is a negation of all conceptions of territoriality: meaning states, political organizations, and cultures that existed within the occupied territories prior to their colonial occupation. Colonial domination involves the deliberate destruction of other cultures. (SANTOS, 2016, p. 18).

com arrogância julgamentos de valores sem contestação possível. A convicção da marcha triunfante do progresso é tal que, juntando e interpretando fatos provenientes do mundo inteiro (à luz justamente dessa hipótese central), julga-se que será possível extrair as leis universais do desenvolvimento da humanidade. (LAPLANTINE , 2007, p.69-70).

A partir desse cenário histórico, no qual o processo de colonização impactou diretamente os jogos de poder entre Norte/Sul e reverberou em todos os processos culturais, inclusive na produção literária, fechamos o presente capítulo- que de forma alguma tem como pretensão esgotar o debate acerca da literatura pós-colonial. Ao contrário, trazemos para a presente pesquisa mais um tema recorrente na obra *Americanah*: o debate acerca da mulher imigrante no século XXI. O próximo capítulo tem como escopo trazer as experiências de Ifemelu de forma a alocá-la em perspectiva às experiências migratórias contemporâneas.

Gostaríamos de ressaltar que a origem do termo evolucionismo diz sobre mudanças e adaptações em relação ao ambiente local. Dessa forma, a partir das ciências biológica, não há relação entre *evolução* e *tornar-se melhor*. Frequentemente, autores das ciências humanas reconstruíram o uso do termo evolucionismo desconsiderando o aspecto inicial do termo, que dizia sobre a potência adaptativa dos seres. Assim, a partir da escrita dos autores das humanidades, o conceito de evolucionismo foi tido como uma progressão, desenvolvimento e/ou melhoria de grupos sociais em comparação à outros.

3.0 NEGOCIAÇÕES DE SI, VIVER FORA DE CASA.

Um dos temas de maior presença nas obras de Adichie é a noção de movimento, partida e ressignificação da experiência humana a partir do deslocamento pelo espaço. Narrativas sobre nigerianos morando em terras estrangeiras também fazem parte das temáticas abordadas pela autora, assim como fazem parte da experiência pessoal da autora, que trabalha nos Estados Unidos e na Nigéria, além de participar de palestras e eventos ao redor do mundo- usando o passaporte nigeriano, como faz questão de exaltar.

Temas que remetem à diáspora ou imigração são recorrentes nas obras literárias pós-coloniais, isso porque é quase impossível omitir ou negar que um dos efeitos mais claros da colonização foi agravar as desigualdades sociais entre metrópole e colônia. Individualmente ou de forma coletiva, populações minoritárias podem encontrar uma solução para ascensão financeira por meios migratórios. Além de impulsos econômicos, o imaginário da vida em terra estrangeira pode ser considerado como uma aventura, um recomeço para a vida, um escape para os problemas locais. Há uma vasta literatura de viagem que aborda as experiências extravagantes e inigualáveis, que somente poderiam acontecer no exterior.

Porém, o conceito de diáspora, no âmbito dos Estudos Pós-Coloniais, mais comumente, pode referir-se a uma experiência traumática e bárbara: a escravização de milhões de pessoas africanas. Nesse contexto, o termo “diáspora africana” está diretamente ligado ao fenômeno coletivo da retirada violenta da população africana com o objetivo de abastecimento de mão-de-obra escravizada. Claramente, quando nos referimos ao deslocamento de Ifemelu e Obinze não estamos nos referindo à diáspora africana, nos termos históricos. Ao longo da pesquisa, usamos termo “diáspora” em consonância aos estudos literários.

De acordo com Cláudio R. Braga (2018), o conceito do termo “diáspora” que melhor compreende os fenômenos contemporâneos foi descrito pelos pesquisadores William Safran (1991) e Robin Cohen (1997, 1999). Em artigo publicado (1991) pelo cientista político inglês, o termo diáspora diz sobre uma comunidade formada em terras estrangeiras, que possuem como elo o interesse pela preservação de uma memória cultural da terra natal. Assim, essa comunidade habita um território, mas continua ligada à terra natal por meio de uma memória coletiva. Além desse sentimento nostálgico, há também uma sensação de não pertencimento no território estrangeiro e na cultura do outro. Utilizando das palavras de Braga:

Em “Diaspora in modern societies: myths of homeland and return”, Safran (1991) inicia sua explanação afirmando que uma diáspora é um tipo de mobilidade que envolve uma dispersão de uma terra natal para duas ou mais regiões periféricas ou estrangeiras. Nesses processos, formam-se comunidades expatriadas que mantêm uma memória coletiva sobre a terra natal, ao mesmo tempo em que acreditam não possuir aceitação plena na sociedade que os hospeda. Safran destaca o já mencionado respeito pela terra natal ancestral, que se configura como uma espécie de lar verdadeiro e ideal, para onde se deve retornar um dia.” (BRAGA, 2018, p. 83/84).

Robin Cohen (1999), sociólogo sul-africano sugeriu nove características para descrever o conceito de “diáspora”. Em concordância com a perspectiva de Safran, Cohen (1999) também reforça a noção de afinidade com o imaginário da terra natal e até mesmo um compromisso em participar da edificação da terra de origem. Cohen menciona que o impulso para saída coletiva da terra natal, normalmente, é impelido por um trauma, como guerras, graves crises econômicas, perseguições políticas entre outras causas. Cohen reforça que, mesmo fora do lar, há um sentimento muito vigoroso de conexão com a cultura e as tradições ancestrais. A população que participa da diáspora também tem como entendimento que sua ocupação no território estrangeiro não é plenamente aceita. No entanto, há um lado positivo na vida fora do lar: há a oportunidade de realização de uma existência criativa e lucrativa no estrangeiro. De acordo com Cohen, há uma organização coletiva para que as pessoas que experimentam a diáspora possam regressar para suas terras natais, sendo assim, o grupo disperso de sua terra de origem tem como intenção o retorno futuro. Há um dado interessante que Cohen adiciona às características do movimento diaspórico: um sentimento de solidariedade com outros grupos estrangeiros, que também compartilham o território não-nativo. Em sua pesquisa, Cohen destaca que diáspora e globalização são fenômenos contemporâneos diferentes, porém, ambos são retroalimentados. Tal acontecimento ocorre porque a globalização instiga um maior fluxo de pessoas ao redor do globo, facilitando o contato cultural e acelerando a hibridização cultural. Utilizando as palavras de Braga em relação aos conceitos do intelectual sul-africano:

Em suma, as diásporas não podem ser consideradas causadoras dos diversos aspectos que compõem o fenômeno da globalização, mas, na opinião de Cohen, as características que elas normalmente trazem se constituem em vantagens para si mesmas, mais que para outros grupos migrantes, na nova configuração de um mundo globalizado. (BRAGA, 2018, p. 93).

A partir da leitura do romance, não inserimos a experiência de Ifemelu e Obinze em terras estrangeiras como um fenômeno típico do sujeito diaspórico africano, a partir do

entendimento sociológico do termo “diáspora”. Tais justificativas seriam: os personagens imigram individualmente, sem a ajuda de um grupo ou coletivo étnico que os espera no local de destino. O impulso principal que motiva os jovens está ligado ao fator econômico. Ambos desejam construir uma vida no exterior e idealizam a vida do imigrante. No mais, desde adolescentes, os jovens escutam histórias de amigos que estudaram fora do país, o que aproxima o fato do afro-cosmopolitismo típica da juventude contemporânea, já citado na presente pesquisa.

Ao sair da Nigéria, os jovens não haviam traçado planos concretos a respeito do tempo que estariam em território estrangeiro. Ifemelu, que obteve maior sucesso em seu trânsito social nos EUA, em muitas cenas do romance, relembra da terra natal sem nenhum tipo de saudosismo romantizado. O motivo que faz com que ela queira voltar para Lagos diz muito mais sobre seu amor à Obinze. Inclusive, algumas passagens do romance relatam a dificuldade de Ifemelu em adaptar-se à Lagos, após viver mais de uma década nos Estados Unidos. Obinze, por sua vez, vive uma experiência traumática no exterior e, apesar de contar com a ajuda de outros africanos, esse jogo acontece por uma troca financeira. O elo fraternal e empático descrito por Cohen não condiz com a experiência de Obinze.

De acordo com Braga há poucos debates teóricos que problematizam e delimitam o que seria o subgênero “literatura diaspórica”, apesar do termo ser usado amplamente para caracterizar grande parte da literatura pós-colonial, especialmente as obras que relatam experiências de dor, violência e/ou trauma social que motivam a saída de um grupo de sua terra natal; um conseqüente saudosismo à terra de origem e, por fim, a vivência pessoal do autor ou autora enquanto sujeito diaspórico.

Em sua obra publicada em 2014, “Diáspora, espaço e literatura: alguns caminhos teóricos”, Braga e Gláucia Renate Gonçalves tomaram como tarefa acadêmica propor uma série de características para o que seria o espaço literário diaspórico. De acordo com os autores: “Afirmamos, portanto, que o espaço literário diaspórico é aquele que tende a apresentar articulações de noções pertinentes à diáspora em uma combinação que transita entre o literário e o extraliterário, (...)” (BRAGA, 2018, p. 96). A partir do conceito lançado pelos pesquisadores brasileiros, inserimos a obra *Americanah* como um exemplo de obra que faz parte do subgênero do espaço literário diaspórico, uma vez que a obra apresenta os dozes pontos descritos por Braga e Gonçalves. De acordo com os autores, fazem parte das características dos textos que apresentam os dozes traços a respeito dos aspectos literários e extraliterários discutir sobre as comunidades na diáspora por meio de representação dos

personagens. Além disso, experiências de movimento, entradas e saídas das fronteiras também fazem parte da proposta conceitual dos autores brasileiros.

Tais romances também podem trazer temas ligados aos traumas vividos em terra natal e o desejo pela dispersão diaspórica. Bem como a obra de de Adichie, muitos romances que fazem parte do espaço literário diaspórico são construídos de forma não-linear, exaltando a noção de *flashes* de memória e da própria fragmentação da identidade dos personagens. Tais textos também fazem referência o sentimento de entre-lugar, típico das pessoas que transitam por mais de uma cultura. De maneira geral, uma característica presente nos romances de diáspora, de acordo com Braga e Gonçalves seria a constante relação de tensão ao longo do romance, um tom apreensivo gerado pelas condições da vida na diáspora. Um outro ponto marcante nos romances diaspóricos seria a distinção social e cultural dos personagens por meio das características de falas, seja por meio de uso de estrangeirismos, de desvios gramaticais ou uso de regionalismos. Ainda no âmbito da experiência literária, notamos que os romances inseridos no grupo da diáspora possuem uma tendência a trazer referências literárias de sua terra natal para o romance contemporâneo. Assim, referências estilísticas de um possível cânone são presentes nas obras contemporâneas. Não somente os autores diaspóricos fazem referência à uma tradição literária de sua terra natal, como também há um traço de história pessoal, na qual a diáspora foi vivida por eles ou pela geração anterior, de forma íntima ou mesmo familiar. Por fim, o texto literário diaspórico, conceituado por Braga e Gonçalves, possui como fundamento o debate e posicionamento político.

Dessa forma, em conformidade com a pesquisa de Braga (2018), destacamos a importância da construção movente do texto, da fragmentação da narrativa. Assim como aponta o pesquisador, Adichie adiciona inúmeras cenas nas quais há tensões e embates culturais entre os personagens estrangeiros e nativos. Os elementos linguísticos que evocam a terra natal são recorrentes, como exemplo o uso de expressões e vocabulários em igbo. Destacamos, na presente dissertação, o carácter político, extraliterário da obra “já que narrativas diaspóricas geralmente dão voz a minorias deslocadas, ignoradas e silenciadas” (BRAGA, 2018, p. 97).

Com o intuito de dialogar com outras disciplinas das humanidades e adicionar a contribuição de outras maneiras de analisar os fenômenos sociais, continuamos a presente pesquisa com um breve relato histórico-social sobre a experiência de deslocamento e contato entre povos e culturas.

3.1 A EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA ENQUANTO IMPULSO PARA A HUMANIDADE PLURAL

A História da humanidade está diretamente ligada aos movimentos migratórios, aos grandes fluxos de populações banidas, ao desejo pela aventura, a necessidade pela expansão comercial, a ambição pela conquista de novas terras, ao poder consolidado a partir da ocupação de solos estrangeiros. E a consequência de tais fluxos resulta nas relações sociais, nos contatos, no hibridismo cultural, no imperialismo político, nas ocupações territoriais, na maneira que lidamos com a economia e na forma que enxergamos a nós e ao outro. Como mencionamos na introdução da presente pesquisa, a obra *Americanah* traz a presença de diversos personagens estrangeiros, em movimento e/ou fora da terra natal. Ao que nos interessa nessa pesquisa, o romance relata as experiências fora do lar dos dois personagens principais do romance. Sendo assim, nos parece de extrema relevância discutir as negociações pelo reconhecimento da identidade e da condição do migrante.

O objetivo deste subcapítulo é justamente tratar da questão dos movimentos populacionais em consonância com as experiências de Ifemelu e Obinze, com ênfase para as diásporas inseridas no contexto da globalização do século XXI e como essas diásporas estão relacionadas às transformações das identidades. Para tanto, dividiremos tal assunto em três partes: na primeira, apresentamos as migrações de uma forma ampla, conceituando e contextualizando, destacando os desafios próprios das mulheres imigrantes que buscam uma ascensão econômica; na segunda parte, tratamos, especificamente, das diásporas contemporâneas, dos fluxos pós-coloniais; por fim, na terceira parte, discutimos os reflexos dessas diásporas nas transformações das identidades e dos lugares de memórias individuais e coletivas. Ao tratar as vivências de Ifemelu nos EUA, a narrativa constantemente recorre à evocação da noção de memória individual e coletiva. Por vezes, a personagem é a representação individual da mulher contemporânea, ora Ifemelu é o registro de seu povo, sua cultura, seu lar.

Migração é uma palavra que tem sua origem no termo em latim *migro*, que significa “ir de um lugar ao outro”, e apresenta diversas ramificações conceituais de modo a facilitar a classificação dos diferentes tipos e objetivos dos diversos deslocamentos. Ela pode acontecer dentro de um mesmo país ou de um país para outro, pode ser voluntária ou forçada, permanente ou temporária. No entanto, de acordo com o pesquisador brasileiro Tibério Mendonça, em artigo disponível em seu site “Os movimentos populacionais”, publicado em 2011, classificar o que entende-se por migração é um trabalho complexo que exige reflexão.

A migração é qualificada em função do tipo de movimento ou deslocamento espacial que represente, podendo ser: contínua, circular, intermitente, de retorno, por situação de domicílio, intra ou inter regional, etc. Como agravante, inexistiu unanimidade no entendimento do que seja migração, migrante ou, simplesmente, mobilidade, e surgem ainda dificuldades para se delimitar o que seriam fluxos ou correntes migratórias – nomadismo, evasão populacional, movimentos sazonais, etc. –; áreas de origem e destino – delimitação geográfica, o limite entre o rural e o urbano, áreas sócio-espaciais, etc. –; migração e intervalos de tempo – mês, ano etc. – e assim por diante. Além disso, as diversas filiações teóricas e metodológicas dos estudos já existentes, dependendo da abordagem, privilegiam indivíduos ou classes sociais. (MENDONÇA, 2011, p. 1).

Ainda segundo o autor, é preciso uma definição criteriosa do fenômeno migratório, uma vez que não deve ser entendido apenas como a transferência de determinado indivíduo ou grupo de um lugar a outro de forma definitiva. É preciso considerar todos os aspectos envolvidos, entendendo-se a migração como um fenômeno essencialmente social e relacionado às condições históricas de mudanças estruturais, sociais, econômicas (MENDONÇA, 2011, p. 1-2).

De acordo com o romance, tal fenômeno social apresenta-se de forma cotidiana entre os jovens nigerianos. Desde os anos escolares, personagens que representam a classe média nigeriana consomem produtos culturais estadunidenses, participam de intercâmbios e sonham em “fazer a vida” fora do país africano. “Eu leio livros americanos porque os Estados Unidos são o futuro, mamãe. E seu marido estudou lá.”(ADICHIE, 2014, p. 79). O trecho citado revela o diálogo do jovem Obinze com sua mãe, uma professora de literatura inglesa. Não conformada com a predileção do filho em relação à produção intelectual estadunidense, a mãe revela: “Isso quando só os obtusos iam estudar nos Estados Unidos. As universidades americanas eram consideradas do mesmo nível que o ensino médio britânico na época. Ensinei muita coisa para aquele homem depois que me casei com ele.” (ADICHIE, 2014, p. 79)

O fenômeno migratório não é uma novidade para a humanidade. Desde tempos remotos, a espécie humana se desloca ao redor do globo. Apesar de se darem em contextos diferenciados e com objetivos distintos, os fluxos migratórios sempre estiveram presentes. Desde a passagem dos primeiros homens da África para a América, ainda na pré-história, até os nossos dias, sempre nos deparamos com movimentos populacionais. Desde a Antiguidade, muito tempo antes de existirem os Estados nacionais modernos como conhecemos, deslocamentos em massa já faziam parte das sociedades.

Como destaca Mendonça (2011), as narrativas mais antigas revelam a necessidade do humano em ocupar terras estrangeiras. Retratado no Velho Testamento, por exemplo, está o Êxodo: momento marcado pela fuga dos judeus escravizados no Egito sob a liderança de Moisés. Para além de todas as peculiaridades do texto bíblico, o que se pode extrair da narrativa é o registro de uma grande migração. No primeiro século da Era Cristã, o Império Romano mantinha a Palestina (já naquela época marcada por disputas territoriais) subjugada, de modo que Roma que controlava a política e economia do local. No entanto, o povo judeu, maioria da população, se revoltou contra o poder de Roma e, em razão do conflito, Jerusalém foi destruída e os judeus foram expulsos da região, iniciando a diáspora.

Entre os séculos XV e XVI, a chamada Era dos Descobrimentos levou enormes contingentes populacionais a se deslocarem da Europa para as colônias na América e também para partes da África e da Ásia. De início foram migrações espontâneas, tendo em vista o povoamento das regiões “recém-descobertas”, a que logo se seguiram as imigrações forçadas de pessoas capturadas e escravizadas, e deslocadas em massa para os novos continentes, sobretudo para a América.

O século XVIII também representou um momento de vultosos deslocamentos populacionais. A descoberta de ouro no Brasil, por exemplo, fez com um grande número de portugueses atravessassem o Atlântico, atraídos pela possibilidade de enriquecimento que a atividade mineradora poderia proporcionar.

No mesmo período, outras grandes levas populacionais se deslocaram para as colônias britânicas na América, de forma espontânea ou forçada. Estima-se que só os Estados Unidos, entre o final do século XVIII e meados do século XX, tenham acolhido cerca de 47 milhões de imigrantes. Utilizando as palavras do geógrafo brasileiro:

Movimentos migratórios importantes ocorreram também nos séculos XVIII e XIX e na primeira metade do século XX, quando milhões de europeus migraram para todas as partes do mundo, sobretudo para a América e a Oceania. Somente os Estados Unidos acolheram, de 1783 a 1945, mais de 47 milhões de imigrantes. Do mesmo modo, a imigração foi responsável por 60% do crescimento da população australiana no mesmo período. (MENDONÇA, 2011, p. 8).

Ainda que parte da população estadunidense reforce uma narrativa nacionalista na qual autodenomina-se uma nação branca e protestante, os movimentos sociais contemporâneos fazem emergir um caldeirão cultural muito mais amplo e composto por outras tantas nacionalidades, e não somente os primeiros imigrantes. A construção, ocupação

e desenvolvimento dos Estados Unidos enquanto potência global contou com o trabalho de diversos grupos de imigrantes.

O século XIX também foi marcado por grandes migrações. À medida que as jovens nações independentes da América começavam a abolir o trabalho escravo, passavam também a buscar por trabalhadores livres voluntários, o que atraiu europeus de diversos países. Foi o caso do Brasil, por exemplo, que, ao oferecer terras e possibilidade de enriquecimento, atraiu mais de um milhão de imigrantes entre 1890 e 1899, entre italianos, alemães, espanhóis e japoneses.

Esses fluxos de migrações para ultramar foram produzidos pelas crises de modernização europeia, no início do capitalismo: pauperismo e miserabilidade absoluta como consequências das guerras de modernização europeias de formação estatal e nacional. As levas migratórias da época, para além do Atlântico, foram alimentadas pela esperança de um novo começo para viver nas "zonas virgens" da selva e das gigantescas "áreas livres" do Novo Mundo, sem a pressão social das relações europeias do início do capitalismo e da repressão e miserabilidade (MENDONÇA, 2011, p. 3).

Esses movimentos, no entanto, ainda não apresentavam um caráter global, uma vez que estavam relacionados essencialmente com a Europa e a América. Foi somente durante o século XX, com todos os seus períodos turbulentos de guerras e crises econômicas, que levou ao fenômeno migratório a atingir um nível global. Tal movimento também foi facilitado pelo desenvolvimento e massificação de meios de transportes coletivos. Ainda sobre o século XX, segundo Mendonça:

Muitas migrações, ainda decorreram de situações de opressão ou de perseguição. Na história moderna, por exemplo, houve grandes deslocamentos dessa natureza durante a Segunda Guerra Mundial e nos anos do pós-guerra. No continente europeu, em 1945, pelo menos 40 milhões de pessoas se encontravam fora de seus países de origem – sem contar os exércitos de ocupação alemães e os estrangeiros recrutados pelos nazistas para realizar trabalhos forçados na Alemanha. Nos meses seguintes à vitória das tropas aliadas, 13 milhões de pessoas de origem alemã foram expulsas da União Soviética, da Polônia e de outros países do leste europeu. (MENDONÇA, 2011, p.8).

A imigração atual, na qual o romance estudado dialoga constantemente, verificada desde a segunda metade do século XX, comparada com as migrações de períodos anteriores, se diferencia por ter um caráter universal e global por acontecer simultaneamente em quase todos os lugares, por incluir mulheres nesse processo e por ter uma forte ligação de impulso de ascensão econômica. Há também um viés de expressão de liberdade e de crescimento

peçoal, algo que somente a vida no exterior pode nos ensinar. Ifemelu nos parece ter esse espírito, uma vez que desde jovem, questiona alguns valores da sociedade nigeriana. O pesquisador brasileiro, no entanto, ressalta o fenômeno da migração em massa somente pelo olhar social, descrevendo como crises econômicas são gatilhos para ondas de migrações e como tal acontecimento pode ter uma consequência negativa na vida dos indivíduos, que perdem totalmente seu valor enquanto trabalhadores:

A causa: a nova migração maciça desde o final do século XX é consequência de uma nova crise socioeconômica da terceira revolução industrial, que possui diretamente um caráter global. Microeletrônica, tecnologia de informação e globalização do capital produzem, além de todas as barreiras nacionais e culturais, uma sociedade mundial imediata, mas não positivamente como uma conquista, e sim negativamente como processo de dissecação econômico: cada vez mais pessoas se tornam "supérfluas", porque não podem mais vender a sua força de trabalho.

Muitas grandes fábricas e, ainda mais, pequenas empresas caem abaixo do nível de produtividade determinado pelo mercado mundial, tornam-se não-rentáveis e, por isso, mais cedo ou mais tarde, são fechadas. Em lugar de um sistema que cubra o mundo todo com trabalho assalariado e valorização, vai surgindo um capitalismo insular: no mundo inteiro, a reprodução capitalista se reduz a "ilhas", ou melhor, "oásis" da produtividade e rentabilidade, em vota dos quais surgem desertos econômicos. (MENDONÇA, 2011, p. 4).

Como argumenta Mendonça (2011), enquanto as migrações dos períodos pré-moderno se davam, sobretudo, em consequência de mudanças climáticas, catástrofes naturais e outras condições da "primeira natureza", as migrações sociais da pós-modernidade estão ligadas a catástrofes e mudanças climáticas da "segunda natureza", consequência de processos sociais, econômicos e políticos.

Como a dominação capitalista da natureza é, ao mesmo tempo, destruição da natureza, também é idêntica ao fato de que as pessoas dominam menos do que nunca a sua própria sociabilidade. A migração em massa socioeconomicamente forçada, desde o final do século XX, é um forte indicador para o fato de que, definitivamente, a cega dinâmica social do capitalismo está fora de controle e, não por último, também indica, com a desmobilização global da força de trabalho, o final de uma capacidade imanente de desenvolvimento capitalista (MENDONÇA, 2011, p. 5).

Nesse sentido, Roberto Rodolfo Georg Uebel, em seu artigo publicado em 2013, afirma que, entre as muitas motivações que levam as pessoas a migrarem, a mais comum tem suas raízes em questões econômicas, que afetam, principalmente, as nações em desenvolvimento e as classes sociais menos favorecidas. O autor afirma que o intenso deslocamento populacional é uma das características mais marcantes da história do modelo

capitalista. Segundo ele, no interior de cada país, os centros urbanos têm se tornado espaço primordial da acumulação de capital, o que amplia e acelera o processo de urbanização, como consequência, principalmente, do êxodo rural interno, transformando as cidades em verdadeiros receptáculos de migrantes oriundos do campo:

Todavia, essas migrações de ordem econômica também ocorrem entre os diferentes países, o que constitui outro traço do desenvolvimento do capitalismo, dado que este se desenvolve de forma distinta entre os países. A história recente não poderia ser bem entendida se não fosse considerada a interação entre os países através das suas populações. A própria identidade de muitos deles, a sua constituição como nação, foi um produto do movimento internacional de diferentes povos (...) (UEBEL, 2013, p. 5).

As migrações da segunda metade do século XIX, tiveram como impulso principal as transformações ocorridas no capitalismo industrial durante o contexto da Segunda Revolução Industrial, época em que o importante crescimento industrial das potências europeias e a forte disputa por novos mercados gerou um cenário de instabilidade política e econômica, com um grande número de pessoas que, desprovidas dos meios de produção, acabaram excluídas do processo de geração de capital e viram como uma solução a emigração para o continente americano, em um movimento do centro para a periferia – que, à época, atraía imigrantes com a possibilidade de enriquecimento e desenvolvimento. Nas migrações atuais, por sua vez, ainda que as motivações sejam econômicas, o que se observa é um movimento contrário, ou seja, da periferia para o centro, dos países chamados “em desenvolvimento” para os ditos países “desenvolvidos”, uma vez que as condições socioeconômicas dos países em desenvolvimento não exercem mais a mesma atração que exerciam no século XIX. Fato é que essa inversão de sentido nas migrações alterou o cenário e o significado das migrações no contexto dos países desenvolvidos, reforçando a narrativa polarizadora entre Norte/Sul.

Ainda adolescentes, como relata Adichie, os estudantes de Lagos constroem o entendimento das possíveis aquisições advindas do ato de deixar o país de origem em busca de *status*, segurança, melhor condições de estudo e enriquecimento. Assim, o que romance deixa transparecer o sonho juvenil, no qual, ao sair da Nigéria, automaticamente, uma nova identidade poderia ser formada nos jovens de Lagos. O trecho abaixo revela uma conversa entre os estudantes de ensino básico, em relação à partida da amiga de Ifemelu, Ginika:

“Ela vai voltar uma tremenda *americanah*, que nem a Bisi”, disse Ranyinudo.

Todas urraram de rir com a palavra *americanah*, enfestado de alegria com sua quinta sílaba estendida, e ao pensar em Bisi, uma menina um ano abaixo

delas que voltara de uma breve viagem aos Estados Unidos com estranhas afetações, fingindo que não entendia mais ioruba e acrescentando um erre arrastado a todas as palavras em inglês que falava.

“Mas, Ginika, sério, eu daria tudo para ser você agora”, disse Priye. “Não entendo por que não quer ir. Sempre vai poder voltar, se quiser.”

Na escola, os amigos se reuniam em torno dela. Todos queriam levá-la à loja de balas e encontrar com ela depois da escola, como se sua partida iminente a deixasse ainda mais desejável. (ADICHIE, 2014, p. 74).

Um grande tema sociológico do século XXI é a dificuldade em lidar o outro, com os estrangeiros e com os refugiados. Nacionalismo exacerbado, preconceito étnico, xenofobia e marginalização são alguns dos problemas que as pessoas migrantes precisam enfrentar. Segundo a pesquisadora brasileira Angelina Peralva, que atua como professora emérita de sociologia, pela Universidade Toulouse Jean Jaurès, em sua publicação “Globalização, migrações transnacionais e identidades nacionais” (2008):

A tensão entre reconhecimento e fronteiras configura as diferentes faces da alteridade e sofreu, ela também, evoluções significativas. A democracia sempre delimitou seus espaços de pertinência, o das cidades como o dos Estados-nação. Ao mesmo tempo, ela construiu duas figuras principais e distintas da alteridade : a do estrangeiro, excluído da cidadania posto que a priori exterior (mas não totalmente – donde seu caráter problemático, sugerido por Simmel) aos muros da cidade ; e uma figura interna, vinculada ao caráter assimétrico das relações – sociais, políticas, culturais – próprias às sociedades complexas, que nos relembra que as democracias não são unas e sim plurais, que elas se constroem através de oposições e conflitos (sociedade civil x Estado, operários x patrões, maioria x minorias) – desde que se aceite reconhecer o outro como valor, mais além dos conflitos que a ele nos opõe. Essas figuras internas da alteridade do mesmo modo que a figura do estrangeiro, e o reconhecimento de que elas puderam se beneficiar no seio das sociedades democráticas são inseparáveis da experiência democrática tal como a conhecemos até aqui. (PERALVA, 2008, p. 7).

Mesmo a situação dos imigrantes legalizados é discutível. Salvo casos de mão de obra especializada, aos imigrantes, geralmente, são reservados espaços secundários no mercado de trabalho, com ocupações menos valorizadas. Os ilegais, por sua vez, sofrem com a discriminação, exploração em subempregos e, até mesmo, violência física, sem nem mesmo poderem recorrer à polícia para denunciar:

Quando os migrantes em situação irregular chegam ao país de destino, ficam sujeitos a incertezas e discriminações. Como não têm plena cidadania, não gozam de direitos civis, como serviço de saúde e de educação, e acabam por integrar marginalmente a força de trabalho. Em geral, seu trabalho é explorado, transformando-se, em alguns casos, em escravidão. Além da solidão e da frustração, os imigrantes ainda ficam sujeitos à discriminação cultural e econômica. Grande parte dos habitantes do país de destino sente-se

ameaçada pela concorrência da mão de obra barata e tem atitudes racistas e/ou de intolerância, a xenofobia. Muitos deles chegam a se organizar em grupos ou partidos para propor a exclusão dos imigrantes (MENDONÇA, 2011, p. 13).

Todos esses fatores se somam ao assombro do terrorismo e a constante suspeita de perigo. Traços culturais, tons de peles, formas de expressão de corpos e culturas podem ser entendidos enquanto atitudes ou performances atreladas à ameaça terrorista. O mundo colonial desenhou relações nas quais os países metropolitanos sentiam-se no direito de ocupar, impor e modificar diversas nações africanas em prol de uma pretensa modernização. Porém, os mesmos africanos, tocados por tais adventos, não podem buscar construir uma vida na metrópole.

A imigração ilegal foi retratada no romance através do personagem Obinze. Jovem culto e escolarizado, letrado no idioma e literatura em língua inglesa, desde jovem sonhava com nos Estados Unidos. Diferentemente de seus planos pessoais e, estimulado por sua mãe, Obinze imigrou para Londres, trabalhou com documentação falsificada e tentou recorrer à cidadania via casamento ilegal. No entanto, foi descoberto e deportado.

O trecho abaixo relata o imaginário idealizado de Obinze em relação à uma possível vida no exterior. No momento que retoma sua lembrança, Obinze já mora em Londres por mais de dois anos e está a caminho de seu casamento arranjado- como previamente mencionado na presente pesquisa:

A lembrança, clara como um raio de luz, levou Obinze de volta a um tempo em que ele ainda acreditava que o universo se dobraria de acordo com sua vontade. A melancolia tomou-o enquanto deixava o prédio. Certa vez, durante seu último ano de faculdade, o ano em que as pessoas saíram dançando nas ruas porque o general Abacha morrera, sua mãe dissera: “Um dia, vou erguer o rosto e todas as pessoas que conheço estarão mortas ou fora do país”. Ela falara em tom de cansaço num momento em que estavam ambos na sala, comendo milho cozido e ube. Ele sentiu em sua voz a tristeza da derrota, como se seus amigos que estavam partindo para dar aula no Canadá ou nos Estados Unidos confirmassem para ela um grande fracasso pessoal. Por um momento, Obinze sentiu como se ele também a tivesse traído por ter seus próprios planos: fazer pós-graduação nos Estados Unidos, trabalhar nos Estados Unidos, viver nos Estados Unidos. Era um plano que tinha fazia muito tempo. (...) Dias depois de se formar na faculdade, inchado de conhecimento sobre os Estados Unidos, Obinze pediu um visto na embaixada americana de Lagos. Ele já sabia que o melhor entrevistador era o homem louro de barba e, conforme avançava na fila, torceu para não cair nas mãos do grande horror, uma mulher branca e bonita que era famosa por berrar no microfone e insultar até velhinhas. Finalmente chegou sua vez e o homem louro de barba disse: “Próximo!”. Obinze se aproximou e deslizou seus formulários por baixo do vidro. O homem deu uma olhada rápida nos

formulários e disse, com uma voz gentil: “Desculpe, você não se qualifica. Próximo!”. (ADICHIE, 2014, p. 252-253).

O trecho do romance relata esse constante não-lugar das populações periféricas. Os jovens que nasceram em um momento póstumo à ocupação inglesa vivem essa dupla dinâmica: enxergam as possibilidades que a vida no exterior pode proporcionar, consumir produtos de fora, ter acesso às produções culturais e intelectuais do Norte. Por outro lado, precisam lidar com as barreiras invisíveis e os desafios impostos aos jovens do Sul.

Na obra “21 lições para o século 21”, o historiador israelense Yuval Noah Harari (2018) debate sobre os temas centrais que a humanidade terá que lidar ao longo do século XXI. Desde os desafios tecnológicos, passando pelos entraves políticos, o mundialmente renomado pesquisador ressalta que as mudanças sociais serão aceleradas de uma forma até então nunca sentida. Harari (2018) reforça que, durante o século XXI, todos os problemas de ordem climática, tecnológica, social e/ou política serão questões globais. O nível de conexão e troca entre as nações do planeta faz com que problemas nacionais se tornem rapidamente questões globais. A pandemia da Covid-19 nos parece ser um grande exemplo da concretização da teoria de Harari.

Sobre o tema da imigração, o historiador (2018) reforça que há uma dificuldade em lidar com a alteridade e a aceitação do outro, que na vida prática e cotidiana, há constantes ruídos e embates no que diz sobre aceitação do que é diferente.

À medida que cada vez mais humanos cruzam cada vez mais fronteiras em busca de empregos, segurança e um futuro melhor, a necessidade de controlar, assimilar ou expulsar estrangeiros cria tensão entre sistemas políticos e identidades coletivas formadas em tempos menos fluidos. Em nenhum lugar o problema é mais agudo do que na Europa. A União Europeia foi construída sobre a promessa de transcender as diferenças culturais entre franceses, alemães, espanhóis e gregos. E pode desmoronar devido a sua incapacidade de incluir as diferenças culturais entre europeus e imigrantes da África e do Oriente Médio. (HARARI, 2018, p. 178).

Nos Estados Unidos, por sua vez, foram os atentados de 11 de setembro de 2001 que mudaram as concepções sobre migração controlada e sobre a aceitação de imigrantes clandestinos no território americano. Os clandestinos que, pelo menos desde a década de 1960, chegam ao país em grandes levadas, oriundos, sobretudo, do México, vêm sendo tratados cada vez com mais desconfiança. Há, ainda, uma necessidade crescente de se exercer controle absoluto sobre a entrada de fluxos migratórios que tem levado o governo estadunidense a adotar medidas cada vez mais duras de controle das fronteiras.

A crispação nacionalista e a desconfiança em relação à presença estrangeira explicam-se, no caso dos Estados Unidos, na esteira da agressão terrorista de que o país foi vítima, intensificada pelo desastre da guerra no Iraque. No caso da Europa, ela se explica pela desestabilização de longo curso de que é vítima hoje o modelo social europeu em função da maior ou menor dificuldade de cada país em se adaptar às novas condições econômicas impostas pela mundialização. No contexto europeu, essa crispação vem-se traduzindo por duas tendências principais: um crescimento político, que não é recente, das organizações de extrema-direita; e, fato mais novo, um esforço de controle territorial das populações migrantes e/ou o deslocamento em direção ao sul das fronteiras da Europa. (PERALVA, 2008, p. 12-13).

Nesse cenário, tem sido cada vez mais comum o estabelecimento, nos países de origem e de destino, de atividades e redes ilegais. “As redes clandestinas incluem o tráfico de mulheres, escravização de pessoas, contrabando de gente, emissão de documentos falsos, etc. O mercado clandestino de trabalhadores, bastante rentável, atualmente é dominado por poderosas máfias, globalizadas.” (MENDONÇA, 2011, p. 13). O romance *Americanah* cita esse tipo de máfia em relação à experiência frustrada de Obinze, ao tentar conseguir um passaporte inglês através do casamento ilegal.

Apontada como a grande impulsionadora desses novos movimentos migratórios do século XXI está a globalização, responsável por facilitar as migrações, sobretudo em decorrência da redução de custos de transporte e do aumento considerável do uso da internet, que permite que se estabeleçam intercâmbios culturais e o contato com outras realidades. A aproximação cultural e o acesso à informação podem gerar um desejo idealizado, um deslumbramento da vida no exterior:

Enquanto cresce a interdependência entre as economias nacionais, porém, o desenvolvimento delas segue muito desigual. Boa parte dos países pobres não consegue retirar da pobreza parcelas significativas de seus habitantes. Muita gente decide tentar a sorte em outro país. Nos últimos tempos, a internet rompeu o isolamento cultural de várias populações, possibilitando que vislumbrem alternativas de vida melhor nos países ricos, levando crescentes de pessoas a partirem dos sonhos à ação (MENDONÇA, 2011, p. 11).

De modo bastante contraditório, os governos dos países ditos desenvolvidos, ao mesmo tempo em que têm buscado, de forma cada vez mais violenta e que, por diversas vezes, acabam contrariando os pactos de direitos humanos, evitar a entrada de grupos migrantes de mão de obra desqualificada, por outro lado, criam programas para atrair mão de obra específica e qualificada. Tal cenário acaba impactando negativamente nos países de

origem, que veem seu mercado de trabalho esvaziado de mão de obra com formação superior, fenômeno que se costuma chamar de “fuga de cérebros” ou “importação dos cérebros”. São, geralmente, profissionais da área da robótica e computação, esportistas, cientistas e pesquisadores altamente qualificados. Assim, torna-se muito mais vantajoso para o país anfitrião acolher aquele profissional, sem precisar gastar com sua formação, e ainda garantir o desenvolvimento intelectual de sua nação, recolher impostos e aumentar a circulação de capital dentro dos limites nacionais. De acordo com o artigo publicado por Mendonça (2001), são os casos extremos, por exemplo, do Caribe e da África do Sul, onde 50% dos profissionais qualificados migram. No Brasil, os números não são tão extremos, mas chegam a cerca de 2% dos trabalhadores com formação superior.

A pandemia do vírus Covid-19 revelou o gigante impacto econômico advindo da perda da receita vinculada aos estudantes internacionais. Universidades de grande porte e prestígio na Europa, Estados Unidos e Canadá perderam um número considerável de matrículas, não somente de alunos domésticos, porém, especialmente de alunos estrangeiros. Rapidamente, tais organizações acadêmicas pensaram em novas formas de organização e captação dos estudantes estrangeiros, inclusive com a flexibilização de documentação comprobatória para matrícula e visto de residência. Tal ação revela que, quando a pessoa estrangeira faz parte de um seleto grupo econômico/intelectual, há uma disposição para que soluções sejam encontradas.

As características das migrações têm mudado muito e rapidamente desde os anos finais do século XX. Autores das ciências humanas, tais como Harari (2018), estão trazendo para o campo de pesquisa os impactos ambientais acarretados pela intervenção dos humanos no planeta. Diversos estudos que buscam investigar o estresse socioambiental e o fenômeno dos refugiados ambientais estão ganhando cada vez mais destaque nos meios acadêmicos. Tais mudanças sociais e ambientais vêm exigindo um nível de políticas de cooperação entre nações ainda bastante controversas e dissonantes¹².

Um dessas mudanças contemporâneas, diz respeito, por exemplo, às relações de gênero e à migração feminina. Não somente há um crescente número de mulheres que estão em movimento pelo globo, como também, somente recentemente, a imigração feminina passou a ser interesse de pesquisadores e acadêmicos. Tais fatos sociais somente foram possíveis devido à intensa luta feminista e pela dos movimentos sociais urbanos:

¹² Para aprofundamento sobre o tema dos refugiados ambientais, consultar Oliver-Smith (2010, p. 10-24).

Os fluxos de população feminina tornaram-se nos últimos anos pelo menos equivalentes, senão superiores, aos fluxos masculinos (...) Esse fenômeno traduz uma autonomização da migração feminina, que já não se reduz mais às lógicas subjacentes ao reagrupamento familiar, posto que comporta estratégias próprias às mulheres de inserção em uma economia globalizada. A migração é um fator dinâmico de democratização das relações de gênero, é uma saída possível para relações de dominação vividas como insuportáveis nos países de origem e é, ao mesmo tempo, um dos vetores das múltiplas violências sofridas pelas mulheres na contemporaneidade (PERALVA, 2008, p. 27-28).

Como atesta Peralva, para muitas mulheres, a possibilidade de retirada de sua terra nacional pode ser um caminho de empoderamento ou até mesmo garantia de sobrevivência. Em território estrangeiro, há a possibilidade de reconfiguração das experiências do feminino e da construção de uma nova sociabilidade, construída através do contato da mulher imigrante com a cultura estrangeira. Peralva (2008) ressalta os múltiplos aspectos da mobilidade transnacional e ressalta que, para diversos grupos minoritários, criam condições para acesso aos dispositivos da democracia.

Em um recorte do contexto europeu, as pesquisadoras Marinella Marmo e Evan Smith contribuíram com a obra “Borders and Crime: pre-crime, mobility and serious harm in an age of Globalization” (2012), com a publicação de um artigo que explora o tratamento de mulheres imigrantes na fronteira inglesa na década de 1970 e nos dias atuais. A pesquisa de Marmo e Smith fornece uma análise histórica de como as mulheres são grupos indesejados em contextos fronteiriços. Assim como no dia a dia social, mulheres de diferentes recortes sociais enfrentam obstáculos ao acesso ao pleno gozo à vida e autogestão.

A fronteira é o lugar onde arbitrariedades diplomáticas são passíveis de ocorrer, uma vez que é o local onde as máximas da desconfiança e da paranoia são aceitas enquanto práticas normativas de segurança e manutenção da ordem. A disparidade de poder entre os oficiais de imigração e a pessoa que clama pela entrada no território é extremamente desproporcional. O primeiro carrega consigo o poder de questionar e duvidar do estrangeiro, investigar sua documentação, seus interesses no país, seu tempo de estadia, suas condições de permanência, seus trânsitos passados, sua bagagem, a validade de suas justificativas para que, somente assim, possa usufruir da estadia em país estrangeiro. Por outro lado, ao estrangeiro, cabe a resignação, a aceitação das regras que o país aplica e a tarefa de minuciosa de verificação das condições de legalidade no território no qual não pertence.

Marmo e Smith revelam como as mulheres são tratadas enquanto corpos que, por sua vez, são instrumentos de valor. Assim, as mulheres não são vistas enquanto seres, suas existências passam a ser esvaziadas e a complexidade inerente da condição humana torna-se irrelevante. O valor das mulheres no controle de imigração está relacionado à quão desejadas

e produtivas elas podem ser para o país que as recebe. Elas são mensuradas e entendidas sob o imaginário do valor produtivo de um objeto. Como aponta o artigo, mais uma vez as mulheres são inseridas na dicotomia do anjo/demônio, porém, no contexto migratório, os termos usados são “infantilizadas/demonizadas”:

Nós aplicamos a dicotomia infantilizada/demonizada para afirmar que estas mulheres não são consideradas pessoas, são meros corpos. Elas são esvaziadas das complexidades das emoções humanas, motivações, esperança e medos. Suas razões para desejar chegar ao país de destino não importam. Agora e no passado, elas são mensuradas como ferramentas socioeconômicas e políticas da sociedade de destino e números para a Agência de Fronteiras do Reino Unido (AFRU). O Poder Executivo, o Ministério do Interior, usa essas mulheres para cumprir seu objetivo de sustentar uma sociedade estável, moral e compartimentalizada, no passado e agora. (MARMO; SMITH, 2012, p. 54, tradução nossa)¹³.

O processo de avaliação do peso social da entrada de determinadas mulheres no país de destino ocorre por meio de práticas extremamente abusivas. Um dos exemplos citados pelos pesquisadores está relacionado ao *virginity testing*. Até a final da década de 1970, os oficiais que controlavam a fronteira inglesa exigiam um teste invasivo e ineficaz às mulheres indianas. Entre 1970 até fevereiro de 1979, mulheres indianas que desejassem entrar na Inglaterra eram obrigadas a passar um por exame clínico com um médico britânico, com o intuito de atestar virgindade. O governo inglês entendia que o exame servia para provar se tais mulheres estariam viajando para o país estrangeiro com o real motivo de encontrar seus noivos. Naquela época, não havia nenhum visto específico para noivas, então, o governo britânico acreditava que era preciso garantir a veracidade das justificativas de tais mulheres. Mesmo mulheres casadas e jovens adolescentes tiveram que passar pelo constrangedor e violento teste de virgindade. Esse procedimento revela o quão absurdo é o tratamento dado às mulheres. Dentro do imaginário coletivo, as mulheres são completamente dependentes de alguma ligação e autorização masculina que justifique sua entrada no território estrangeiro. Caso não estejam tuteladas por alguma figura masculina, as mulheres são corpos ainda mais indesejados, ligadas à alguma desordem social, seja o trabalho ilegal, a prostituição e/ou tráfico sexual.

¹³ “They are emptied of the range of human complexities, motivations, , hopes and fears. Their reasons for desiring to reach the destination country do not matter. Now and in the past, they are rendered as socioeconomic and political tools of the destination society, and numbers for the United Kingdom Border Agency (UKBA). The executive, the Home Office, uses these women to fulfil their objective of sustaining a stable, moral and compartmentalized society, then and now”. (MARMO; SMITH, 2012, p. 54).

Apesar de o referido texto ter sido findado no século passado, a maneira nas quais as mulheres são tratadas atualmente nas entrevistas de imigração são resultados da crença de que mulheres são reconhecidas enquanto objetos. Uma vez objetificadas, as mulheres são dotadas de valor e utilidade a partir do imaginário social da nacionalidade na qual pertencem. Há um pensamento difundido de que a mulher imigrante possa vir a ser uma ameaça ao país estrangeiro e que suas justificativas para a entrada no território de destino são falsas.

O controle de estrangeiros na fronteira britânica tornou-se ainda mais melindroso em um contexto de descolonização e globalização, evidenciado o sentimento inscrito e conceituado por Paul Gilroy, na obra *The postcolonial melancholia* (2007). O termo discutido pelo historiador e pesquisador pós-colonial diz respeito ao imaginário difundido na sociedade inglesa de que o território britânico estaria sendo invadido e assaltado por estrangeiros advindos das antigas colônias, causando abalos econômicos e transformações sociais indesejadas e, assim, maculando a cultura britânica. Por conta disso, as autoridades fronteiriças dispunham de descabido poder de regular a entrada de imigrantes no país, facilitando o trânsito de algumas hierarquias sociais e impedindo outras. Como revelam os pesquisadores:

Essa necessidade de impor autoridade e ordem está no centro de Sistema de Controle da fronteira britânica, o sistema moderno de controle de imigração da Grã-Bretanha, desenvolvido em resposta à descolonização em todo o antigo Império Britânico e ao início da globalização. Emergindo do que Paul Gilroy (2007) descreveu como melancolia pós-colonial, o sistema de controle de imigração permitiu às autoridades britânicas pós-imperiais impor seu desejo de ordem aos migrantes que chegavam das antigas colônias, reforçando as hierarquias de raça, gênero e classe que existia na era colonial. (MARMO; SMITH, 2012, p.55-56, tradução nossa)¹⁴.

Sendo as mulheres os seres com os corpos menos desejados em um contexto patriarcal de hierarquia social, elas acabam sendo o grupo no qual a violência física e psicológica é mais predominante nas entrevistas de controle de imigração. De acordo com Marmo e Smith, os homens, de maneira geral, carregam um valor laboral inerente. Por outro lado, as mulheres não são reconhecidas enquanto trabalhadoras, dessa forma, sua mensurabilidade econômica é

¹⁴ “This needs to impose authority and order lies at the centre of the British border control system. Britain’s modern-day immigration control system developed in response to decolonization throughout the former British Empire and the beginnings of globalization. Emerging from what Paul Gilroy (2007) has described as post-colonial melancholia, the immigration control system allowed the post-imperial british authorities to impose their desire for order upon migrants who arrived from the former colonies, reinforcing the hierarchies of race, gender and class that existed in the colonial era”. (MARMO; SMITH, 2012, p.55-56).

menor. Dessa forma, há uma visão preconceituosa de que mulheres estrangeiras devem estar atreladas aos homens para que garantam sua serventia na terra estrangeira. Ainda que tal prática seja pautada em julgamentos preconceituosos, o governo britânico clama que suas políticas migratórias são justas e contra discriminação. Os documentos analisados e levantados por Marmo e Smith contradizem o discurso inclusivo das autoridades políticas britânicas

Nossa pesquisa demonstra que violações e abusos dos direitos humanos ocorrem dentro do sistema de controle de imigração quando o sistema está fortemente focado no controle social e excluindo migrantes "indesejáveis" da comunidade moral. Também demonstra que esse foco na "portaria" nas fronteiras e as pressões sobre o pessoal de controle de fronteiras para expulsar migrantes "indesejáveis" provavelmente provêm dos níveis mais altos do regime de controle de fronteiras. (MARMO; SMITH, 2012, p. 67, tradução nossa)¹⁵.

O texto de Marmo e Smith reforça a dificuldade que mulheres possuem ao acionar dispositivos burocráticos e de trânsito entre países. Para embasar nosso texto de dissertação, recorreremos ao artigo de uma segunda pesquisadora que se ocupa em estudar o fenômeno da migração entre mulheres. Como atesta a pesquisadora Martha Woodson Rees, no artigo intitulado *Immigration - Mexican female migrants*, publicado em 2007, há diversas razões nas quais mulheres decidem ou são impelidas a imigrar. Há uma crença difundida no senso comum de que mulheres decidem sair de seus países de origem com a intenção principal de reestabelecer laços familiares ou afetivos. Ou seja, que o motivo principal da saída das mulheres de sua terra original estaria conectado a alguma pessoa ou grupo, que exerce grande importância emocional na vida das mulheres.

Porém, em pesquisa realizada com mulheres mexicanas, Rees (2007) aferiu dados que revelam a presença marcante de mulheres enquanto força laboral, contrariando, assim, o imaginário a respeito da mobilidade transnacional de mulheres. A autora descreve que a história da formação dos Estados Unidos da América enquanto nação está diretamente ligada à imigração mexicana, uma vez que, originalmente, Texas e Califórnia eram territórios pertencentes ao México. O movimento de expansão das ferrovias, no final do século XIX, permitiu que o trânsito de pessoas ocorresse por outras regiões do país. Entre 1940-1964

¹⁵ “Our research demonstrates that human rights violations and abuses occur within the immigration control system when the system is heavily focused upon social control and excluding "undesirable" migrants from the moral community. it also demonstrates that this focus on "gatekeeping" at the borders and the pressures on border control staff to expel "undesirable" migrants most likely emanate from the highest levels of the border control regime”. (MARMO; SMITH, 2012, p. 67).

houve a instauração de um programa migratório chamado "bracero", no qual homens mexicanos eram estimulados a migrarem para os EUA com o objetivo de ocupar os cargos braçais, especialmente em áreas campesinas.

O número de imigrantes mulheres torna-se mais expressivo por volta da década de 1980. Assim como é demonstrado no romance de Adichie, Rees afirma em seu artigo (2007) que o impulso principal para que mulheres mexicanas desejem morar nos EUA, está profundamente ligado aos fatores econômicos e políticos.

A pesquisa de Rees também revela que os lares que possuem mulheres imigrantes possuem maior probabilidade de fixação na sociedade norte-americana uma vez que a renda familiar é maior, há uma maior estabilidade familiar e uma presença mais forte de valores e condutas morais, por exemplo, a participação das famílias em igrejas. Mais uma vez, nota-se a importância da mulher enquanto mantenedora dos lares, tanto no âmbito financeiro, bem como no que tange a organização da ordem doméstica.

Um dado exposto por Rees revela um dos grandes temas debatidos por escritoras e intelectuais ocupadas a pensar o feminino: a invisibilidade. Rees demonstra que, uma vez que mulheres são seres socialmente invisibilizadas, há uma maior chance de uma mulher imigrante permanecer ilegalmente nos EUA do que homens. Isso ocorre porque, normalmente, mulheres iniciam sua vida laboral com funções domésticas. Sendo assim, torna-se mais desafiador para o governo estadunidense rastrear a presença da mulher. Por outro lado, tal invisibilidade também faz com que mulheres demorem mais a conseguir a documentação necessária para a legalização.

Os trabalhos das mulheres podem ser menos visíveis e, portanto, menos abertos à deportação. As mulheres que trabalham no serviço doméstico não se congregam em grande número como os operários (principalmente homens). Como as mulheres migram, em média, alguns anos depois de seus maridos, é menos provável que tenham documentos de imigração, uma condição que seus maridos podem exercer sobre elas. As mulheres também podem ter menos probabilidade de sair quando chegarem, porque seus filhos são cidadãos americanos. A maioria dos migrantes mexicanos não permanece por toda a vida, os homens ficam em média 11 anos, segundo Steward et al. (2006), mas isso pode estar mudando. (REES, 2007, p. 6)¹⁶.

¹⁶ "Women's occupations may be less visible and thus less open to deportation. Women who work in domestic service do not congregate in large numbers like (mostly male) factory workers. Since women migrate, on average, a few years after their husbands, they are less likely to have immigration documents, a condition that their husbands may hold over them. Women may also be less likely to leave once they come because their children are US citizens. Most Mexican migrants do not stay their whole lives, men stay an average of 11 years, according do Steward et al. (2006), but this may be changing". (REES, 2007, p. 6).

A pesquisadora desmonta os mitos que relacionam imigração com criminalidade e desemprego. Em sua pesquisa, Rees constata que a grande parcela dos imigrantes que chegam aos Estados Unidos é oriunda de países em desenvolvimento. Ou seja, são pessoas que receberam algum tipo de educação e estabeleceram contato prévio com o *American way of life*. As estatísticas publicadas por Martha Rees apontam que 75% dos imigrantes permanecem menos que dois anos em território estadunidense. No mais, 66% dos imigrantes pagam impostos do seguro social norte-americano. De acordo com sua pesquisa, imigrantes e nativos não possuem grande disparidade salarial para mesma função. Os impeditivos de ascensão econômica estão relacionados com as burocracias do capitalismo, tais como os obstáculos de concessão de crédito, de seguro e financiamento.

As pesquisas utilizadas para corroborar com os aspectos sociais presentes no romance enfatizam os preconceitos no quais mulheres imigrantes frequentemente sofrem ao experimentar o ritual da passagem pela fronteira até o estabelecimento no país hospedeiro. Ao longo do romance *Americanah*, há inúmeras cenas nas quais personagens secundários ficcionais são imigrantes escolarizados. Como demonstra o trecho do romance: Laura, empregadora de Ifemelu, casualmente conversa com jovem sobre o médico estrangeiro que atendeu sua filha:

Ah, e conheci um nigeriano encantador hoje. Quando chegamos lá, descobrimos que havia um médico novo no consultório, nigeriano, e ele veio nos cumprimentar. Ele me fez lembrar de você, Ifemelu. Eu li na internet que os nigerianos são o grupo de imigrantes que têm o mais alto nível de educação neste país. É claro que isso não se refere aos milhões que vivem com menos de um dólar por dia no seu país, mas quando conheci esse médico, pensei nesse artigo, em você e em outros africanos privilegiados que estão aqui neste país.” Laura fez uma pausa e Ifemelu sentiu, como muitas vezes sentia, que ela tinha mais a dizer, mas estava se controlando. Era estranho ser chamada de privilegiada. (ADICHIE, 2014, p. 183).

Uma vez que discutimos conceitos principais relacionados a imigração e ao romance, acreditamos ser de grande importância adicionar à presente pesquisa alguns debates sobre a diáspora contemporânea. É sobre essas articulações que trataremos no próximo item, dando principal atenção ao fenômeno das diásporas do século XXI, sua relação com o fenômeno da globalização e a conexão do romance de Adichie.

3.2 IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE

O fenômeno da globalização, que tem se observado, sobretudo nos últimos trinta anos, em decorrência das inovações tecnológicas nos setores de transportes e meios de comunicações, tem sido objeto de diversos estudos recentes, entre defensores e críticos. Autores que estão alinhados com os estudos marxistas e seus desdobramentos possuem uma tendência à crítica negativa em relação à globalização. Na visão desses autores, a globalização pode ocasionar uma massificação dos desejos e das expressões da vida em sociedade, estimulando a alienação individual por meio da exaltação da cultura de massa. Por outro lado, pesquisadores defensores da globalização apontam que tal fenômeno pode contribuir para a difusão da democracia enquanto forma de governo, além de maior acesso à bens, serviços, trabalhos e informação.

Da mesma forma, as diásporas dos séculos XX e XXI, intensificadas pela globalização, também têm sido alvo de estudos recentes, sendo um dos mais conhecidos e significativos, o do escritor e sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall, que nos fornece parte das bases teóricas fundamentais para tratarmos deste assunto.

Para diversos autores, a dinâmica da globalização favorece a expansão do fenômeno das diásporas, uma vez que, ao mesmo tempo em que tornou as fronteiras mais fluidas e facilita o deslocamento ao redor do globo, por conta de meios de transporte mais velozes e meios de comunicação mais avançados. Por outro lado, o mesmo acontecimento contribuiu para que se alterassem as relações econômicas entre os países, alargando ainda mais o já bastante profundo abismo que havia entre as nações ditas desenvolvidas e aquelas ditas em desenvolvimento. No artigo “As diásporas e a globalização – a comunidade de negócios chinesa em Portugal e a integração da China na economia global.”, publicado em 2008, os professores e pesquisadores Miguel Santos Neves e Maria Beatriz Rocha-Trindade debatem o conceito da globalização e reforçam o aspecto totalizante do fenômeno e o impacto do processo em todas as esferas sociais:

A globalização é um processo multidimensional que não se restringe à vertente econômica, mas envolve também dimensões política, de segurança, cultural e ambiental. Este processo, para além dos efeitos positivos - associados ao crescimento dos fluxos de comércio e investimento internacionais, reforço da concorrência, à celeridade e facilidade das comunicações, ou ainda à convergência de valores culturais e da consciência sobre os problemas globais, designadamente os ambientais -, tem também impactos negativos relacionados com o aumento das assimetrias de rendimentos e de poder entre países, e entre grupos sociais no seio dos países; o aumento dos níveis de pobreza entre os marginalizados da globalização; e a expansão das ameaças difusas não-militares (terrorismo internacional, tráfico de armas, de droga e de pessoas e outra criminalidade

organizada) que geram crescente insegurança. (NEVES; ROCHA-TRINDADE, 2008, p. 168).

Segundo os autores, as novas oportunidades que o mercado global oferece e a facilidade de acesso à informação e aos meios de transporte, tudo isso combinado com o aumento do desemprego e da desigualdade social nos países pobres, com a ampliação de uma rede de tráfico de pessoas e de crime organizado, bem como o aumento da degradação ambiental e da sensação de insegurança em algumas áreas do planeta, “contribuem de forma articulada e em diferentes proporções para uma aceleração dos fluxos migratórios globais”, processo que tem sido facilitado também por uma mudança na dinâmica demográfica dos ditos países desenvolvidos, sobretudo na Europa, o que leva a um *déficit* na oferta de mão de obra e a uma necessidade crescente de atração de trabalhadores estrangeiros, sobretudo dos países ditos em desenvolvimento. Dessa forma, “as migrações e o crescimento dos fluxos migratórios são hoje, paradoxalmente, o resultado quer dos insucessos quer dos sucessos da globalização” (NEVES; ROCHA-TRINDADE, 2008, p. 168).

Como apontam os pesquisadores, o movimento da globalização e o que entendemos por diásporas contemporâneas atuam de forma sincrônica. Ambos os eventos contemporâneos impactam diversas esferas sociais e trazem novas configurações para as dinâmicas de compreensão de identidades e expressão de culturas. “As diásporas, tendo como característica fundamental a forte identidade cultural e manutenção dos laços com o país de origem dos indivíduos diasporizados, além da natureza transnacional, acabam desempenhando um papel muito importante nesse contexto de sociedade globalizada.” (NEVES; ROCHA-TRINDADE, 2008, p. 169).

O termo diáspora tem sua origem na língua grega e significa dispersão. Muito utilizado em épocas passadas para tratar de migrações forçadas de algumas populações, como é o caso dos muitos momentos de perseguição aos judeus ao longo da história e também da fuga do povo armênio no contexto de genocídio que se verificou no século XX. No tempo presente, no entanto, o termo vem sendo utilizado com um sentido mais amplo, com fortes ligações nas migrações internacionais, principalmente aquelas em que se verifica a manutenção dos laços com o país de origem e com a cultura e as tradições ancestrais.

Os leitores brasileiros recebem a primeira edição da obra *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, escrita por Stuart Hall, em 2003. Tal obra, que é composta por uma série de ensaios, torna-se referência para os pesquisadores interessados nos debates que permeiam o

multiculturalismo, a globalização, as identidades nacionais e a diáspora. Para a pesquisa da presente dissertação, usamos a publicação de 2018, na qual se refere à 2ª edição do livro.

Logo nas primeiras partes da obra, Hall discute sobre a relação das condições sociais e as identidades culturais. Sua obra, profundamente política, sugere conceitos sobre os fenômenos de espalhamento, ao mesmo tempo em que, funciona como denúncia histórica em relação à colonização. Como aponta Hall, faz parte do subtexto da identidade coletiva dos povos caribenhos a noção da migração como um movimento pendular, que anseia por um retorno redentor. Tal movimento faz com as diásporas e as manifestações das culturas caribenhas estejam entrelaçadas na contemporaneidade, em adição a globalização e o movimento pós-colonial. A partir da pesquisa de Hall, o que nos apresenta como maior destaque e maior significado para o presente capítulo está ligado aos impactos que os fluxos populacionais imprimem na fluidez e flexibilização das identidades culturais.

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, o processo das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais e, de fato, do próprio globo. (HALL, 2018, p. 49).

Hall argumenta que o movimento de globalização tem como característica uma profunda contradição: ao mesmo tempo no qual permite a homogeneização das expressões culturais, que estão diretamente relacionadas com os interesses comerciais e econômicos dos EUA e da Europa, também permitem uma abertura para a descentralização da cultura ocidental modelo único de representatividade. A partir desse fenômeno paradoxal, Hall aponta que há uma constante negociação cultural e tradução das experiências das vidas nas sociedades do sul, acarretando a justaposição do local e global, que na sociedade atual, passa a ter suas existências de forma simbiótica. Hall chega a propor uma solução para tais embates e ruína de uma grande narrativa de si. Para o autor, a alternativa menos violenta para as relações do contemporâneo deve passar pela aceitação dos jogos da semelhança e diferença, ou seja, abraçar as potências das trocas e da diluição das narrativas estanques que geram a polarização das culturas do globo.

Na mesma obra, Hall articula um profundo debate conceitual com o intuito de demonstrar que a maneira de olhar o mundo a partir dos Estudos Culturais pode criar alternativas para uma ampliação de correntes intelectuais, até então, estanques. Hall destaca o carácter biográfico dos principais estudiosos fundadores da disciplina (e epistemologia),

ressaltando que os conceitos trazidos por eles emergem de uma base dos temas da agenda marxista. Porém, como aponta Hall, desde o início dos Estudos Culturais, o marxismo era entendido como uma corrente de compreensão social reducionista e determinista. Hall destaca que os Estudos Culturais foram tensionados pelas questões do feminismo e dos estudos sobre raça, abarcando uma expansão das temáticas e vozes atuantes no repertório de pautas dos Estudos Culturais.

A partir dessa recapitulação da trajetória dos estudos culturais e do progresso dessa teoria, Hall confirma o aspecto político das relações culturais e da importância dos efeitos da linguagem e das narrativas. Assim, os conceitos fixos e dicotômicos pelos quais as lutas por poder eram entendidos tomam aspectos híbridos e transitórios, dependentes da posição referencial na qual o individual ocupa na sociedade.

Ao trazer à tona o termo de Derrida, Stuart Hall, em seus estudos sobre a diáspora, reforça que o conceito sobre *différance* não funciona de forma binária e fixa, na qual há o eu e o Outro. Por outro lado, o que Hall nos descreve é ideia da diáspora e das identidades atuais como um constante fluxo, sem começo ou fim.

Ainda de acordo com Hall, ao redefinir o protagonismo dos Estados-nação sobre a fomentação da globalização, há uma nova percepção da organização dos papéis dos territórios. O autor toma como exemplo a ‘erosão da progressiva da soberania nacional’ as organizações transnacionais, os grandes blocos político-econômicos, como a União Europeia e aponta que a posição de liderança que os Estados Unidos ocupam nesse sistema tem muito mais relação com sua função e anseios globais e neoimperiais do que com o seu status como Estado-nação:

Portanto, é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o ‘lugar’. Disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais. As culturas, é claro, têm seus ‘locais’. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam (HALL, 2018, p. 40).

Nesse sentido, o conceito de diáspora vem tendo seus usos e significados alargados, não mais restritos à ideia de migração forçada, causada por catástrofes. Segundo Neves e Rocha-Trindade, a importância do conceito de diáspora cultural cresce na mesma medida em que aumentam as facilidades de deslocamentos por todos os pontos do planeta, o que permite que se diversifiquem as formas de deslocamento, em direção a qualquer destino partindo de

qualquer origem. Ao mesmo tempo em que as inovações nos meios de comunicação, sobretudo com o advento da internet, contribuem para que se mantenha uma ligação dos migrantes com suas famílias e origens, permitindo que a língua original continue a ser utilizada e também que haja contato com quaisquer manifestações culturais verificadas em qualquer uma das duas pontas do processo diaspórico. Ainda segundo os autores, tais efeitos

serão ainda enfatizados pela generalização dos sistemas de banda larga, da telefonia móvel e da televisão por via cabo e via satélite, contribuindo para globalizar as importações culturais de todo o tipo, mas também para facilitar o contacto directo dos indivíduos expatriados com as suas culturas de origem e, assim, para a conservação dos seus traços essenciais ao longo do tempo (NEVES, ROCHA-TRINDADE, 2008, p. 171).

A partir dessa perspectiva, em concordância com os apontamentos de Hall (2018), os autores Neves e Rocha- Trindade apontam para inevitabilidade de uma crescente “polinização cruzada”, por parte dos sujeitos diasporizados que, tendo deixado suas origens, podem talvez criar raízes no local de destino, ao mesmo tempo em que deixam a marca da cultura do local de origem. Conforme apontado por eles,

a confluência de grupos de pessoas portadoras de culturas diversas verificasse, nos dias de hoje, em todas as grandes metrópoles de países receptores de migrantes e que tipicamente acolhem percentagens muito significativas de indivíduos de diversas proveniências, aliás facilmente detectáveis em razão de claras diferenças de fenótipo ou de particularidades no modo de trajar (NEVES, ROCHA-TRINDADE, 2008, p. 171).

No item a seguir, trataremos mais especificamente dessa questão das identidades dos povos em diáspora, além de destacar o papel da literatura como lugar de memória, através da qual são registradas as trajetórias dos sujeitos diasporizados e os dispositivos que foram usados no romance para retratar os aspectos afetivos da vida do imigrante.

3.3 MEMÓRIA E IDENTIDADES: LEMBRANÇAS MOVENTES

A Literatura é uma expressão de arte que está diretamente ligada à ideia de memória coletiva de uma nação. Isso ocorre por meio do caráter pedagógico que as obras literárias acabam transmitindo: além de papel de registro de um povo, seus mitos, personagens, histórias e costumes, a Literatura acaba por ser uma expressão de valores de como agir no mundo.

O último subtema do segundo capítulo tem como objetivo relacionar a experiência migratória como um dos grandes pilares de construção de identidade coletiva e individual. Isso ocorre porque uma vez fora de seu país de origem, de maneira geral, aquele ser passa a utilizar de estratégias de resgate de uma memória coletiva e sentimento de pertencimento como uma forma de amparo emocional em solo internacional.

A experiência diaspórica no século XXI é extremamente plural e recortada por motivações individuais e coletivas. Assim, ao escolher utilizar como fonte teórica a obra de Shirley Carreira e Andrea Pessanha, *Identidade, deslocamentos e mobilidades culturais*, publicada na coletânea *Travessias, estudos de imigração e literatura* (2015), estamos cientes que estamos lidando com conceitos amplos sobre deslocamento, dispersão e representação de si. Por isso, nem todos os conceitos explorados pelas autoras estão presentes na narrativa de Adichie. Pessanha e Carreira abordam o tema da memória e da dispersão utilizando de conceitos típicos da antropologia, que possui como método a problematização e reflexão crítica dos fenômenos de contato social.

A construção da identidade, tendo por base o ponto de vista antropológico, pressupõe a experiência da alteridade, ou seja, não pode ser construída sozinha, mas em função da existência do outro. Em qualquer sociedade, em maior ou menor grau, há uma imensurável pressão da coerção social em prol de uma forjada adequação social. Dessa forma, aprendemos sobre quem somos no mundo a partir das vivências internas e da perspectiva dos papéis sociais que ocupamos. Segundo o aclamado historiador Eric Hobsbawm (1991, p. 49-50 *apud* PESSANHA; CARREIRA, 2015, p. 8), antes do século XVIII, não existia uma concepção de nação como entendemos hoje. Segundo ele, para que haja a construção de uma identidade nacional, é necessário que se atendam três requisitos. O primeiro deles é a necessidade de existência de um Estado ao qual o povo precisa estar relacionado. O segundo é a existência de uma língua e uma cultura comuns. E o terceiro é a demonstração de poderio militar. Dessa forma,

a concepção da identidade nacional passa por mediações que permitem o compartilhamento do idioma, de uma história com raízes longínquas, uma tradição, um folclore, além dos símbolos oficiais que representam a nação. Os integrantes dessa comunidade se reconhecem nesses traços e a eles aderem (PESSANHA; CARREIRA, 2015, p. 8).

A partir da abordagem de Hobsbawm, podemos notar a importância das instituições na formação dos indivíduos. Tais debates perpassam a narrativa *Americanah* através das relações nas quais Ifemelu compartilha com os outros personagens presentes no romance. Mais uma vez, seja no âmbito individual, seja ao compartilhar uma memória coletiva, Ifemelu é uma

figura central ao interrogar e problematizar a cultura local de Lagos e a visão dos estrangeiros em relação ao seu país de origem. Sem a menor pretensão de aclamar ou minimizar as querelas políticas e culturais nigerianas, em diversas passagens do romance, Ifemelu tece um relato quase antropológico de seu povo e sua nação.

Assim como Ifemelu, Tia Uju, Obinze e Ginika são impulsionados a viver a diáspora tanto por motivações pessoais, quanto sociais. Uma vez habitantes estrangeiros, o que os ligam à sua cultura originária é a representação da memória cultural nigeriana. Ao rever a trajetória de Ifemelu, notamos que, de certa maneira, a personagem subverte alguns entraves típicos da vida diaspórica por conseguir transitar em espaços econômicos privilegiados e pela rede de apoio no qual possui acesso. No mais, Ifemelu experimenta quatro construções de sua identidade em relação ao território que habita: 1) jovem, em sua terra natal; 2) jovem, descobrindo o que significa ser africana, fora da África; 3) adulta, quando reconhece os jogos sociais do país hospedeiro; 4) adulta, quando decide retorna à sua pátria, tendo sido um exemplo migratório de sucesso.

Por outro lado, Tia Uju, que precisa sair de sua pátria primordialmente por uma vulnerabilidade política e familiar (ou seja, público e privado se encontram mais uma vez no romance), enfrenta uma série de dificuldades de adaptação e aceitação da vida no exterior. A nova vida nos EUA, com seu filho ainda bebê, é exaustiva e rodeada por limitações. Assim, a descrição da vida de Tia Uju e Obinze estão mais próximas dos conceitos trazidos por Pessanha e Carreira (2015).

Sobre o fenômeno da migração, segundo as autoras Pessanha e Carreira “a identidade cultural é o conjunto vivo dessas relações sociais, patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelecem a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade”. (PESSANHA; CARREIRA, 2015, p. 8). Dessa maneira, estudar os movimentos migratórios implica conhecer a natureza da identidade étnica, que vai além da identidade nacional. O desejo de manter viva a memória dessa identidade étnica na vida em outro país é o que leva, por exemplo, à criação de organizações, associações e clubes de imigrantes. Essa necessidade de perpetuação da cultura e da memória é um traço marcante da diáspora. No caso de Ifemelu, a jovem se apropria de recursos tecnológicos, tais como os *blogs* e comunidades online para manter a ligação com seu território de origem.

Para o sujeito diaspórico, na maioria das vezes, o retorno ao território – geográfico ou mítico – bem como a matriz cultural originária, é impossível, restando-lhe como recurso o *détour* (desvio), (...), ou seja, as estratégias que

desenvolve para manter viva a cultura, a preservação das tradições e o idioma natal (PESSANHA e CARREIRA, 2015, p. 6).

Na diáspora ocorre o que se convencionou chamar de desterritorialização, termo que faz referência ao ato de se romper os vínculos com o local de origem de forma drástica. Segundo Pessanha e Carreira (2015), esse processo promove três tipos de ruptura: a espacial, a identitária e a cultural. Ainda segundo as autoras, da mesma forma que há o território de saída, também há o local de chegada, onde ocorre o processo de reterritorialização que significa transpor todo o imaginário cultural da comunidade à qual o indivíduo se liga por um sentimento de pertencimento. Para além dos desafios de ordem prática, tais como conseguir emprego, moradia e iniciar uma nova vida no exterior, não podemos desconsiderar o peso emocional que pessoas em trânsito precisam, constantemente, confrontar. Quando o lugar de origem é abandonado, é necessário que novos laços sejam estabelecidos, para que, assim, o sentimento de pertencimento possa ser reestabelecido. Esses novos laços demandam uma série de negociações sociais e uma boa dose de perspicácia antropológica para que os estrangeiros tenham sua presença aceita na sociedade hospedeira.

Para que exista o sentimento de pertencimento, o reconhecimento do indivíduo como parte de um grupo, é necessário, obrigatoriamente, que haja compartilhamento, dos costumes, da língua, da identidade, nacional ou étnica. Da mesma forma, também “as memórias são tecidas a partir da interação entre os indivíduos. Rememorar implica, assim, em contar histórias, de si próprio e do outro, engendrando a tessitura da memória coletiva” (PESSANHA; CARREIRA, 2015, p. 20-22). No que tange ao contar de sua história, notamos que Ifemelu consegue se apropriar positivamente da ferramenta virtual para expressar sua voz enquanto indivíduo deslocado de sua terra de origem.

A necessidade de se preservar a memória do local de origem é o que leva os imigrantes a se organizarem a formarem associações, buscando “reinventar a pátria-mãe no país de adoção, por meio das tradições, das comemorações, de modo a reafirmar a própria identidade” (PESSANHA; CARREIRA, 2015, p. 22). No entanto, Carreira afirma que essa necessidade de preservação da memória étnica vai se dissolvendo com o passar das gerações.

A identificação da primeira geração com o local de origem é diferente daquela das gerações seguintes, uma vez que é pautada na memória e na experiência da ruptura e do deslocamento, gerando a necessidade de formar uma nova rede social e de negociar novas realidades econômicas, políticas e sociais (...) há no imigrante de primeira geração a preocupação com a manutenção da memória étnica, com a sua transmissão às gerações seguintes. As novas gerações, por não terem experimentado o isolamento

vivido pelos primeiros imigrantes, têm outras necessidades, não encontrando sentido na manutenção rigorosa da tradição e da cultura de uma terra que não chegaram a conhecer. (PESSANHA; CARREIRA, 2015, p. 22).

Como mencionado acima, os pontos trazidos pelas pesquisadoras não são traduzidos para todos os personagens do romance. Ao tomar a trajetória de Dike, filho de Tia Uju, primo de Ifemelu, notamos que as segundas gerações também assumem dificuldades ao negociar a sua memória individual e coletiva. Dike nasceu na Nigéria, porém foi criado pela mãe-solo nos EUA. Ao longo do romance, Tia Uju o estimula a ter uma vida mais próxima da identidade norte-americana. No entanto, no ambiente escolar, Dike precisa lidar com o fato de ser visto como imigrante, como outro. Assim, o adolescente, além de enfrentar privações econômicas, a ausência da mãe- sempre trabalhando e estudando exaustivamente para conseguir validar seu diploma- ainda tem mais essa tarefa de se alocar nesse entre-lugar: nem nigeriano, nem americano. De acordo com a pesquisa de Cláudio V. Braga:

A inadequação de Dike que, como vimos, vai ainda bebê para os EUA, também parece desmentir o pressuposto de que imigrantes jovens se integram mais facilmente do que adultos pois, apesar de imigrar cedo, ele não se beneficia da “flexibilização e fluidez da juventude”. (BRAGA, 2019, p. 136).

Notamos que, de fato, o que o romance nos revela é que cada experiência de construção de memória e de identidade em contexto migratório deve ser analisada de forma singular. É importante destacar que a memória individual não é apenas uma construção mecânica de vestígios, mas, sobretudo, é um processo ativo, que envolve um comportamento narrativo, uma longa exposição à socialização e confirmação ou refutação de determinadas narrativas.

A narratividade é necessariamente um processo mediado pela linguagem, que, por sua vez, é um produto social. (...) não existe uma memória coletiva dissociada do compartilhamento ritualístico de suportes de memória. As lembranças comuns, as festas familiares, a conservação de saberes e de símbolos do grupo, como fotografias, histórias transmitidas pelos mais velhos e as comidas típicas, são fatores essenciais para a construção do sentido de pertencimento e da identidade coletiva e individual (PESSANHA; CARREIRA, 2015, p. 15-16).

Para finalizarmos o presente capítulo, devemos ressaltar a importância da memória afetiva que Ifemelu nutre por Obinze. Apesar do afastamento físico, Obinze constantemente habita as lembranças de Ifemelu, sendo o antigo namorado a grande ligação da jovem com sua

vida na Nigéria. É o amor guardado por Obinze que faz com que a vida nos EUA tenha cada vez menos significado e propósito. Ao atingir a maturidade e o sucesso migratório, Ifemelu parece estar pronta para tomar o próximo passo de sua vida: resgatar o sucesso afetivo por meio do reencontro com Obinze. Para além do retorno à pátria (e todo o conforto emocional que isso simboliza), o desejo primordial de Ifemelu está ligado ao desejo de reconstruir uma relação amorosa com Obinze. Assim, o tema do amor e a presença da memória juvenil se entrelaçam de forma a configurar a noção de pertencimento da personagem Ifemelu, mesmo durante a maturidade.

No presente capítulo, abordamos diversos conceitos que procuram examinar o impacto da movimentação de humanos pelo globo e a relação desses movimentos com a formação da identidade coletiva e individual. No próximo capítulo, abordaremos o tema de maior destaque na vida de Ifemelu após sua chegada aos EUA: a questão racial.

Ifemelu e Obinze passam a entender o peso simbólico e social de serem negros a partir das experiências no exterior. Isso só é possível uma vez que a identidade deles é, de certa forma, diluída em uma categoria maior que diz respeito sobre ser “pessoa negra africana.” fora do continente. Para explorar melhor o debate e trazer questionamentos sobre passagens do romance, usaremos as pesquisas feitas por autores negros marxistas, autoras negras do sul e pensadores que estão alinhados com os conceitos advindos dos Estudos Culturais. Decidimos abraçar fontes diversas sobre o assunto, pois acreditamos que a luta antirracista ainda é um tema extremamente balbuciante, inconclusivo e de relevante debate para a construção de uma sociedade mais reflexiva, crítica e deveras democrática.

4 AINDA PRECISAMOS FALAR SOBRE RACISMO

No capítulo anterior apresentamos um breve histórico dos movimentos migratórios, discutimos o fenômeno das diásporas e das trocas culturais que estão, constantemente, redefinindo identidades e símbolos de pertencimento. Tratamos também das dificuldades enfrentadas pelos sujeitos diasporizados e ressaltamos a importância da literatura como lugar de memória, sobretudo em um contexto de deslocamentos, uma vez que a memória é tida como fundamental para a manutenção do vínculo com a terra natal.

O presente capítulo tem como proposta levantar as questões principais trazidas pela personagem Ifemelu ao entender-se enquanto mulher negra e africana. Afinal, como o texto parece destacar, o principal problema social enfrentado pelos sujeitos africanos em diáspora ou contexto migratórios ainda é o racismo, que se coloca na sociedade desde tempos imemoriais, se aprofunda com o modo de produção escravista e permanece como uma das bases da exploração capitalista do século XXI.

Primeiramente, faremos uma breve contextualização do racismo através da história. Em seguida, trataremos do racismo que se apresenta na sociedade contemporânea. Por fim, trataremos especificamente do racismo interseccionado à questão de gênero. Esse duplo desafio – ser mulher e negra - dialoga com as experiências de Ifemelu e sua relação com as outras personagens, sejam elas negras ou não. Em diversos trechos do romance, Ifemelu revela como a cor de sua pele pressupõe o lugar subalterno que ela deveria ocupar em uma sociedade estrangeira.

Apesar de não demonstrar tom panfletário, tampouco defensor do feminismo negro, a personagem Ifemelu, ao longo do romance, intercede em prol da valorização da beleza da mulher negra. Sua relação com as mulheres estrangeiras e americanas é, constantemente, utilizada para indagar e provocar a reflexão sobre o lugar da mulher na sociedade atual e sobre as percepções e estereótipos que os corpos negros são submetidos.

4.1 HIERARQUIA DAS RELAÇÕES RACIAIS

As diversas maneiras de construir e difundir narrativas racistas têm sido um dos maiores temas de pesquisas atuais das Ciências Humanas. Tal tema continua pertinente e levantando questionamentos porque, mesmo no século XXI, ainda não encontramos formas de lidar pacificamente com a alteridade.

Lilia Moritz Schwarcz, professora de antropologia e prestigiada intelectual brasileira, na obra *Racismo no Brasil* (2010) narra como o território brasileiro foi construída com base

na exploração da população nativa e escravizada. Sendo assim, o racismo sempre esteve presente no espírito da identidade brasileira, na hierarquização do poder, no entendimento de quem manda e de quem obedece. De forma tão costumeira e naturalizada, o racismo demorou a ser oficializado e foi um custoso processo até seus praticantes serem punidos juridicamente. Em pesquisa discutida na obra de 2010, Schwarcz encontra dados incoerentes e alarmantes ao analisar as práticas de violência contra a população negra – especialmente por meio da força policial. Curiosamente, a quase totalidade da população brasileira não se autodeclara racista. No entanto, o mesmo percentual dos entrevistados assume conviver com pessoas racistas ou ter presenciado uma situação de preconceito por cor. A antropóloga avalia as respostas da seguinte forma:

Em 1988, uma pesquisa foi realizada em São Paulo com o objetivo de entender de que maneira, cem anos após a Abolição, os brasileiros definiam o racismo vigente no Brasil. Os resultados da investigação foram simples e reveladores: enquanto 97% dos entrevistados afirmaram não ter preconceito, 98% disseram conhecer, sim, pessoas e situações que revelaram a existência de discriminação racial no país. Ao mesmo tempo, quando inquiridos sobre o grau de relação com aqueles que denominaram racistas, os entrevistados indicaram, com frequência, parentes próximos, namorados e amigos íntimos. A conclusão informal da pesquisa era, assim, que todo brasileiro parece se sentir como uma “ilha de democracia racial”, cercado de racistas por todos os lados (SCHWARCZ, 2010, p. 76).

Para enfrentar esse tipo de incoerência, que não é exclusiva da cultura nacional, é preciso solucionar uma questão bastante espinhosa, que é a questão de “raça” enquanto conceito sociológico. E, mais uma vez, torna-se necessário dar voz aos intelectuais negros que discutem a respeito da experiência individual da cor e/ou revelam o significado simbólico de serem reconhecidos socialmente em uma comunidade negra. Inevitavelmente, ao relacionar raça pelo viés das dinâmicas de poder social, retornamos a um ponto no qual associamos a relação que existe entre negritude e a escravidão.

Muito embora raça tenha sido um conceito longamente discutido de acordo com critérios biológicos, este equívoco acabou por ser refutado por volta da década de 1950, a partir das transformações advindas de estudos mais sofisticados sobre a genética e a descoberta da estrutura do DNA.

Gostaríamos de ressaltar que o termo “raça”, no recorte da presente pesquisa, é uma construção sociopolítica, um termo que existe enquanto ferramenta de aclamação de resistência e visibilidade dos povos negros. Racismo é o reflexo de conflitos concretos e recorrentes contra grupos reconhecidos por sua cor de pele. Tais conflitos instigam um

cenário social de perseguições, segregações e extermínio contra determinados grupos. O racismo se configura enquanto um sistema de opressão sistematizado e relatado pela historiografia por séculos. Para além do conceito “raça humana”, usamos o termo “raça” como termo que determina um grupo de pessoas que se reconhece por sua cor, origem, etnia e/ou ancestralidade.

O intelectual negro Carlos Moore, em entrevista concedida à equipe de imprensa da APP-Sindicato (2012), afirmou que a ideia que temos do racismo como um preconceito recente nada mais é do que uma ideia equivocada. Segundo o escritor e cientista social cubano, o racismo tem cerca de quatro mil anos, com indícios claros encontrados desde 1700 a.C. Um exemplo, segundo Moore, é o livro sagrado do hinduísmo, o *Rigveda*, em que cenas de extermínio racial são descritas com os invasores brancos representados como enviados por Deus para exterminar a chamada “extirpe” negra.

De acordo com os estudos de Moore, a ideia de que práticas racistas têm sido relatadas em tempos longínquos, muito antes da Modernidade. O racismo perpassa toda a história das populações negras, que não se resumem aos últimos 500 anos, nem se apresenta de forma mais violenta na contemporaneidade. O autor afirma na obra *O Racismo Através Da História: da antiguidade à modernidade* (2007), que a espécie humana teve sua origem no continente africano, com os primeiros seres humanos sendo indivíduos de pele negra. As ditas raças, segundo ele, teriam surgido como uma resposta à adaptação aos diferentes meio ambientes pelos quais os humanos, nômades, passavam. “De modo que as populações chamadas ‘leucodérmicas’ (brancos e amarelos) não teriam surgido de outra forma que não a necessidade de se adaptarem ao meio ambiente.” (MOORE, 2007, p. 28).

Moore teve como influência as ideias do cientista Cheikh Anta Diop (1974 e 1991). Ao retomar os dados históricos sobre a presença humana no planeta, Diop concluiu que não havia diferença genética predominante, portanto, não haveria um motivo para identificar mais de uma raça humana.

Esse ponto de vista é defendido pelo cientista Cheikh Anta Diop, em *The African Origin of Civilization: Myth or Reality* (1974) e *Civilization or Barbarism* (1991), que argumenta que, até a fase final do Paleolítico Superior, somente existiam populações melanodérmicos ocupando as várias regiões do planeta. As populações leucodérmicas (...) são apenas derivações “geográficas” daquelas populações que migraram do continente africano há, aproximadamente, oitenta mil anos. Assim, as diferenciações estritamente genéticas entre as raças seriam ínfimas, sendo seus fenótipos contrastantes um mero reflexo das pressões ambientais e das mutações randômicas e aleatórias. (MOORE, 2007, p. 28-29).

Dessa forma, a pesquisa de Moore é construída a partir do entendimento de que a origem de nossa espécie é africana. A primeira conclusão de Moore é a antiguidade incontestável da ocupação da população africana enquanto primórdios da espécie humana. O segundo enunciado diz sobre a onipresença de populações africanas espalhadas por todo o globo. O terceiro princípio está diretamente ligado aos dois anteriores e conclui que, ao resgatar os dados históricos, todos nós somos descendentes da população africana. Assim, o terceiro princípio reforça que o sucesso da humanidade enquanto espécie global só aconteceu por conta dos deslocamentos dos primeiros africanos.

Ademais, essa ubiquidade planetária de populações melanodérmicas também conduz a outra importante dedução, a saber: que, naqueles períodos longínquos, caso houvesse contestação para a posse de territórios com as outras populações já racialmente diferenciadas, essa ubiquidade de populações autóctones de pele negra constituir-se-ia na mais óbvia referência demarcatória para diferenciar oponentes (MOORE, 2007, p. 29).

Como declara Moore, historicamente diversos povos perseguiram e tentaram dominar a população de pele negra. O pesquisador Eric Williams, historiador e político trinitário-tobagense, em seu trabalho intitulado *Capitalismo e Escravidão*, originalmente publicados em 1944, defende que a escravização dos povos africanos no período colonial, sobretudo nas ilhas do Caribe, teria sido a grande responsável pelo acúmulo de riquezas na Europa, formando as bases da Revolução Industrial inglesa. O autor aponta ainda que a extinção do tráfico de escravos e, posteriormente, a abolição desses mesmos escravos não se deram pela atuação de grupos abolicionistas, mas porque o escravismo não era mais interessante economicamente para os governos europeus, que já tinham uma nova forma de gerar riquezas para seus territórios. Esta análise, embora feita com foco nas ilhas caribenhas, poderia ser transplantada para outras regiões onde predominou o modo de produção escravista, como é o caso do Brasil e dos Estados Unidos da América.

Por isso, segundo afirma Moore, o desenvolvimento do capitalismo em escala mundial só foi possível a partir de atitudes de dominação e extermínio: “a ‘conquista militar’, o genocídio de povos inteiros e a escravização exclusiva de um grupo racial são o resultado do desejo de lucro desenfreado e da alimentação do mercado mundial protagonizado pelos países europeus” (MOORE, 2007, p. 124). A revolução industrial europeia só foi possível por conta de um grande assalto ao continente africano, através do qual não só recursos naturais foram saqueados, mas também recursos humanos, que foram brutalmente retirados do continente. Ao estabelecer as relações entre a escravidão e a riqueza e prosperidade das nações, o que

poderia ser afirmado é que o desenvolvimento da Europa se consolidou em cima do subdesenvolvimento da África.

Uma perspectiva histórica mais profunda e desconfiada permite jogar luz sobre o real significado da África no processo de ascensão do sistema econômico europeu. A relação entre desenvolvimento e subdesenvolvimento econômico desses dois continentes explicita, sem sombra de dúvidas, a dependência existente entre eles tanto para o estabelecimento como para o desenvolvimento do capitalismo. As interpretações que comparam as civilizações europeias e as civilizações africanas antes da chegada dos europeus podem ser questionadas face às barbáries cometidas por europeus e norte-americanos que, por fim, macularam o desenvolvimento orgânico da civilização africana. Para compreender as diferenças existentes entre o modelo africano e o europeu, é necessário pontuar as singularidades culturais destes povos, pois é a cultura que orienta o modelo de organização social. (MOORE, 2007, p. 126-127).

Dentre essas diferenças culturais existentes entre os povos europeus e os povos africanos, cabe ressaltar o impacto que o entendimento da religião e a vida econômica. O pesquisador descreve que, à época da gestação do capitalismo, a religião na Europa já havia se desvinculado do sistema econômico, retirando os freios do desejo pelo lucro desenfreado. No continente africano, por sua vez, a religião pairava na superestrutura da sociedade, e exercia forte influência em vários aspectos da vida, inclusive nos rumos das mudanças econômicas, nas relações de troca e nas relações com outros grupos populacionais. Assim, a religião estava profundamente entrelaçada com a moral e com as coerções sociais. Enquanto a população da Europa já havia entendido o que o acúmulo de capital reverbera em poder, os povos africanos ainda estavam tecendo outras dinâmicas econômicas, mais próximas da noção do *kula*¹⁷.

Uma segunda diferença que revela o distanciamento da construção social entre povos europeus e povos africanos está ligada à noção de propriedade: na África, predominava a terra comunal, de posse coletiva. Por outro lado, o desejo pela posse e preservação da terra de uso privado já era existente na Europa. Outro ponto destacado pelo autor está ligado à concepção de família e pertencimento. As sociedades africanas eram definidas por laços de matrilinearidade, que contrasta fortemente com o patriarcado europeu.

São grandes as diferenças entre as visões de mundo europeia e a africana, chegando até mesmo a se configurarem como antagônicas em parte importante dos casos que se referem à possibilidade de implementação de um sistema capitalista tal como conhecemos. As características culturais de

¹⁷ Para um debate mais profundo sobre as economias circulares, consultar a obra *Sociologia e Antropologia*, de Mauss (2015).

uma porção das sociedades europeias contribuíram decisivamente para a gestação, desenvolvimento, expansão e universalização desse sistema de produção e de relacionamento social. A motivação pelo lucro, a concepção de propriedade privada e as mudanças sociais desenfreadas constituem-se em alguns desses elementos fundadores dos sistemas capitalistas através da história (MOORE, 2007, p. 128-129).

Como argumentação central da obra de Moore (2007), salientamos que, por meio da avaliação de fatos históricos, o continente africano sofreu um impedimento de autogerir-se e de desenvolver a partir de um arranjo societal endógeno. Assim, ao longo da história dos povos africanos, o que nos parece extremamente recorrente é a falta de oportunidade. No caso, a falta de oportunidade de construir uma narrativa de acordo com os desejos e práticas culturais locais:

O que a África experimentou nos séculos iniciais do comércio com a Europa foi precisamente a perda da oportunidade de se desenvolver. Ela teve seu avanço tecnológico totalmente bloqueado e o tráfico teve um papel fundamental porque subtraiu os jovens e os adultos que são os principais agentes geradores de inovações (MOORE, 2007, p. 137).

Neste sentido, a escravidão se coloca, então, como fator importante para o subdesenvolvimento do continente africano. Não somente no que tange os aspectos econômicos de uma população, mas, especialmente no que relata sobre a autoestima e sobre a construção da identidade de uma nação. Em outras palavras, a escravidão atropelou um destino social que poderia ter sido decidido e protagonizado pelos povos africanos.

(...) implica em uma “morte social”. Trata-se, efetivamente, do homicídio social de uma pessoa na medida em que esta cessa de existir como ser humano aos olhos da sociedade dominante, e se vê compelida, por uma força brutal maior, a comportar-se como um animal não-humano qualquer. A escravização de um ser humano por outro, em qualquer época, seja qual for a sua razão ou circunstância, ou o tipo de ocupação à qual estaria destinada tal força de trabalho, sempre será a mais cruel expressão na história da dominação entre seres humanos. Não existe a suposta escravização de “negros por negros” ou de “africanos por africanos”, como hoje se constitui num argumento corrente. A escravatura africana é e não pode ser vista senão como mais um exemplo da propensão do ser humano de exercer a violência contra um outro ser humano sob o impulso da cobiça e do afã do lucro. Foi um verdadeiro crime contra a humanidade arrancar entre 12 e 15 milhões de pessoas do continente africano, para serem sistematicamente escravizadas nas Américas pelo simples fato de serem de raça negra e, presumivelmente, de uma estirpe supostamente inferior. Isso não tem apelo. E aqueles argumentos que intentam amenizá-lo devem ser enquadrados como argumentos especiosos derivados de uma visão de mundo impregnada pelo racismo. Tentar justificar qualquer maneira de escravidão - onde quer que

seja, por qualquer motivo ou em qualquer época - é colocar-se automaticamente do lado do opressor, solidarizar-se com ele, formar parte de sua quadrilha de interesses, e, enfim, assumir sua identidade. (MOORE, 2007, p. 176).

A escravidão pode ter sido abolida há mais de um século, mas o racismo, concepção ideológica que contribuiu para embasar a escravização dos povos africanos, permanece em ação na sociedade contemporânea. Seus efeitos não são sentidos apenas na África, mas afetam todas as populações negras ao redor do mundo. Após muitas lutas civis, finalmente, iniciamos o processo de empoderamento da população negra e o resgate da história dos povos negros.

4.2 RAÇA E CULTURA

Mesmo depois de a noção de raça biológica ter sido refutada por diversos estudos acadêmicos, o racismo ainda opera nas sociedades dos nossos dias. Deste ponto em diante, temos como objetivo apresentar uma discussão a respeito das ideias científicas que legitimaram o racismo institucional e velado que, escondido por trás das democracias modernas, continua a subjugar e explorar as populações negras.

Lia Vainer Schucman (2010), pesquisadora brasileira que tem se dedicado a analisar os significados sociais da branquitude, entende o racismo como uma construção ideológica baseada na ideia de raça, que se desenvolveu, sobretudo, a partir do século XVI, quando foram sistematizados como hegemônicos os valores e ideias advindos da Europa. O pensamento unilateral e eurocêntrico foi fundamental para a legitimação da teoria evolucionista. Como afirma Schucman:

(...) uma ideologia que se solidificou com base na ideia científica da luta entre as raças, justificada pela teoria do evolucionismo e da luta pela vida. Desta forma, nasce e se desenvolve um racismo biológico-social fundado na ideia de que há uma raça superior (branco-europeia) detentora de superioridade física, moral, intelectual e estética, dispondo, portanto, de um poder sobre verdades e normas, e aquelas raças que constituem um perigo para o patrimônio biológico. É neste momento que aparecem os discursos biológicos racistas sobre a degeneração da humanidade. (SCHUCMAN, 2010, p. 43).

Foi a partir disso que Estados-nações, juntamente com instituições médicas e de saúde passaram a disseminar o discurso da luta de raças e a defender a sociedade dos “riscos” advindos da miscigenação de raças consideradas inferiores com a raça branca. Segundo esse discurso, a mistura de raças tornaria a raça branca fraca, ou mesmo estéril, derivando daí o

termo *mulato*, referindo-se à mula - descendente estéril do cruzamento entre um jumento e uma égua.

A pesquisadora brasileira utiliza os conceitos de Michael Foucault (1992), publicados na obra *Genealogía del Racismo*, no qual o debate sobre o conceito de biopoder tornou-se tema central para o entendimento das relações desiguais de poder. Foucault debate como a ciência serviu para justificar o racismo e estimular práticas de genocídio e perseguição às populações que não eram tidas como pertencentes ao rol das nações europeias. Utilizamos as palavras do intelectual francês para entender as condições que permitiram que o racismo fosse um instrumento estatal de controle da população:

Segundo Foucault, uma das condições que permitiram o advento do racismo pode ser encontrada em um fenômeno fundamental do século XIX, o biopoder, instrumento de controle político e regulação econômica que se caracteriza pelo conjunto de práticas e discursos que instituem a sociedade burguesa e a organizam, onde a espécie humana passa a ser contabilizada, classificada, objeto de estimativas e pesquisas quantitativas. Os governos tornam-se crescentemente preocupados com a “população”, seus fenômenos e variáveis próprias como: a natalidade, a mortalidade, a esperança de vida e a incidência de doenças (FOUCAULT, 2002, apud SHUCMAN, 2010, p. 43).

Dessa forma, o racismo passou a servir como base para um instrumento de poder exercido pelos Estados contra suas próprias populações, uma vez que o desejo de clareamento e purificação de um grupo torna-se essencial para a construção de uma sociedade sadia. Assim, fazia parte de uma política institucional excluir grupos que não atendessem aos critérios de desenvolvimento de uma nação.

Embora o racismo já existisse há muito tempo em outras esferas, foi somente o biopoder que permitiu que ele adentrasse nos mecanismos da política estatal e da ciência, levando as nações modernas perseguirem abertamente a população negra ocupante de seu território, tendo como exemplo as Leis de Jim Crow. Como atesta Foucault, quão mais profunda é a violência contra um grupo minoritário, maior será o processo de resistência ao poder vigente. Dessa forma, devemos destacar as lutas sociais que aconteceram ao redor do globo exigindo direitos e reconhecimento da população negra, defendendo um sentimento pan-africano e promovendo ações sociais diretas em *locus* de segregação.

Uma vez que teorias acadêmicas e políticas de Estado corroboravam a distinção entre humanos devido à cor de pele da pessoa, a falácia evolutiva ainda não foi completamente sublimada.

é importante explicitar que a categoria de raça que opera no imaginário da população e produz discursos racistas é ainda a ideia de raça produzida pela ciência moderna nos séculos XIX e XX. Serve para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, que têm características fenotípicas comuns, sendo estas tidas como responsáveis pela determinação das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas dos indivíduos dentro destes grupos, situando-se em uma escala de valores desiguais (SCHUCMAN, 2010, p. 47-48).

A ideia de raça no sentido de categoria social ainda se apresenta como um relevante componente da estruturação das sociedades, uma vez que opera como categoria capaz de subjugar e hierarquizar todos os grupos marcados por fenótipos diferentes do padrão “branco”.

Em outras palavras, apesar de não existir uma raça biológica, tanto brancos como negros são cotidianamente racializados em um processo relacional. Desta forma, podemos dizer que negros e brancos constroem a si mesmos e suas experiências em um mundo racializado, tendo como contraponto um ao outro (SCHUCMAN, 2010, p. 48).

Essa relação, no entanto, não é igualitária, uma vez que negros são comumente retratados no imaginário coletivo como sujeitos portadores de raça, para os quais “raça” e “cor” são partes componentes das experiências do dia a dia, ao passo que brancos são tratados como sujeitos desracializados, para os quais cor e raça não estão presentes nas individualidades. Por isso, muitos autores negros dos estudos pós-coloniais usam o termo “raça” como uma forma simbólica de valorização de si e resgate da construção de uma identidade. Esse fenômeno é recorrente no discurso das minorias e o mesmo ocorre entre a população LGBTI+. Termos outrora estigmatizados são resgatados como termos que criam uma identificação política do grupo.

Atualmente, “ser negro” possui múltiplas conceituações e modos de identificação pelos próprios sujeitos negros, que podem reivindicar a identidade negra tanto pelo viés de uma valorização da afro-descendência, quanto por uma produção cultural de etnicidade ligada à ideia de diáspora africana, e também politicamente através da luta anti-racista (que necessariamente se articula através da categoria sociológica raça), entre outros diversos sentidos produzidos por cada sujeito. (SCHUCMAN, 2010, p. 49).

O filósofo canadense Charles Taylor (apud SCHUCMAN, 2010) defende, em sua obra intitulada *O multiculturalismo e a política de reconhecimento*, que as identidades se constituem sempre de maneira dialógica. Em outras palavras, significa dizer que é impossível

para um sujeito construir sua identidade e se reconhecer sob uma ótica positiva se ele estiver inserido em uma sociedade que dissemina, sobre o seu grupo social, discriminações e preconceitos. Dessa forma, o autor defende que os sujeitos negros nas sociedades que os discriminam usam da categoria raça positivamente ressignificada para se afirmarem.

Lia Schucman (2010), ao estudar o fenômeno do racismo no Brasil e a necessidades de políticas afirmativas, afirma que não é precisamente o racismo que leva ao uso política de raça como categoria social. Ela aponta que o racismo está na raiz do entendimento do que é ser negro e, em consequência, na relação de polarização que há entre negros e brancos. A autora defende que:

isto se deve ao fato de que, mesmo estranho a uma unificação negra ligada à religião, cultura e tradição, ainda que totalmente ausente das práticas identitárias ligadas às inúmeras possibilidades de vivências da negritude, o racismo e a experiência deste integram o conjunto de vivências dos indivíduos negros ao longo da história. A própria história nos mostra que o racismo é um fenômeno que, além de unificar reativamente os negros, também os apresenta e os caracteriza como um coletivo homogêneo, longe de refletir a realidade do universo das inúmeras diferenças entre os indivíduos negros (SCHUCMAN, 2010, p. 50).

A autora ainda apresenta o conceito de identidade coletiva como uma noção que se encontra na fronteira da definição do que somos “nós” e do que são “os outros”; uma coisa compartilhada e interativa, construída e negociada nas relações com a coletividade. Aponta também para o fato de que as identidades não devem ser entendidas como algo permanente, fixo, mas como algo fictício, “pois nenhum negro é igual ao outro, e ser negro não é uma entidade fixa e sólida (...) a identidade faz-se necessária como defesa de um grupo ou de uma coletividade e (...) assume caráter de escudo e defesa de si perante o outro é, portanto, uma categoria política” (SCHUCMAN, 2010, p. 52). Essa mesma ideia de que não uma noção fixa sobre ser africana permeia todo o romance de Adichie. Grande parte dos debates que Ifemelu desenvolve com os outros personagens tem como objetivo – quase pedagógico- destacar que há inúmeras possibilidades para a experiência humana, para as escolhas das mulheres contemporâneas e para os sujeitos em diáspora. Ao narrar as conquistas e fracassos dos personagens de uma maneira profundamente mundana, o texto de Adichie parece transparecer a problematização de Schucman:

Assim como todas as identidades são relacionais e contingentes, brancos e negros só existem em relação um a outro, e suas diferenças variam conforme o contexto. Desta forma, precisam ser definidas em relação a sistemas políticos, históricos e sócio-culturais específicos. Os indivíduos e os grupos sociais não trazem dentro de si uma essência negra ou uma essência branca,

mas essas categorias são significadas e ressignificadas sempre em relação ao contexto sócio-histórico e cultural onde estes indivíduos e grupos sociais se encontram. Ser negro não se trata de uma condição metafísica, nem tampouco se relaciona diretamente, como nos Estados Unidos, à afro-descendência; ou seja, ser negro no Brasil é uma condição objetiva em que, a partir de um estado primeiro, definido pela cor da pele e pelo passado, o negro é constantemente remetido a si mesmo pelos outros, e é através do racismo que a cor da pele negra se transforma no que podemos chamar hoje de raça negra (SCHUCMAN, 2010, p. 52).

Moore (2007, p. 188) afirma que é muito comum que se confundam as ideologias racistas com o racismo em si, uma vez que tais ideologias chegam a se igualar em importância com o próprio racismo. De fato, são as ideologias as responsáveis por estruturarem as diversas ramificações sobre as quais o racismo opera no cotidiano – instâncias culturais, políticas, econômicas. São essas ideologias racistas que compõem a base do pacto social que garante a manutenção de uma sociedade baseada na supremacia racial.

As ideologias racistas são abrangentes na medida em que o racismo também é abrangente. É essa característica que lhe confere tal plasticidade quando, na vida cotidiana, ele não aparece mais como um corpo estrangeiro, identificável, chegando a ser fácil negar a sua existência. No seu ponto mais alto de sucesso evolutivo, o racismo, como forma de consciência grupal, não aparece mais como racismo e, inclusive, se nega como tal.(MOORE, 2007, p. 188).

De acordo com o pesquisador cubano, as relações raciais não são iguais em todo o mundo. Nos Estados Unidos da América, por exemplo, elas se baseiam na segregação. Na América Latina, por sua vez, o modelo se baseia na miscigenação que, nem de longe é uma relação respeitosa, mas uma *política consciente de eugenia racial*. Em uma situação em que prevalece a dominação racial, a miscigenação se configura, em curto prazo, como um tipo de *extermínio genético* (MOORE, 2007, p. 208). Como vem sendo largamente debatido, a miscigenação à brasileira ocorreu através do estupro dos corpos femininos.

Moore aponta que, embora existam diferentes preconceitos que, como o antissemitismo e a homofobia, existem desde períodos longínquos da história, somente o sexismo é tão universal quanto o racismo. O sexismo, da mesma forma que o racismo, se constitui como uma construção histórica e não ideológica. Ambos não se originaram de concepções intelectuais conscientes, mas de conflitos cujas origens já se perderam no tempo, dada sua longevidade. O racismo coloca-se como um fenômeno exclusivamente anti-negro. Já o sexismo se coloca como fenômeno exclusivamente anti-mulher ou a negação daquilo que se relaciona com o mundo feminino. Ambos são fenômenos universais e atemporais e estão

empregnados em menor ou maior grau em diversas nações. A diferença entre eles está na relação que se estabelece com o objeto de ódio.

(...) no caso do sexismo, o fenômeno se desenvolve dentro de um nó de relações socialmente simbióticas, biologicamente fusionais, e psicologicamente complementares entre homem e mulher. Embora as oposições entre eles possam ser conflitivas no plano da reflexão puramente política ou intelectual, isto não inviabiliza as relações simbióticas entre eles. O racista não tem necessariamente uma relação fusional, complementar e simbiótica com o objeto do seu ódio ou rejeição. É concebível que um homem possa ser profundamente misógino, no entanto isso não impede que sua esposa, filha, irmã e mãe sejam mulheres. O homem mais misógino não deixa de se relacionar afetivamente e procriar com mulheres e ser ele próprio o fruto de uma mulher que, aliás, ele venera. Esse tipo de relação fusional, simbiótica e complementar é inexistente no caso do racismo. O racista, seja homem ou mulher, compartilha seus sentimentos *anti-negro* no interior de sua família sem necessariamente gerar conflito algum no seu lar. Por sua vez, uma mulher pode ser e frequentemente é tão racista quanto seu parceiro. Com isso, a solidariedade de gênero é pulverizada pela dinâmica racista. Nesse caso, a oposição ao Negro no sentido ontológico, é perfeitamente compartilhada por homens e mulheres do segmento *racialmente dominante*. (MOORE, 2007, p. 210-211).

Nesse sentido, o que se observa é que o racismo se origina de um tipo diferente de ódio, dirigido a toda uma parcela da população identificada única e simplesmente pelas características físicas. Segundo o autor, o racismo no século XXI, longe de recuar, como muitos parecem acreditar, na verdade adentrou no campo das ciências e tornou-se um modo de pensar os valores vigentes.

Como vem sendo articulado na presente dissertação, o estrangeiro está em constante negociação de seu espaço de pertencimento na terra hospedeira. Em diferentes graus, aquele que é considerado o outro precisa garantir sua estadia por meio da assimilação, resistência, dissimulação e/ou confronto. A partir da narrativa de Adichie, uma vez que o texto é centrado na personagem Ifemelu, notamos que os embates são mais acentuados no que tange a presença da mulher negra enquanto sujeito estrangeiro. Assim, de maneira geral, as mulheres precisam ter ferramentas específicas de apropriação da cultura do outro para garantir sua permanência em terra estrangeira. Não estamos afirmando que os homens negros estrangeiros estão livres das negociações em terras estrangeiras. O que a personagem Ifemelu parece denunciar, no romance, é que o corpo feminino precisa tecer certas negociações concernentes às mulheres.

Notamos um dado expressivo em relação à bibliografia levantada para a presente pesquisa: todos os materiais que discutiam academicamente a obra *Americanah* trouxeram o

tema do cabelo de Ifemelu como um ponto de extrema relevância para a construção do enredo, para tecer as relações sociais e profissionais da personagem e para destacar como o cabelo e o penteado são vistos como um marcador social da mulher negra.

Ao longo do romance, Ifemelu vê-se obrigada a escolher diferentes tipos de penteados com o intuito de atender certas expectativas sociais e profissionais. As diversas modificações da estrutura natural do cabelo, como o processo de alisamento, a largura e o tipo de tranças, o comprimento são indícios da vigilância social que mulheres que possuem cabelo crespo são impostas.

Há uma série de julgamentos que rondam o imaginário social do cabelo afro. Desde os adjetivos clássicos que o definem enquanto cabelo ruim, cabelo duro, cabelo desarrumado, cabelo feio, cabelo difícil de cuidar, cabelo inapropriado. Tais ideias são apresentadas no romance em tom de protesto, uma vez que Ifemelu está em constante negociação pelo reconhecimento de seu cabelo natural. O cabelo natural representa, assim, um aspecto de empoderamento da mulher negra, que não acata as demandas estéticas do outro e rejeita a noção única da beleza eurocêntrica.

Em sua etnografia *Hair matters: beauty, power, and black women's consciousness* (2000), a antropóloga norte-americana, Ingrid Banks investiga como o cabelo é um símbolo de poder, pertencimento e capital cultural para as mulheres negras. Ela entrevistou 61 mulheres, jovens negras, moradoras dos Estados Unidos da América com o objetivo de investigar a importância do cabelo na vida cotidiana de tais mulheres. Sua pesquisa também analisa como a simples escolha em manter o cabelo naturalmente crespo representa um ato político e quais são as imposições que as entrevistadas sofrem para adequar seus cabelos às expectativas estéticas das comunidades as quais pertencem.

A maioria das meninas e mulheres nas entrevistas individuais discutiu as razões sociais, culturais e pessoais pelas quais os cabelos são importantes. Seus pensamentos demonstram a importância das ideologias raciais e de gênero e como elas moldam o que as mulheres negras pensam sobre a cultura da beleza. Ou seja, seus comentários detalham como as construções de beleza se cruzam ao longo das linhas de raça e gênero para as mulheres negras e como as ideias sobre beleza geralmente se relacionam com a desvalorização, em oposição a abraçar, cabelos crespos. Além disso, surge a ideia de que as mulheres negras passam por um processo de socialização em que o cabelo é central. (BANKS, 2000, p.23, tradução nossa)¹⁸.

¹⁸ “Most of the girls and women in the individual interviews discussed the social, cultural, and personal reasons why hair matters. Their thoughts demonstrate the importance of racial and gender ideologies and how they shape what black women think about beauty culture. That is, their comments detail how constructions of beauty intersect along the lines of race and gender for black

Da mesma forma que Banks apresenta o peso social do cabelo afro em sua pesquisa, Adichie articula a importância do cabelo para as mulheres negras. O tema está presente no texto já na primeira cena do romance. As primeiras páginas do livro descrevem Ifemelu esperando por um trem que a leve de Princeton até o salão de beleza especializado em tranças, localizado em Trenton. A personagem revela seu sentimento de não-pertencimento e inadequação à sociedade norte-americana. Não há cabeleireiros em Princeton que saibam lidar com o cabelo crespo. Na comunidade, principalmente branca e universitária, Ifemelu transita com certa facilidade por ser uma renomada escritora de um blog sobre raça, mas ao mesmo tempo, não consegue encontrar um salão que lide com o cabelo *black* natural.

Elementos de nostalgia e saudade da terra natal também são descritos por Ifemelu no início da obra. Sua ida ao salão está relacionada à decisão de voltar para a Lagos, depois de 13 morando nos Estados Unidos. Sentimentos conflituosos, que tipicamente arrebatam os humanos em momentos de decisões arduas, são apresentados no início do romance, deixando uma pista para o leitor de que Ifemelu não cabe na caixa de vilã, muito menos, no imaginário da figura da heroína. Tal estratégia prepara o leitor para as diversas possibilidades de virtudes e vícios que acometerão Ifemelu ao longo da narrativa, deixando o vestígio para que o leitor não espere da personagem principal uma versão clássica do heroísmo feminino.

Ela gostava do campus, grave com tanto saber, dos prédios góticos com suas paredes cobertas de hera, e do modo como, de noite, à meia-luz, tudo se transformava numa cena fantasmagórica. E, acima de tudo, gostava do fato de que, nesse lugar de conforto afluente, podia fingir ser outra pessoa, alguém que tivera acesso a esse sagrado clube americano, alguém com os adornos da certeza.

Mas Ifemelu não gostava de ter que ir a Trenton para trançar o cabelo. Não era surpreendente que não houvesse um salão especializado em Princeton — os poucos negros que ela vira ali tinham a pele tão clara e o cabelo tão liso que era difícil imaginá-los usando tranças —, mas, enquanto esperava o trem na Princeton Junction, numa tarde incandescente de calor, Ifemelu se perguntou *por que* não havia um lugar ali onde pudesse fazer suas tranças. A barra de chocolate em sua bolsa tinha derretido. Havia poucas pessoas esperando na plataforma, todas brancas, esguias, usando roupas curtas e leves. (ADICHIE, 2014, p. 9).

Já no salão, Ifemelu continua a experimentar conflitos externos em relação à sua vontade em manter o cabelo natural. Aisha, cabelereira senegalesa responsável por atender

women and how ideas about beauty often relate to de-valuing, as opposed to embracing, tightly coiled black hair. Furthermore, the idea also emerges that black women go through a socialization process in which hair is central”. (BANKS, 2000, p. 23).

Ifemelu, a indaga em relação às escolhas da personagem em manter o cabelo afro, a questiona em relação à sua volta para Nigéria e ainda investiga a possibilidade de um homem Igbo se casar com uma mulher de outra etnia ou nacionalidade. A conversa informal e despretensiosa revela a distância social entre Ifemelu e as outras mulheres africanas que são trabalhadoras no salão. Por conta da posição social e das limitações financeiras e educacionais das trabalhadoras do salão, suas maiores preocupações ainda estão ligadas às questões de sobrevivência e aceitação na terra estrangeira: encontrar parceiros dispostos a casar, alisar o cabelo para que seja mais fácil cuidar e manter uma aparência bela.

Ifemelu, ao longo de mais de uma década morando no país estrangeiro, subverteu a posição da típica estudante pobre estrangeira, que precisou trabalhar em subempregos até o amadurecimento e empoderamento, quando conquistou certa mobilidade social nos Estados Unidos da América por meio de sua trajetória acadêmica e, especialmente, pelo sucesso de seu blog. Tal ascensão veio acompanhada do sucesso financeiro. Essas conquistas fazem com que seja, relativamente, mais fácil para Ifemelu manter o cabelo natural. De uma maneira implícita, é como se Ifemelu fosse empoderada o suficiente para poder arcar com escolhas que desagradam e/ou questionam o *status quo*.

Por mais que ainda estivesse com certas dúvidas em relação ao retorno para a Nigéria, Ifemelu tinha plena consciência de que havia sido bem sucedida enquanto mulher imigrante e que seu retorno seria visto como uma prova da ascensão do seu projeto migratório. Porém, ainda assim, a personagem precisou lidar com os questionamentos e críticas em relação à sua escolha de voltar à terra natal.

Todos a quem ela contara que ia voltar tinham ficado surpresos, esperado uma explicação, e, quando ela dizia que ia fazer aquilo apenas porque queria, uma ruga de espanto surgia na testa deles.

“Você vai acabar com seu blog e vender seu apartamento para voltar para Lagos e trabalhar para uma revista que não paga bem?”, perguntara tia Uju, repetindo depois a frase, para fazer Ifemelu ver a gravidade de sua tolice. Só sua velha amiga de Lagos, Ranyinudo, fizera sua volta parecer normal. “Lagos agora está cheia de gente que voltou dos Estados Unidos, então é melhor você vir logo e ser mais uma. A gente vê essa gente nas ruas todos os dias, carregando uma garrafa como se fosse morrer de calor se ficar um minuto sem água”, dissera Ranyinudo. Ifemelu e Ranyinudo haviam mantido contato ao longo dos anos. No início, elas escreviam cartas sem muita frequência, mas, conforme os cibercafês foram abrindo, os telefones foram se espalhando e o Facebook foi se tornando popular, passaram a se comunicar a intervalos menores. (ADICHIE, 2014, p. 21).

Como mencionado previamente, o cabelo é um elemento de profundo simbolismo social no romance. Um dos elementos de comprovação da importância do cabelo na vida das mulheres, tem como referência o desejo de Ifemelu de modificar o tipo de trança com o intuito de exacerbar sua identidade nigeriana. Ao voltar para o país africano, seu desejo é parecer menos americanizada e mais adequada aos padrões de estética de sua cultura.

Os diferentes marcadores dos papéis femininos impostos às mulheres nigerianas e às mulheres imigrantes que vivem nos Estados Unidos da América são debatidos no romance através da relação de Ifemelu com sua mãe. Desde o início de sua adolescência, Ifemelu revela aspectos de sua vívida personalidade. Frequentemente, a jovem questiona os atributos binários da performance de gênero, a autoridade religiosa e as limitações sociais nas quais mulheres são inseridas.

Ainda no salão de beleza em Trenton, há uma digressão na narrativa do romance que remete à moral religiosa e ao controle do cabelo das mulheres. Na passagem referida, o leitor toma consciência de como a sociedade nigeriana dá relevância ao cuidado que as mulheres devem ter com seus cabelos. A mãe de Ifemelu passava por um longo e cuidadoso ritual de alisamento de seus cabelos grossos e negros. Ao final de duas horas no salão, ela poderia sair com os longos fios soltos, em formato de cascata, escorrendo pelas costas da mulher. Seu marido demonstrava orgulho dos cabelos da esposa, pessoas que a não conheciam indagavam se os cabelos eram naturais, ou ainda se ela não era uma mulher nigeriana, uma vez que as nigerianas não possuíam cabelos tão belos. A relação da mãe de Ifemelu com seus cabelos era tão definidora de seu status social que a própria filha sentia ter crescido à sombra do cabelo de sua mãe. Tais relatos demonstram como o cuidado meticuloso com o cabelo proporcionaria um capital social positivo para as mulheres em Lagos. Em outras palavras, a valorização do cabelo alisado poderia ser entendida enquanto um marcador de ascensão financeira ou ainda como associação aos traços de beleza europeia.

A filha, no entanto, desejava silenciosamente que seus fios nascessem tão lisos quanto o cabelo da mãe. Enquanto criança, esticava os cabelos com o objetivo ingênuo de modificar a estrutura dos cachos. “Ifemelu muitas vezes olhava no espelho e puxava seu cabelo, esticava os cachinhos, desejando que ficasse como o da mãe; mas ele permaneceu crespo e crescia com relutância; as cabeleireiras que o trançavam diziam que os fios cortavam que nem faca.” (ADICHIE, 2014, p. 49).

No entanto, um evento repentino modifica drasticamente o comportamento da mãe em relação ao seu cabelo. Tal cena ocorre como consequência da modificação da moral religiosa da mãe de Ifemelu. De atributo positivo, expressando beleza e sedução, o cuidado com o

cabelo passa a ser uma atitude pecaminosa, um ato de vaidade que deveria ser recriminado. Quando Ifemelu tinha dez anos, sua mãe, repentinamente, volta para casa depois do trabalho e necessita cortar os cabelos. Em um estado de torpor e aflição, a mulher junta todos os objetos católicos que existiam na casa, bem como as mechas de cabelo cortado e faz uma fogueira em seu quintal. Ifemelu assiste atônita à rígida transformação de sua mãe, que ao se converter a uma religião neopentecostal, a Igreja dos Santos Renascidos, precisa se adequar à um novo padrão comportamental. A filha, ainda criança, sente repulsa pelo ato da mãe, que se torna cada vez mais rígida consigo e mais restrita em relação às práticas sociais, que passam a ser ofensas ao novo Deus.

No domingo, vamos começar a ir à Igreja dos Santos Renascidos. É uma igreja que acredita na Bíblia, uma igreja viva, diferente da St. Dominic.” Aquelas palavras não eram da sua mãe. Ela as falou de maneira rígida demais, agindo como outra pessoa. Mesmo sua voz, que em geral era aguda e feminina, tornara-se mais grossa e pesada. Naquela tarde, Ifemelu viu a essência da mãe se esvair. Antes disso, a mãe rezava o terço de vez em quando, fazia o sinal da cruz antes de comer, usava imagens bonitas de santos no pescoço, cantava músicas em latim e ria quando o pai de Ifemelu caçoava de sua pronúncia terrível. Ela também ria sempre que ele dizia: “Sou um agnóstico que respeita a religião”, e afirmava que ele tinha sorte de ter se casado com ela, pois, embora fosse à igreja só quando havia um velório ou um casamento, ele entraria no céu nas asas da sua fé. Mas, depois daquela tarde, seu Deus mudou. Tornou-se exigente. O cabelo alisado O ofendia. A dança O ofendia. Ela barganhava com Deus, oferecendo a fome em troca da prosperidade, de uma promoção, de boa saúde. Jejuou tanto que ficou só pele e osso: não comia nem bebia nada nos fins de semana e, nos dias úteis, só bebia água até o início da noite. (ADICHIE, 2014, p. 50).

A conversão da mãe de Ifemelu para uma igreja neopentecostal demanda uma reconfiguração das práticas cotidianas familiares e da moral da mulher. Adichie narra a relação com o cabelo como um exemplo das limitações à liberdade da aparência feminina. Tal cena impacta negativamente a relação entre a mãe e a filha, pois esta sente que aquela, ao cortar de forma dramática os cabelos, abandona sua essência, tornando-se uma estranha. A fé exacerbada e a necessidade de pertencimento à uma igreja passam a ser atributos de grande relevância para a existência da mãe de Ifemelu. No Sábado de Aleluia, a mãe, de forma dramática e teatral, diz ver um anjo e receber uma nova mensagem religiosa. A partir de tal evento, a mãe de Ifemelu passa a saltar de igreja à igreja, em uma constante busca por libertação de demônios e em busca de prosperidade financeira. As cenas descritas por Adichie ressaltam a expansão do neopentecostalismo e o espírito do capitalismo em um contexto da modernidade periférica. A ideologia que está na base das igrejas neopentecostais acaba por

gerar uma nova moral para as mulheres, reforçar práticas conservadoras e cerceadoras, bem como disseminar a polarização entre fé x ciência¹⁹.

No romance, as novas igrejas permitem que a mulher volte a ter os cabelos longos e a mãe se liberta desta restrição. Porém, seu ponto de vista sobre a vida e a sociedade passa a ser claramente manipulado pelas igrejas, o que faz com que a mãe de Ifemelu carregue um ar cômico e teatral, e que passe a ser tratada de forma infantilizada por seu marido. A performance religiosa da esposa acaba por criar uma ruptura nas relações familiares, na qual filha e esposo repelem silenciosamente a figura materna.

Ifemelu é descrente da verdadeira potência que tais igrejas possuem de trazer prosperidade e operar milagres para os fiéis e para os pastores, porém, decide não confrontar sua mãe. Esquiva-se em frequentar a igreja como um ato de liberdade, um escape ao controle da mãe. Assim, a família torna-se conivente com as imposições religiosas trazidas pela mãe, sem problematizar verbalmente o poder que a instituição preenche da vida da mulher.

Ifemelu não achava que Deus dera aquela casa enorme e todos aqueles carros ao pastor Gideon, mas que, é claro, ele os comprara com o dinheiro das três coletas que eram feitas a cada culto, e não achava que Deus faria por todos o que fizera pelo pastor, porque isso era impossível, mas gostava do fato de a mãe ter passado a comer regularmente. O calor dos olhos dela voltara, havia uma nova alegria em sua atitude, e ela ficava sentada à mesa com o marido após as refeições e cantava bem alto quando estava na banheira. Sua nova igreja a absorvia, mas não a destruía. Tornou-a previsível e fácil de enganar. Dizer “Vou à aula de Estudos Bíblicos” e “Vou à Irmandade” eram as maneiras mais fáceis de Ifemelu sair sem ter de responder muitas perguntas durante a adolescência. Ifemelu não se interessava pela igreja e era indiferente a fazer qualquer esforço religioso, talvez porque sua mãe já fizesse tantos. (ADICHIE, 2014, p. 52).

Um terceiro exemplo no romance sobre como o cabelo é essencial para a identidade das mulheres ocorre no capítulo dezenove. Esta passagem revela como o cabelo acaba sendo uma representação de status social e atua como denúncia do racismo impregnado na sociedade norte-americana. O trecho está relacionado com o diálogo entre Ifemelu e Ruth – consultora de carreira da Universidade na qual Ifemelu é aluna. Ruth também é uma mulher afro-americana, porém, de pele mais clara que Ifemelu. A consultora, de forma a seguir o protocolo profissional, lança algumas perguntas a respeito dos objetivos e projetos profissionais da jovem, que está quase formando. Em um primeiro contato, Ruth a trata de forma distante e assertiva, propondo conselhos genéricos e previsíveis. A consultora parece

¹⁹ Para um debate sobre a religião enquanto instituição geradora de um espírito social, consultar a obra de Weber (2000), *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*.

ter consciência de que seria difícil para Ifemelu conseguir emprego, pois seu visto de moradia estava vinculado aos estudos e, uma vez que ela se formasse, não poderia mais residir nos EUA. Assim, a empresa que quisesse contratar Ifemelu, deveria ser responsável pelos documentos necessários para garantir sua permanência e pleitear o visto de trabalho. No mais, o diploma em comunicação não faz parte do rol de profissões aclamadas, nas quais imigrantes são extremamente necessários e vistos enquanto capital intelectual para a nação hospedeira.

Porém, como mencionado no capítulo 2 da presente dissertação, Ifemelu amplia seu trânsito social e cultural nos Estados Unidos da América através do relacionamento com Curt, um estadunidense branco e rico. Seu namorado consegue uma prestigiada entrevista de emprego em Baltimore para a namorada. “Ifemelu sentiu, em meio à sua gratidão, um pequeno ressentimento. Curt podia, com alguns telefonemas, rearranjar o mundo e obrigar tudo a entrar no lugar em que desejava que estivesse.” (ADICHIE, 2014, p. 220). Assim, ao reportar para Ruth que havia conseguido uma valorosa entrevista de emprego, a primeira reação da consultora foi de prudência: “Meu conselho? Tire essas tranças e alise o cabelo. Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego.” (ADICHIE, 2014, p. 220). Em consonância à orientação de Ruth, tia Uju reforça a necessidade da sobrinha em acatar aos padrões estéticos norte-americanos. Tia Uju, depois de muitos anos de estudo e trabalho, consegue validar seu diploma de medicina. Quando começa a trabalhar como médica, abandona o cabelo crespo com o intuito de melhorar sua aparência e passar maior confiabilidade enquanto médica. “Tia Uju havia dito algo parecido no passado e, na época, Ifemelu rira. Agora sabia que não deveria rir. ‘Obrigada’, disse.” (ADICHIE, 2014, p. 220).

Tal consentimento com a modificação da estrutura de seu cabelo não era desejado por Ifemelu. Porém, a personagem, que já morava no exterior por alguns anos, estava ciente dos jogos sociais que deveria participar e com quais estratégias deveria se apoiar a fim de garantir sua permanência nos EUA. Como esperado, o processo de relaxamento dos cachos provocou dores e feridas no couro cabeludo de Ifemelu. Curt não compreendeu a necessidade do alisamento e demonstrou frustração ao ver a namorada. Ifemelu, por outro lado, sabia que, naquela situação, precisava passar por esse ritual de aceitação social, ainda que fosse contra sua postura enquanto mulher africana.

À noite, ela demorou para encontrar uma posição confortável no travesseiro. Dois dias depois, partes de seu couro cabeludo estavam em carne viva. Três dias depois, havia pus ali. Curt queria que Ifemelu fosse ao médico e ela riu dele. As feridas iam sarar, disse, o que aconteceu. Mais tarde, quando passou

sem problemas pela entrevista de emprego e a mulher apertou sua mão e disse que “se encaixaria maravilhosamente” na empresa, Ifemelu se perguntou se a mulher teria achado a mesma coisa se ela tivesse entrado naquele escritório com a coroa espessa e crespa que Deus lhe dera, seu afro. (ADICHIE, 2014, p. 220).

Logo após o trecho acima, há a citação do texto do blog de Ifemelu. Na publicação, a jovem nigeriana discute um fato comum no cotidiano cultural norte-americano relacionado à hierarquização das minorias estrangeiras no país. De acordo com o texto do blog, todas as minorias raciais (judeus, latinos, asiáticos) sofrem algum nível de opressão, Porém, dentro do rol das minorias, os grupos mencionados acreditam ser melhores tão somente por não serem negros. A escritora argumenta que há um desejo do embranquecimento nos sujeitos minoritários. A partir da argumentação de Ifemelu, as minorias não desejam a pele branca por si, o que elas buscam é poder participar da sociedade usufruindo dos privilégios *WASPS*.

A jovem, depois de conquistar o trabalho desejado, atuando na área de comunicação e participando da sociedade estadunidense de forma cada vez mais prestigiosa, começa a ter novos questionamentos em relação ao seu cabelo. Este momento da narrativa retrata a vida de Ifemelu de forma a valorizar as conquistas sociais e afetivas da nigeriana. A vida profissional estável e o relacionamento com Curt são símbolos do sucesso da personagem. Quando liga para sua família, residente em Lagos, a personagem somente revela os pontos positivos da conquista do sonho americano. No entanto, o leitor tem acesso aos dilemas que continuam afligindo Ifemelu. O uso prolongado do alisante provoca queda e enfraquecimento dos fios. Além disso, para manter o cabelo bonito, precisa de um extenso ritual de cuidado, que não permite que a nigeriana possa praticar esportes que provoquem suor na cabeça, por exemplo.

É uma amiga, Wambui, que alerta sobre os perigos do uso de relaxantes para cabelo, que provocam enfraquecimento dos fios e machucados na pele. Wambui possui o cabelo crespo bem curto e natural, que na opinião de Ifemelu não valorizavam a beleza da amiga. Ainda assim, a influência de Wambui foi eficaz, a ponto de convencer a personagem a parar com o alisamento. Em mais uma cena, é através do encorajamento e ajuda entre mulheres que a personagem constrói sua emancipação estética.

Relaxar o cabelo é que nem ser preso. Você fica numa jaula. Seu cabelo manda em você. Não foi correr com o Curt hoje porque não quer suar e ficar com o cabelo crespo. Naquela foto em que me mandou, estava com ele coberto no barco. Está sempre lutando para fazer seu cabelo ficar de um jeito que não é o normal dele. Se o deixar natural e cuidar bem dele, vai parar de cair. Posso ajudá-la a cortá-lo agora mesmo. Não precisa pensar muito.”

Wambui parecia tão certa e foi tão convincente que Ifemelu procurou uma tesoura. Wambui cortou seu cabelo, deixando apenas dois dedos, as pontas que haviam crescido desde que ela o relaxara da última vez. Ifemelu olhou no espelho. Ela estava com os olhos enormes e uma cabeça enorme. Na melhor das hipóteses, parecia um menino; na pior, um inseto. “Estou tão feia. Dá até medo.” (ADICHIE, 2014, p. 226).

O corte de cabelo foi tão impactante para a personagem, que Ifemelu faltou trabalho por três dias consecutivos por ter vergonha de sua imagem. Ao voltar a trabalhar notou o estranhamento dos colegas ao ver o novo corte de cabelo. Alguns questionaram sobre o ato de Ifemelu, perguntando se o corte representaria algum ato político ou se estaria relacionado com sua sexualidade. Anos após a decisão de cortar, quando pediu demissão para voltar para Nigéria, uma personagem negra infere que Ifemelu havia sido demitida por conta do uso do cabelo natural.

Para além da esfera social, a decisão de abandonar as mechas alisadas gera insegurança no relacionamento entre a estrangeira e Curt. Ifemelu descobre que seu namorado está sendo paquerado por uma mulher branca, de longos cabelos lisos. Além disso, todas as antigas namoradas também tinham cabelos longos. A passagem indica que Ifemelu sente-se feia e diminuída perante os cabelos naturalmente lisos das antigas parceiras de Curt. Tal momento da narrativa também expressa a insegurança da mulher negra envolta em uma sociedade que contempla a branquitude. A solução encontrada por Ifemelu é esconder seus cabelos com lenços.

Ainda sobre a percepção social narrada por Adichie, o casal passa por algumas situações nas quais pessoas desconhecidas fazem comentários racistas e violentos em relação ao cabelo da mulher, revelando o peso do julgamento e da vigilância social nos corpos femininos. Ifemelu escreve no blog que não há exemplos de mulheres negras de pele escura que são amadas e desejadas nas produções midiáticas. A escritora argumenta que tais mulheres são retratadas enquanto empregadas gordas ou a melhor amiga da protagonista. Normalmente, elas possuem personalidade maternal e vibram com a conquista amorosa de outras mulheres (embora, elas mesmas não sejam vistas enquanto seres que mereçam ser amadas). Por isso, mulheres negras de pele escura depositam que, com a vitória de Barack Obama para presidência, elas possam reescrever seus papéis no cenário da produção artística de massa.

O processo de aceitação do cabelo natural e curto somente ocorre a partir do momento que Ifemelu entra em contato com outras mulheres negras que fizeram a transição capilar, cortando os fios alisados e adotando o penteado bem curto. Esta passagem revela que, ainda

que Ifemelu seja uma mulher com senso crítico aguçado e possua clareza sobre o racismo velado, no que tange o questionamento sobre valores de beleza impostos nos corpos femininos negros, ela titubeia ao renunciar aos fios longos. Ao ter contato com o site “FelizComEnroladoCrespo.com”- uma comunidade de mulheres que escolhem usar o cabelo natural - Ifemelu reinventa sua opinião sobre beleza. Mais uma vez, a obra de Adichie traz a importância do uso da tecnologia enquanto ferramenta de ampliação de informação e criação de uma comunidade virtual de empoderamento e identificação.

O debate sobre a escolha de como usar o cabelo como um marcador de papel social reforça as divergências entre o feminismo ocidental- no qual as demandas das mulheres brancas são centrais- e o feminismo negro. As mulheres brancas, obviamente, também sofrem imposições em seus corpos. No entanto, as mulheres negras estão inseridas em uma dinâmica social em que práticas de embranquecimento e intervenções capilares são demandas cotidianas para uma maior empregabilidade e aceitação social. Escolher deixar o cabelo natural remete à um ato de desobediência, radicalização, rebeldia e/ ou desleixo com o próprio corpo, em uma luta absurda e desigual de que uma parte do corpo precisa ser modificada e manipulada para que atenda às demandas de grupos sociais privilegiados.

Os personagens negros do romance exaltam a vitória de Barack Obama enquanto presidente dos Estados Unidos da América em 2008 como uma forma de empoderamento pessoal. Ter um presidente negro no século XXI é o resultado da conquista de todos os coletivos e movimentos sociais que lutaram em prol dos direitos civis. A eleição de 2008 é central para que Ifemelu sintasse reconhecida e pertencente na sociedade estrangeira. Por outro lado, nem mesmo Michelle Obama está livre dos jogos de adequação que as mulheres negras precisam participar em uma sociedade com a crença da identificação originária pautada na população branca.

Como denuncia Ifemelu em postagem em seu blog, Michelle Obama precisa alisar o cabelo para transmitir elegância e conformidade com o protocolo esperado de uma primeira dama. Mesmo o uso de um incômodo aplique parece mais coerente do que deixar o cabelo natural. O fragmento do blog revela o caráter político que o cabelo exerce e a necessidade do alisamento em determinados campos de poder:

Algumas mulheres negras, tanto americanas como não americanas, preferem sair peladas na rua a aparecer em público com seu cabelo natural. Porque, veja bem, não é profissional, sofisticado, sei lá, simplesmente não é normal. (Por favor, pessoal dos comentários, não diga que é a mesma coisa que uma mulher branca que não tinge o cabelo.) Quando você tem cabelo natural de negro, as pessoas acham que você “fez” alguma coisa com ele. Na verdade,

as pessoas com os afros e os dreads são as que não “fizeram” nada com o cabelo. Você devia perguntar à Beyoncé o que ela fez. (Nós todos amamos Bey, mas que tal ela mostrar, só uma vez, como é o cabelo que sai natural de seu couro cabeludo?) Eu tenho cabelo crespo natural. Que uso em afros, tranças, trança de raiz. Não, não é uma coisa política. Não, eu não sou artista plástica, poeta ou cantora. Também não sou natureba. Só não quero relaxar o cabelo — já estou em contato com muitas outras substâncias cancerígenas no meu cotidiano. (Aliás, será que a gente pode banir as perucas afro no Halloween? O afro não é uma fantasia, pelo amor de Deus.) Imagine se Michelle Obama se cansasse de toda aquela escova, decidisse usar o cabelo natural e aparecesse na televisão com o cabelo parecendo algodão, ou com ele bem crespo? (Nunca se sabe como a textura do cabelo de alguém vai ser. Não é incomum para uma mulher negra ter três texturas diferentes no cabelo.) Ela ia ficar linda, mas o pobre do Obama sem dúvida ia perder o voto dos independentes e até dos democratas indecisos. (ADICHIE, 2014, p. 322).

Os exemplos trazidos na análise da presente dissertação são utilizados com o propósito de ilustrar como a parte de um corpo pode ser lido como um capital social, propiciando uma ampliação de aceitação social ou o rechaçamento social. A partir desse jogo social, no qual mulheres negras são educadas desde sua infância por meio do contato com as outras mulheres da família e também ao frequentar salões de beleza, nota-se que a escolha por manter o cabelo natural ou por alisar será uma escolha individual. Aspectos como o contexto social, a fase de vida, as expectativas em relação à beleza feminina e as demandas por empregabilidade são variantes de extrema importância para o valor dado ao cabelo da mulher.

4.3 AS MULHERES E A LUTA POR DIREITOS CIVIS: PASSADO E PRESENTE, NORTE E SUL

Neste ponto, consideramos importante proceder com uma discussão a respeito da posição que a mulher negra ocupa na sociedade ocidental contemporânea, racista e sexista. Os movimentos de mulheres dos anos 1960 e 1970 que se difundiram no mundo, sobretudo no Ocidente, denunciavam a condição de desigualdade vivenciada pelas mulheres em relação aos homens e buscava uma sociedade mais igualitária para homens e mulheres. No mesmo período, os movimentos negros também ganharam força, trazendo à tona o racismo impregnado na sociedade. Tais movimentos ainda inspiram e fomentam coletivos e militâncias negras ao redor do planeta.

Ao longo da história, a mulher tem sido frequentemente representada como ser inferior ao homem, de menor capacidade intelectual a quem eram reservadas apenas as funções

domésticas. Esse tipo de representação feminina se deve, obviamente, à cultura de sociedades patriarcais e sexistas.

Segundo apontam as pesquisadoras brasileiras Izaura Rufino Fischer e Fernanda Marques (2001), na publicação de *Gênero e exclusão social*, historicamente, as mulheres foram alocadas em espaços secundários em relação aos homens. O artigo tem como argumentação central salientar as dificuldades em superar a exclusão social na qual as mulheres foram inseridas e debater as formas sutis de dominação e desigualdade de gênero:

As relações entre homens e mulheres, ao longo dos séculos, mantêm caráter excludente. São assimiladas de forma bipolarizada, sendo designada à mulher a condição de inferior, que tem sido reproduzida pela maioria dos formadores de opinião e dos que ocupam as esferas de poder na sociedade. (...) Rousseau vê a mulher como destinada ao casamento e à maternidade, Kant a considera pouco dotada intelectualmente, caprichosa indiscreta e moralmente fraca. Sua única força é o encanto. Sua virtude é aparente e convencional. Esses são alguns atributos imputados à mulher, que reforçam a base da exclusão do feminino na sociedade e cuja reversão tem tomado longo tempo das feministas na sua busca por construir conceitos de equidade entre os dois sexos, e tentado, dessa forma, tirar a mulher do ambiente propenso à exclusão. Essa iniciativa faz parte de uma guerra no campo das idéias que avança de forma heterogênea nas conjunturas sociais, econômicas, políticas e culturais em diversas partes do planeta. (FISCHER; MARQUES, 2001, p. 3).

O que se percebe, nesse sentido, é a valorização de um gênero, o masculino, em detrimento de outro, o feminino, ao qual foi reservada uma posição subordinada a qual alguns papéis são limitados, levando a uma divisão de recursos não igualitária, deixando o gênero masculino em posição claramente mais vantajosa. Seja no espaço doméstico, seja no âmbito público, as mulheres estão constantemente cerceadas dos dispositivos de poder, de mobilidade e de autogestão.

No caso específico das mulheres negras, o que se observa é que elas são precisam lidar com um duplo preconceito: o primeiro, por serem mulheres; o segundo, por serem negras. Há, em grande parte das sociedades contemporâneas, uma clara divisão do espaço público, que primeiro é reservado ao homem branco, em seguida à mulher branca, depois ao homem negro, e, por último, à mulher negra. À mulher negra são reservados os subempregos, os salários mais baixos. Seu corpo é frequentemente sexualizado, o que as torna vítimas de violência sexual em escala ainda maior do que a que atinge a mulher branca.

As autoras citam a pesquisa realizada no Brasil de 1990, na qual os dados numéricos confirmam a exclusão social sentida na vida regular da população. Como observam as

autoras, a condição de constante exclusão acaba por solidificar a própria identidade dos indivíduos. E, tal trajetória pessoal acaba sendo a trajetória das relações estabelecidas em sociedade:

Em 1990, no topo da escala de salário estava o macho branco, em relação ao qual a mulher branca ganhava em média 55,3%; o homem negro 48,7% e a mulher negra ou parda 27%. As diferenças convertidas em desigualdades alijam a mulher do exercício de atividades de maior prestígio e melhor remuneração. É a igualdade, num contexto social burguês, contribuindo para tornar o projeto neoliberal mais perverso. A igualdade pressupõe um ordenamento a ser alcançado através de políticas de equidade, pois são estas que consideram as diferenças e presumem as identidades. A diferença constitui uma face da identidade, ou seja, da relação entre o eu e os outros, sendo esta a forma de as diferenças serem construídas e percebidas. Nesse sentido, um indivíduo só pode ser portador e criador de conhecimentos, criador e executor de práticas quando se relaciona com os outros. A práxis é responsável pela construção das subjetividades que se objetivam por meio de novas práticas. Assim sendo, cada ser humano é a história de suas relações sociais. (FISCHER; MARQUES, 2001, p. 6).

Dessa forma, a mulher negra participa de inúmeros desafios para vencer as dificuldades do cotidiano. Primeiramente, ela precisa vencer a desigualdade de gênero. Depois, ela precisa vencer também a desigualdade racial, derivada do racismo, do preconceito e da discriminação. Ainda que a pesquisa seja referente à sociedade brasileira, tal condição não se limita à realidade do sul.

Na obra de grande prestígio e reconhecido valor para os estudos das condições das mulheres negras nos Estados Unidos da América, *Mulheres, raça e classe* (2016), a militante, pesquisadora e intelectual negra Angela Davis salienta a luta das mulheres negras desde o período da escravidão até as pautas do século passado. A obra tem por objetivo promover a investigação a respeito dos movimentos históricos que aconteceram nos Estados Unidos da América e que forjam a ideologia do *American way of life*. Davis (2016) destaca em sua obra como as políticas e relações raciais segregadoras foram alimentadas e promovidas por governantes e acatadas por parte da população estadunidense. Os movimentos citados na presente dissertação foram os de maior influência na história dos povos negros e, ainda hoje, revelam pautas e demandas pertinentes às condições da população de cor, especialmente à periférica. Sabemos que tantos outros movimentos e lutas por direitos civis aconteceram ao redor do globo, porém, não cabe citá-los na presente dissertação.

Sobre a formação da sociedade, pode-se dizer que diversidade cultural e pluralidade étnica são conceitos fundamentais para o entendimento do caldeirão cultural que compõe os

EUA. No Brasil, a cor de pele é o elemento que caracteriza primordialmente em qual grupo étnico a pessoa se autodeclara. Porém, no país do norte, a ancestralidade, a origem familiar e/ou comunidade na qual a pessoa habita possui um peso considerável na noção de identidade e pertencimento.

O término da Guerra Civil dos Estados Unidos da América (1861-1865) trouxe a emancipação para a população negra escravizada que anteriormente havia sido forçadamente levada para o sul do país. Porém, tal emancipação não garantiu direito à cidadania e incorporação aos meios de produção, aquisição de moradia digna e proteção jurídica. Assim como em outros países do continente americano, a simples libertação da população escravizada não garantiu a equiparação entre a população branca e os recém-libertos.

As condições econômicas e sociais da população negra continuaram degradantes. Parte da população liberta continuou a trabalhar nas lavouras do sul em troca de uma porcentagem da produção. Dessa forma, o trabalho produzido pelos negros permaneceu sendo análogo ao sistema de escravidão. Como descreve Angela Davis (2016), muitas pessoas negras romperam com o status de “escravas” para tornarem-se servas por dívida, uma vez que, uma das poucas saídas para a população liberta era aceitar o arrendamento de terras. Além disso, era comum que os negros fossem vítimas de detenção arbitrárias, o que garantia aos donos de terra grande potencial lucrativo, uma vez que estes poderiam utilizar a população carcerária como mão de obra.

Como resultado da emancipação, uma grande quantidade de pessoas negras se viu em um estado indefinido de servidão por dívida. As pessoas que trabalhavam como meeiras, que supostamente eram donas do produto de seu trabalho, não estavam em melhor situação do que quem trabalhava para quitar dívidas. Aquelas que “arrendaram” a terra imediatamente após a emancipação raramente possuíam dinheiro para saldar os pagamentos de aluguel ou para comprar o que precisavam antes da colheita da primeira safra. (DAVIS, 2016, p. 96).

Os corpos femininos continuaram a sofrer os abusos sexuais, mesmo após a emancipação. Muitas mulheres de cor eram tidas como presas masculinas, seus corpos ainda eram vistos como posse dos homens. Caso as mulheres negras resistissem aos ataques sexuais, poderiam ser criminalizadas e encarceradas. Retornando assim, ao ciclo de opressão e imposição no qual estavam imersas. Frequentemente, como pagamento de sua liberdade prisional, eram impelidas a trabalhar nas terras.

Como observou W.E. Du Bois, o potencial lucrativo do sistema de contratação de pessoas encarceradas persuadiu muitos proprietários de terras do Sul a investir exclusivamente na mão de obra carcerária - alguns deles empregando a força de trabalho de centenas de pessoas negras prisioneiras. Em consequência, tanto empregadores como autoridades estatais adquiriram um forte interesse econômico em ampliar a população carcerária. (DAVIS, 2016, p. 97).

Aqueles que conseguiram migrar para outras regiões dos Estados Unidos da América também enfrentaram preconceito e desafios para manter sua subsistência. Uma menor parte da população negra mudou-se para o norte dos Estados Unidos da América com o intuito de se libertar do trabalho nas terras e tentar construir uma nova vida como operários. Os trabalhadores negros tinham os piores cargos e as piores condições de trabalho. Às mulheres, restavam os “trabalhos mais sujos e com menores salários”. Grande parte das mulheres ainda estava alocada nas terras, nas cozinhas ou nas lavanderias.

Como descreve Davis (2016,), a população liberta rapidamente compreendeu que não havia reais motivos para celebrar a emancipação e que o direito ao voto, à educação e às condições de trabalho e moradia somente seriam conquistadas por meio das lutas políticas. As décadas seguintes foram marcadas por violentos confrontos entre a população liberta e a população branca.

Se na lei a população originária da África tinha conseguido a abolição da escravidão, no dia a dia, a mesma população ainda enfrentava os boicotes sociais, ira e linchamentos. A segregação era reforçada por meio de políticas estatais, como por exemplo, as Leis Jim Crow (1876 – 1965), que ordenavam que as instituições públicas devessem ter instalações separadas para a população branca, restringindo a população negra em espaços marginalizados, socialmente estigmatizados. Quando a representatividade máxima do poder democrático instaura políticas estatais racistas e discriminatórias, a população torna-se menos inibida em revelar a hostilidade e intolerância contra grupos minoritários. O movimento extremista *Ku Klux Klan* foi o mais conhecido por alimentar ondas de violência e promover o assassinato de diversos líderes negros que lutavam em favor da justiça social.

A última década do século XIX foi um momento crítico para o desenvolvimento do racismo moderno - seus principais pilares institucionais e as justificativas ideológicas concomitantes. Foi também o período de expansão imperialista para Filipinas, Havaí, Cuba e Porto Rico. As mesmas forças que tentavam subjugar as populações desses países eram responsáveis pela deterioração da situação da população negra e de toda a classe trabalhadora nos Estados Unidos. O racismo alimentava essas iniciativas imperialistas, ao mesmo tempo que era condicionado pelas estratégias e apologéticas do imperialismo. (DAVIS, 2016, p. 123).

A conquista por direitos civis nos Estados Unidos somente aconteceu devido aos inúmeros coletivos de resistência das pessoas negras, ao movimento ainda vigente *Black Power*, ao trabalho persistente dos intelectuais negros e pela resistência desse grupo populacional em reivindicar o direito à cidadania. W. E. B. Du Bois, Rosa Parks, Malcolm X, Martin Luther King Jr., Amelia Boynton Robinson, Bayard Rustin, Angela Davis foram alguns dos líderes de maior destaque e são tidos como representantes da intelectualidade negra.

Ainda que as Leis de segregação tenham sido derrotadas, a luta por um trânsito social pacífico, pela tolerância e pela reivindicação à representatividade governamental continuam em voga nas pautas do movimento negro contemporâneo e nos embates cotidianos dos indivíduos negros – em especial, aqueles que estão em situação de pobreza e marginalidade.

Grande parte das narrativas históricas e dos movimentos artísticos de maior amplitude alocam as pessoas negras em um espaço de invisibilidade ou marginalidade. Ao entender o conceito de marginalidade advindo da razão eurocêntrica, tem-se esse termo como algo essencialmente negativo. A posição marginal é aquela na qual nenhum ser poderia gostar de ocupar, é um espaço imposto, é o que resta. Estar à margem da cidadania, estar a margem das políticas públicas, a margem dos cargos de poder resultaria em uma anulação da existência em sua plenitude.

Patrícia Hill Collins (2016), no artigo intitulado *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento negro feminista* propõe um novo entendimento de como as mulheres negras ocupam as posições marginais e fazem uso criativo dos estímulos originários dos espaços marginalizados. De acordo com a intelectual e pesquisadora estadunidense, a história das mulheres negras envolve uma série de dispositivos e estratégias de dissimulação social que possibilitaram a sobrevivência em uma sociedade que massacrava o que era próprio da cultura das mulheres negras.

De forma a estremecer o olhar único sobre o que significa estar em um espaço periférico, a professora de sociologia lança uma ousada teoria sobre o uso criativo do status de *outsider within* que algumas feministas negras estão construindo- de maneira coletiva ou individual. O termo em inglês sugere que as mulheres negras transitavam por espaços domésticos, porém não eram consideradas agentes do mundo privado. Esse local social desigual criou condições para que as mulheres negras estivessem presentes em determinados jogos sociais como “estrangeiras locais”.

Como observa Collins (2016), mulheres negras participam do espaço doméstico de famílias brancas por gerações. Por terem a casa como o primordial local de trabalho, elas participavam da organização dos afazeres do lar com a tarefa de “insiders não pertencentes”. Assim, essas mulheres passavam grande parte da vida delas compondo núcleos familiares nas quais elas não tinham envolvimento afetivo.

Em sua pesquisa, Collins articula que esse lugar de *outsider within* permite que as mulheres afro-americanas possam construir um ponto de vista sobre si, sobre os jogos sociais e sobre a família branca de maneira peculiar. Uma vez que ocupam um espaço à margem, para elas, é possível ver de "fora para dentro quanto de dentro para fora". A pesquisadora não romantiza as dificuldades e obstáculos sociais nos quais as mulheres negras enfrentavam no período da escravidão e pós-libertação. O que Collins ressalta faz uma relação sobre as potências de estar em um lugar, construir tal *locus* e ainda assim, ser uma estrangeira. Isso ocorre porque a pessoa estrangeira estaria mais propícia a tratar com objetividade uma situação-conflito, com certo cuidado, mas também com indiferença, com certa habilidade de examinar padrões naturalizados com o distanciamento necessário. Diferentemente dos atores sociais pertencentes, que teriam uma ligação afetiva e mais passional com a própria cultura e estariam demasiadamente acostumados com o *status quo*. De acordo com a autora:

(...) precisamente porque para muitas mulheres intelectuais afro-americanas, "marginalidade" tem sido um estímulo à criatividade. Como *outsider within*, estudiosas feministas negras podem pertencer a um dos vários distintos grupos de intelectuais marginais cujos pontos de vista prometem enriquecer o discurso sociológico contemporâneo. (COLLINS, 2016, p. 101).

Dessa forma, Collins cria epistemologias que servem para entender o pensamento feminista negro atual. A autora defende que essa racionalidade é construída por mulheres negras para mulheres negras. Tal ponto de vista e entendimento de si e do outro possui uma perspectiva singular em um universo plural. Mulheres negras compartilham uma diversidade de experiências e maneiras de ocupar a sociedade, que são formadas a partir da especificidade de sua cultura local, classe e orientação sexual. Assim, o feminismo negro proposto por Collins está diretamente ligado às causas interseccionais nas quais as mulheres negras estão inseridas. "Portanto, temas universais que são incluídos nos pontos de vista de mulheres negras podem ser experimentados e expressos de forma distinta por grupos diferentes de mulheres afro-americanas."(COLLINS, 2016, p 102).

De acordo com a intelectual norte-americana, se há um dever do feminismo negro seria o de criar o maior número possível de experiências e pensamentos sobre a existência enquanto

mulheres negras. A partir dessa lógica, o feminino negro tem como grande contribuição desafiar e questionar os estereótipos – em grande maioria desumanizadores – nos quais as mulheres de cor foram alocadas e, conseqüentemente, criar caminhos para a autoavaliação, processo no qual as mulheres negras assumem o controle das imagens que vão produzir de si e não permitem a terceirização da definição sobre o que é ser uma mulher negra na sociedade.

Feministas negras têm questionado não apenas o que tem sido dito sobre mulheres negras, mas também a credibilidade e as intenções daqueles que detêm o poder de definir. Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posição de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade tem o direito de estarem nessas posições. (COLLINS, 2016, p. 104).

Ao discutir as considerações propostas por Collins em relação às mulheres negras devemos ter em mente que a intelectual destaca que, na sociedade atual, os arranjos desiguais de poder criaram sistemas interligados de opressão. Assim, não podemos pensar no aspecto social da mulher somente pelo recorte de gênero, sem examinar os aspectos de cor, grupo social, origem, idade, entre outros recortes. Em diálogo com o ponto de vista exposto por bell hooks, Collins ressalta que o sistema dualista, no qual insere as pessoas em caracterizações dicotômicas (branco/preto, mulher/homem, razão/emoção) naturaliza um elaborado sistema de opressão. Uma vez que as dicotomias não se realçam entre si, sendo opostas umas às outras, elas criam uma polarização que não permite criar igualdade na diferença. "Dessa forma, brancos dominam negros, homens dominam mulheres, razão é aclamada como superior à emoção em garantir a verdade, fatos superam opinião ao avaliar conhecimento e sujeitos dominam objetos." (COLLINS, 2016, p. 108).

Ao inserir a personagem Ifemelu nesse contexto de exclusão dicotômica, notamos que a personagem é constantemente tomada como o "outro". No arranjo limitador da visão binária de mundo, Ifemelu estaria alocada como a estrangeira, em contraposição ao ser local; mulher em oposição ao homem; negra em oposição ao branco, pobre em relação ao rico.

A teoria de Collins também elucida a construção da personalidade de Ifemelu. Ao interligar a teoria de Collins com o aspecto criativo que advém do lugar marginal, ressaltamos que a personagem Ifemelu se recria de forma holística e pessoal, rejeitando padrões pré-estabelecidos da experiência da negritude feminina imposta pela sociedade norte-americana.

Ainda sobre a potência da representatividade das mulheres negras, bell Hooks (2019) traz provocações condizentes com os debates sociais atuais. Na obra *Anseios: raça, gênero e*

políticas culturais, a intelectual estadunidense (HOOKS, 2019) tece uma série de reflexões sobre as representações da negritude na sociedade e na mídia, analisa os movimentos de cultura de massa na sociedade contemporânea e discorre sobre as relações entre cultura, raça e gênero a partir da perspectiva da mulher negra. A autora tem como sua base filosófica o socialismo e afirma que tal visão política é a contraproposta para as opressões e violências causadas no sistema capitalista. bell Hooks convoca os intelectuais e artistas negros a se posicionarem politicamente em suas obras e manifestos. No capítulo "A política da subjetividade negra radical", Hooks (2019) inicia seu texto citando o intelectual brasileiro Paulo Freire sobre a perspectiva da relação entre oprimido e opressor. Ambos aclamam que os sujeitos oprimidos socialmente deveriam protagonizar e reivindicar seu lugar político enquanto sujeitos - e não aceitar ser objeto dos jogos de poder.

A autora segue enfatizando que, historicamente, as populações negras foram inseridas na sociedade ocidental como marginalizadas, oprimidas, exploradas entre outras caracterizações que sinalizam uma ausência de liberdade. De acordo com Hooks (2019), a estratégia mais recorrente de aclamação pelo direito a existir ocorreu por meio da resistência. Resistir à violência, resistir ao preconceito, resistir à precarização da condição humana. Resistir é uma maneira ativa de narrar o papel das pessoas negras na construção de sua história coletiva.

Divididos entre lutar por privilégios exclusivos da população branca norte-americana ou construir uma noção radical do sentimento pan-africano, a população negra precisou passar individualmente pelo desenvolvimento de consciência sobre si e sobre o entendimento social do que é ser negro. Assim, os movimentos do povo negro norte-americano do século passado estavam divididos entre duas visões diferentes das pautas políticas: lutar por iniciativas reformistas ou construir iniciativas revolucionárias.

Nenhuma das duas vertentes foi eficaz em edificar um novo olhar sobre uma possível liberdade radical, especialmente no que toca a situação da mulher. Hooks enfatiza que o machismo – presente mesmo no movimento negro- minou a luta pela libertação das mulheres.

A análise retrospectiva da luta pela libertação negra nos Estados Unidos indica até que ponto as ideias sobre "liberdade" se baseavam na emulação do comportamento, do estilo de vida e, acima de tudo, dos valores e da consciência dos colonizadores brancos. Boa parte da reforma dos direitos civis reforçou a ideia de que a libertação negra deveria ser definida pelo acesso dos negros às mesmas oportunidades materiais e aos mesmos privilégios disponíveis aos brancos - emprego, moradia, educação, etc. E, muito embora o movimento negro radical dos anos de 1960 repudiasse a imitação dos brancos, preferindo se basear em conexões pan-africanas, sua

visão sobre a libertação não era especialmente revolucionária." (HOOKS, 2019, p. 56).

Assim, o machismo acabou atuando como uma força debilitante do movimento negro de maneira geral. Ao recordar as pautas políticas dos líderes negros do século passado, Hooks relembra que não havia espaço para uma ampla revisão dos papéis de gênero e que os homens negros acabavam exercendo um poder sobre as mulheres negras. Devemos ressaltar que o patriarcado continua a estabelecer relações de submissão em todos os grupos que performam o feminino. Em diferentes níveis e com diferentes roupagens, ainda vivemos as limitações e violências da naturalização do machismo.

Hooks (2019) destaca o desafio atual dos movimentos feministas em promover uma nova perspectiva sobre as políticas em prol da população negra no que tange os papéis de gênero. A militante, inclusive, destaca o afastamento das demandas das mulheres negras e dos homens negros dentro do movimento.

O movimento feminista contemporâneo ainda não teve um impacto revolucionário sobre o pensamento político negro. Politicamente, os homens negros continuam a assumir papéis de liderança política, raramente dedicando sua atenção à necessidade de mudança na forma de pensar sobre gênero (...). Nesse cenário cultural, uma clara polarização surgiu entre muitos homens e mulheres negros, sugerindo que nossas preocupações não são as mesmas, que não compartilhamos as bases comuns onde podemos nos enganar no diálogo crítico sobre estética, gênero, políticas feministas. (HOOKS, 2019, p. 58/59).

Uma vez reconhecidos os impasses das demandas entre homens negros e mulheres negras, a autodeclarada intelectual socialista defende que o espaço das artes, especialmente da literatura, é o ambiente no qual as representações contra-hegemônicas ganham maior força e representatividade. Ela cita o exemplo de diversos romances escritos por mulheres negras, que revelam os desafios doméstico e a submissão imposta às personagens femininas. Dessa forma, de acordo com a intelectual norte-americana, a ruptura da representação binária e limitante no qual mulheres são inseridas é construída por artistas que se colocam a margem da produção meramente comercial. Portanto, a produção cultural dos artistas negros, que possuem como compromisso a defesa dos valores de esquerda, atua como instrumento de recriação radical do discurso da subjetividade negra.

O foco em imagens boas ou ruins está mais fundamentalmente conectado ao dualismo metafísico ocidental que serve de base filosófica para a dominação racista e machista, do que a uma tentativa radical de repensar as identidades

culturais negras. Ao mesmo tempo em que o foco na formação de um cânone legitima o trabalho criativo de escritores negros nos círculos acadêmicos, ele também reforça o conceito branco hegemônico de cânone autoral. (HOOKS, 2019, p. 62).

A partir desse entendimento da construção da identidade negra, Hooks propõe que um dos caminhos para a comunidade negra seria explorar cenários marginais, abolir uma noção reducionista dualista, tampouco reforçar representações identitárias essencialistas. De forma audaz e controversa, mesmo dentro das diversas frentes do movimento negro, Bell Hooks sugere que, para que aconteça a mudança radical da subjetividade negra, é necessário repensar a relação construída a partir do olhar do outro. É de extrema urgência criar epistemologias negras e descentralizar a forma na qual as instituições brancas vêm legitimando seu lugar de prestígio social, de forma a rejeitar a necessidade do reconhecimento dos grupos hegemônicos.

Quando sujeitos negros expressam múltiplos aspectos de nossa identidade, que emergem de um local distinto, não é raro que passemos a ser vistos pelos outros brancos como um "espetáculo". (...) Para que possamos retirar a centralidade do outro opressor, recuperando nosso direito à subjetividade, é fundamental que insistamos em determinar como somos, sem depender de respostas colonizadores para estabelecer nossa legitimidade. (HOOKS, 2019, p. 67-68).

Tanto Collins (2016), quanto Hooks (2019) enxergam a urgência em inscrever a história da população negra por sua própria mão. Ambas as autoras assumem que o movimento negro precisa ser um movimento político presente nas manifestações artísticas, culturais e nos movimentos urbanos.

Apesar de reconhecermos que cada sociedade demanda mudanças intrínsecas no que tange as pautas sociais das mulheres negras, ao levantar dados bibliográficos para a presente pesquisa, reconhecemos pontos convergentes dos obstáculos debatidos pelas autoras do norte e os textos da brasileira Djamila Ribeiro.

A ativista do feminismo negro e filósofa, Djamila Ribeiro publica em 2018 a obra *Quem tem medo do feminismo negro?* De forma didática, Ribeiro explica o que é racismo e como ele ocorre em práticas cotidianas na sociedade brasileira. De maneira análoga ao blog de Ifemelu, Djamila Ribeiro propõe uma conversa informal e extremamente educativa com o leitor. A obra da intelectual negra brasileira tem por objetivo lembrar os temas debatidos pelas principais estudiosas do movimento negro estadunidense e do feminismo nacional.

A cada capítulo, Ribeiro (2018) reconta algum acontecimento histórico ou cultural claramente racista e opressor, porém ainda naturalizado na sociedade brasileira. Invisibilidade

de pessoas negras nos programas de tv, fantasias carnavalescas ultrajantes, representatividade política quase inexistente, piadas que escondem preconceitos são exemplos dos temas problematizados por Ribeiro.

A filósofa inicia sua obra com o seguinte conceito: "o feminismo negro não é uma luta meramente identitária, até porque branquitude e masculinidade também são identidades. Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos."(RIBEIRO, 2018, p. 7). Dessa forma, a autora sinaliza que o feminino precisa ser um movimento ligado diretamente ao fazer político da real massa da população brasileira, no qual as especificidades das mulheres negras sejam atendidas. Ainda de acordo com as representações criadas por Adichie, a autora brasileira reforça o caráter descentralizador dos femininos negros e as potências desse movimento em reconhecer os saberes locais:

Também foi o feminismo negro que me ensinou a reconhecer diferentes saberes, a refutar uma epistemologia mestre, que pretende dar conta de todas as outras. O saber da minha avó, benzedeira, é um saber como qualquer outro. Até hoje sei que chá de boldo é infalível para curar ressaca e que álcool com arnica cicatrizada picadas de mosquito. Valorizar o saber das ialorixás e dos babalorixás, das parteiras, dos povos originários é reconhecer outras cosmogonias e geografias da razão. Devemos pensar uma reconfiguração do mundo a partir de outros olhares, questionar o que foi criado a partir de uma linguagem eurocêntrica. (RIBEIRO, 2018, p. 22).

O texto de Ribeiro exterioriza os laços de proximidade entre a realidade da sociedade brasileira e a sociedade norte-americana no que corresponde o lugar da mulher negra. A autora do sul também exalta o potencial criativo que nasce quando o sujeito encontra-se a margem e a importância de tal fenômeno para o entendimento de si enquanto ser social. O empoderamento acontece a partir do contato com formas não-eurocêtricas de reconhecimento de si e do outro:

Entender a cosmogonias africana e outras geografias da razão foi um instrumento de empoderamento para mim, assim como ler Patrícia Hill Collins me fez enxergar a importância de tirar proveito do lugar de marginalidade que nos foi imposto. Isso é fundamental para entender que o "não lugar" de mulher negra pode ser doloroso mas também potente, pois permite enxergar a sociedade de um lugar social que faz com que tenhamos ou construamos ferramentas importantes de transcendência. Talvez aí eu tenha percebido a estratégia de ver a força da falta como mola propulsora de construção de pontes. (RIBEIRO, 2018, p. 23).

Assim como bell Hooks, Djamila Ribeiro ressalta a necessidade de inventar formas radicais de socialização, nas quais nenhum ser esteja em situação de violência, nem seja

submetido à um grupo hegemônico. Tais como as correntes socialistas do feminismo negro norte-americano, a autora brasileira também aponta para a necessidade de uma construção de uma sociedade pautada na quebra de privilégios e na destruição da desigualdade entre povos e grupos sociais:

Pensar novas epistemologias, discutir lugares sociais e romper com uma visão única não é imposição- é busca por coexistência. Ao quebrar a máscara, estamos atrás de novas formas de sociabilização que não sejam pautadas pela opressão de um grupo sobre outro. Ao pensar o debate de raças, classe e gênero de modo indissociável, as femininas negras estão afirmando que não é possível lutar contra uma opressão e alimentar outra, porque a mesma estrutura seria reforçada. Quando discutimos identidades, estamos dizendo que o poder deslegitima umas em detrimento de outras. O debate, portanto, não é meramente identitário, mas envolve pensar como algumas identidades são aviltadas e ressignificar o conceito de humanidade, posto que as pessoas negras em geral e mulheres negras especificamente não são tratadas como humanas. (RIBEIRO, 2018, p. 27).

Em consonância à perspectiva de Ifemelu, que acusa em seu blog os atos mais cotidianos do racismo nos EUA, Ribeiro alerta em sua obra que há um costume social que diz sobre certo grau de amenização do racismo. A relativização das práticas racistas acaba por mascarar os reais prejuízos sociais da hierarquização das raças. Todas as autoras negras citadas na presente pesquisa ocupam-se em demonstrar que a discriminação por cor vai muito além dos atos entre cidadãos. O que há, de fato, é uma organização política que privilegia pessoas brancas. "Algumas pessoas pensam que ser racista é somente matar, destratar com gravidade uma pessoa negra. Racismo é um sistema de opressão que visa negar direitos a um grupo, que cria uma ideologia de opressão a ele" (RIBEIRO, 2018, p. 39).

Por mais que no presente trabalho o foco principal seja a representatividade das mulheres negras no trabalho literário, acreditamos que o apontamento de Djamilia Ribeiro em relação à maior necessidade da representatividade de mulheres em cargos de poder político seja de extrema pertinência. Movimentos da arte e movimentos sociais andam alinhados, tanto enquanto pauta, como o aspecto estético. Assim, cogitar que a literatura possa servir como motor de engajamento político tem sido um caminho trilhado pelos artistas contemporâneos- cada vez mais alertas às causas sociais e atuantes nas redes sociais.

Ribeiro destaca que, para além de pontuar sobre a representatividade feminina, os atores políticos devem questionar quem são as mulheres a ocupar tais cargos e quais grupos elas estão representando. Seguindo a mesma lógica, Adichie discorre sobre uma ampla gama de personagens femininas com o intuito de expor uma larga representatividade das mulheres do sul.

Desejamos que mais obras de autoria feminina contribuam para o cenário da produção literária e artística, abrindo caminhos para uma representação mais plural e mais democrática das formas de experimentar a vida. Que vozes dissidentes sejam somente vozes e que o conceito de minoria social seja um dado ultrapassado no catálogo das temáticas das Ciências Humanas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa desenvolvido até o momento é fruto da busca por promover reflexões e suscitar questionamentos acerca dos temas que emergem da sociedade contemporânea e estão presentes nas temáticas da Literatura pós-colonial. Ao eleger o romance de Chimamanda Ngozi Adichie tivemos a possibilidade de repensar os múltiplos espaços que o sujeito migrante pode ocupar na sociedade atual, criando representatividades que vão além da subalternidade deliberada, do imaginário destinado à mulher africana deslocada dos países do Sul.

Chimamanda tem recebido legítimo reconhecimento no ambiente literário. Suas publicações são aclamadas pela excelência estética, pela relevância das temáticas citadas e pela coragem por trazer temas socialmente hostis, tais como a violência contra mulher, a influência da religião nos corpos femininos, machismo, racismo, violência colonial, corrupção e as contradições entre o sul e norte do mundo. Ao longo dos dois anos de pesquisa, nos deparamos com um diverso montante de publicações que se ocupam em analisar a obra da escritora. As pesquisas das primeiras décadas do século XXI mostram-se, ainda que tardiamente, mais abertas em estudar vozes silenciadas, temas tabus e grupos minoritários.

Tal como esperamos dos escritores que trazem o debate político para a literatura, além de seu trabalho enquanto acadêmica e escritora, Chimamanda Adichie coloca-se presente em entrevistas para jornais e programas televisivos, conferências e palestras. Adichie também participa ativamente rede social *Instagram*, ambiente virtual no qual escritora, professora, palestrante, mulher negra, feminista e intelectual coabitam harmoniosamente. Bem como sua obra literária transmite ao leitor a noção de multiplicidade de identidades e fluidez entre culturas, Chimamanda, constantemente reforça ser a mulher nigeriana que constrói trânsitos sociais e políticos para além da terra natal. Há um esforço e desejo por parte de Chimamanda em colocar-se enquanto uma escritora que está presente na sociedade real, que não se tranca no gabinete, tampouco mergulha unicamente no universo ficcional.

Ao longo da presente dissertação, tratamos de evidenciar os temas que saltam de forma lancinante do romance *Americanah* e que estão presentes nos debates dos arranjos sociais pós-coloniais. Percebemos a maestria da forma literária, das construções dos personagens, na presença da língua inglesa e da língua igbo e na organização não-linear da narrativa. A partir dessas evidências, entendemos que os aspectos estilísticos do romance estão diretamente ligados ao fazer literário contemporâneo: o embate em relação à alteridade, a aceitação da fluidez das relações, a diversidade cultural, a ressignificação do local de origem, a constante reinterpretação de si. Tal aspecto é revelado através das falas e ações dos personagens.

Porém, ainda que seja uma crítica ao mundo atual e desvende as negociações que os jovens africanos precisam advogar para transitar no ocidente, o romance estudado, em nenhum momento, transparece um tom etnográfico. Isso se dá por conta dos aspectos do sensível, do subjetivo, da beleza estética da narrativa. Ifemelu experimenta o amor, a paixão, o medo, a curiosidade. Ela mostra-se intrépida, com uma postura que confronta os valores patriarcais e religiosos nigerianos. Ao mesmo tempo, ela também é uma personagem que sofre, que trai, que é conivente com as falas preconceituosas dos brancos norte-americanos. Obinze possui traços do jovem de classe média contemporâneo: culto e escolarizado, habita os espaços mais cosmopolitas de Lagos e circula pelo ambiente multicultural nigeriano. No entanto, repete o enredo convencional do casamento por aparência, da família forjadamente feliz, do alto empresário, que aceita participar dos jogos de corrupção.

A junção dos aspectos sociais na obra literária, com os aspectos emocionais dos personagens, cria uma narrativa vivaz e poética, que trafega pelas diversas camadas do ser - sem se limitar ou definir por estereótipos, aceitando as contradições e paradoxos inerentes aos humanos.

O romance de Adichie nos revela a história de um casal que dilacera com o reducionismo da identidade africana. Há dor, há injustiça social, há pobreza. Mas, há esperança, há prosperidade nos trópicos. Ao publicar uma obra que provoca diversos afetos no leitor, Chimamanda está revelando que os pontos em comum da experimentação da vida, dos temas que nos movem, das dores e conquistas, dos desatinos e dos valores que nos impulsionam em nossas relações são mais parecidos, mais universais do que poderíamos mensurar.

Gostaríamos de salientar que o discurso literário de Adichie e sua postura em relação ao mundo não estão delimitados e definidos com a finitude da presente pesquisa. A autora continua provocando debates a partir da publicação de novos textos. Da mesma maneira,

entendemos que os resultados apresentados na presente pesquisa foram consolidados a partir de um recorte de teóricos pós-coloniais, multiculturalistas e desejosos por uma aclamação e promoção de um novo fazer literário. Outras perspectivas, novos olhares e abordagens plurais sobre o romance publicado em 2014 contribuem para o desenvolvimento da crítica literária.

REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. The African writer and the English language. In: WILLIAMS, Patrick, CRISTMAN, Laura. **Colonial discourse and postcolonial theory**. New York: Columbia University Press, 1994, p. 428-434.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. New York: Anchor Books, 2013.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **We should all be feminists**. New York: Vintage Short, 2014.
- APPIAH, Anthony. **In my father's house: Africa in the philosophy of culture**. Oxford: Oxford University, 1992.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- BEAUVOIR, Simone. **The second sex**. Paris: Vintage Books, 2011.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- BLACKBURN, Robin. **A construção do escravismo no novo Mundo, 1492-1800**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BRAGA, Cláudio R. V. **A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora**. Brasília: Universidade de Brasília, 2019.
- CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida da da Silva (orgs.) **Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CARREIRA, Shirley de Souza Gomes et al (org). **Travessias: estudos de literatura e imigração**. Belfort Roxo: UNIABEU, 2015.
- CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. A interpretação da lembrança e do esquecimento. In: CARREIRA, Shirley de Souza Gomes et al (org). **Travessias: estudos de literatura e imigração**. Belfort Roxo: UNIABEU, 2015. p. 13-18.
- CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. Nas dobras da memória: identidade e pertencimento em Nihonjin, de Oscar Nakasato. In: CARREIRA, Shirley de Souza Gomes et al (org). **Travessias: estudos de literatura e imigração**. Belfort Roxo: UNIABEU, 2015. p. 19-32.
- CARREIRA, Shirley de Souza Gomes; PESSANHA, Andréa Santos da Silva. Identidade, deslocamento e mobilidade cultural. In: CARREIRA, Shirley de Souza Gomes et al (org). **Travessias: estudos de literatura e imigração**. Belfort Roxo: UNIABEU, 2015. p. 5-12.
- CESAIRE, Aimé. **O discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

CUSTÓDIO, Fábio da Silva; SARAIVA, Célio dos Santos. A saga dos imigrantes indianos nos EUA: diáspora, choque cultural, assimilação e reinvenção, na ficção de Jhumpa Lahiri. In: CARREIRA, Shirley de Souza Gomes et al (org). **Travessias: estudos de literatura e imigração**. Belfort Roxo: UNIABEU, 2015. p. 33-50.

DAVIES, Carole Boyce. **Black woman, writing and identity: migrations of the subject**. Abingdon: Routledge, 1994.

DAVIS, Angela. **Women, race and class**. New York: First Vintage Books, 1983.

FICHER, Isaura Ruffino. Trabalho para discussão: gênero e exclusão social. In: **Fundação Joaquim Nabuco**, 2001. Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/TPD/article/download/928/649>. Acesso em: dezembro de 2019.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUQUET, Carlos. **O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil (1808-1824-1974)**. São Paulo: Instituto Hans Staden/ Federação dos Centros Culturais, 1974.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. **The madwoman in the attic: the woman writer and the nineteenth-century literary imagination**. Second edition. 1979, 2000.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Rio de Janeiro: 34, 2012.

GOODMAN, Charlotte. "The Lost Brother, the Twin: Women Novelists and the Male-Female Double Bildungsroman." **NOVEL: A Forum on Fiction**. 17: 1 (1983): 28-43.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

HARARI, Yuval Noah. **21 lessons for the 21st century**. New York: Spiegel & Grau, 2018.

HARARI, Yuval Noah. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

HEWETT, Heather. Coming of age: Chimamanda Ngozi Adichie and the voice of the third generation. **English in Africa**, v. 32, n.1, p. 73-97, maio, 2005.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

JOHSON, Richard. **What is Cultural Studies anyway?** Department of Cultural Studies University of Birmingham, 1983.

KELLAWAY, Kate. Chimamanda Ngozi Adichie: 'My new novel is about love, race... and hair'. **The Guardian**. 07/04/2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/theobserver/2013/apr/07/chimamanda-ngozi-adichie-americanah-interview>. Acesso em: 04 maio 2019.

- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- MARMO, M.; Smith, E. Pre Crime, Mobility and Serious Harm in an Age of Globalization. In: **Borders and Transnational Crime**. Palgrave Macmillan, 2012.
- MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. A tese de Williams e o Antigo Sistema Colonial: notas sobre um debate clássico. In: **Hist. Historiogr.** n.º 11. Ouro Preto. Abril de 2013. p. 190-209.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- MENDONÇA, Tibério. Os movimentos populacionais. In: **A Geografia levada a sério**. 2011. Disponível em: <http://www.tiberiogeografo.com.br/texto/TextoUvaMovimentosPopulacionais.pdf>. Acesso em 30 de setembro de 2019.
- MIKULA, Maja. **Key concepts in Cultural Studies**. Basingstoke: Palgrave, 2008.
- MOORE, Carlos. **O racismo através da história: da Antiguidade à Modernidade**. 2007. Disponível em: <http://www.ammapsique.org.br/baixar/O-Racismo-atraves-da-historia-Moore.pdf>. Acesso em dezembro de 2019.
- MOORE, Carlos. Racismo e sociedade. In: GELEDÉS. **Carlos Moore desconstrói senso comum sobre o racismo**. Entrevista. 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/carlos-moore-desconstrói-senso-comum-sobre-o-racismo/>. Acesso em dezembro de 2019.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- NEVES, Miguel Santos e ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. As diásporas e a globalização – a comunidade de negócios chinesa em Portugal e a integração da China na economia global. In: OLIVEIRA, Catarina Reis e RATH, Jan (org.). **Revista Migrações - Número Temático Empreendedorismo Imigrante**. Outubro 2008, n.º 3. Lisboa: ACIDI, pp. 165-189.
- OLIVER-SMITH, Anthony. Theorizing Vulnerability in a Globalized World: a political ecological perspective. In: AFIFI, Tamer; JÄGER, Jill (Eds.). **Environment, Forced Migration and Social Vulnerability**. Heidelberg: Springer, 2010, p. 10-24.
- PERALVA, Angelina. Globalização, migrações transnacionais e identidades nacionais. São Paulo (Brasil) e Santiago (Chile): iFHC/CEPLAN. 2008. Disponível em: <https://fundacaoifhc.org.br/files/papers/436.pdf>. Acesso em 30 de setembro de 2019.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- RADHAKRISHNAN, Rajagopalan. **Diasporic meditations: between home and location**. Minneapolis: UP of Minnesota press, 1996.
- REES, Martha Woodson. **Immigration - Mexican female migrants**. University of Cincinnati, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODNEY, Walter. **De como Europa sudsarroló a África.** México: Siglo XXI Editores, 1982.

SAID, Edward. **Orientalism.** New York: Random House, 1979.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Epistemologies of the South and the Future. **From the European South**, v1, p. 17-29, 2016.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. In: **Psicologia Política**. vol. 10, nº 19 jan-jun 2010. p. 41-55.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil.** São Paulo: Publifolha, 2010.

SHEFTMAN, Erica. "Americanah" author Chimamanda Ngozi Adichie speaks at the Aspen Institute. **Huffpost**, 18/05/2014. Disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/americanah-author-chimama-b-4989124>. Acesso em: 04 maio 2019.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own.** Oxford: Princeton University, 1997.

SILVA, Louvani Fátima Sebastião da; LIMA, Fernanda da Silva. A questão racial no Brasil e as relações de gênero: um estudo do reflexo das desigualdades sociais, políticas e econômicas no cotidiano da mulher negra. In: **Anais**. Fazendo gênero 8: corpo, violência e poder. Florianópolis: 25 a 28 de agosto de 2008.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. Migrações econômicas: conceitos, aportes teóricos, motivações e implicações econômicas à luz do desenvolvimento na contemporaneidade. In: **Anais**. 1º Seminário de Jovens Pesquisadores em Economia e Desenvolvimento. UFSM: 2013. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/seminarioeconomia/images/anais_2013/1_MIGRAES-ECONMICAS-CONCEITOS-APORTES-TERICOS-MOTIVAES-E-IMPLICAES-ECONMICAS--LUZ-DO-DESENVOLVIMENTO-NA-CONTEMPORANEIDADE.pdf>. Acesso em 30 de setembro de 2019.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2000.

WILLIAMS, Eric. **Capitalism and slavery.** The University of North Carolina Press, 1994.
YOUNG, Robert J. C. **Postcolonialism: a very short introduction.** Oxford: Oxford UP, 2003, 200p.

ZANFORLIM, Sofia Cavalcante. Da diáspora às etnopaisagens: diversidade e pertencimento nas migrações transnacionais. In: **Matrizes**. v.10 - nº 3 set/dez. 2016 São Paulo – Brasil.